



Soares & Mendonça  
Cat. 35, N<sup>o</sup> 1059



Soares & Mendonça  
bat. 35, n.º 1059

De

Valentim Vieira Gomes.

Estimado pelas Gravuras



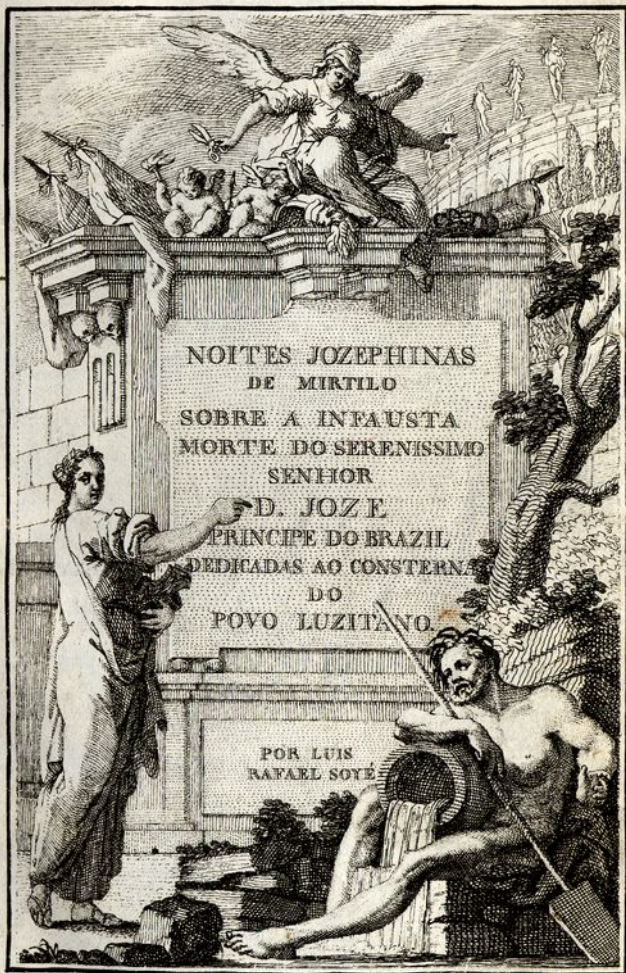




JOSEPHUS  
BRASILIAE PRINCEPS

*Silva sc. Clavo imperii moderando eximiis dotibus  
a Natura ditatus*





*Juan. Barr. inv.*

LISBOA

*a. sculp. Lx.*

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. ANNO M. DCC. LXXX.  
Com Licença da Real Meza da Commissão Geral, sobre o Exame,  
e Confirmação dos Livros.



1790

COMPRA

238848

d.

72887

MUSA SUBLIMIOR  
NATURÆ INTERPRES



LUIS RAFAEL  
SOYÉ

*Froni et p. Ser. de Barr. inv.*

*G. Frois sc. Lx.<sup>a</sup>*



1841





João Tomas da Fm. Inv.

Ventura da S. Exc.



# NOITE I.

1

**S**USPENDE, Atropos fera .ai! . ai! não cortes  
 Vida tão precioza... Mas... que vejo?  
 Desgraçados de nós!.. a Parca bruta  
 Os anneis da tizoura unio sem pejo.

2

Ai! . ai! . estremeceo .. o ultimo arranco  
 O leito fez tremer; .. a morte dura,  
 Bafejou-lhe o semblante... ah já nos olhos  
 Apagou mortal sopro a luz mais pura!

A Com-



3

Completou-se por fim o sacrificio...  
 A victima espirou... a final pena  
 Executada está... rompeo-se o laço...  
 Voou do corpo ao Ceo a alma serena.

4

Triste coração meu.. em pranto, em queixas  
 Derrama o teu pezar... os teus gemidos  
 Prendão os rios... e os ligeiros ventos;  
 Os penedos lamentem condoidos.

5

Troncos, já que abrandar-vos conseguirão  
 Mil vezes dos amantes os queixumes,  
 Chorai o maior damno, que podião  
 Talhar da Parca os encruzados gumes.

6

Chorai montes, e valles: chorai prados..  
 Faunos dos nossos bosques, e Napeias...  
 Chore todo o vivente, que respira  
 Do Minho, e Guadiana entre as areias.

7

Desventura cruel, feróz desgraça,  
 Porque offuscas de Lizia a feliz sorte?  
 Porque do Erébo na caverna escura  
 Affrouxaste o grilhão á crua morte?



8

A descarnada mão a Parca fera  
Sobre o peito lhe estende... Ah Lusitanos!  
Com ella do calor lhe extingue o resto...  
Lamentai... lamentai da morte os damnos.

9

Dia o mais infeliz de quantos dias  
A' costa occidental o Sol tem dado:  
Já que trouxeste tão fatal successo,  
Foge, fuge de nós arrebatado.

10

Entre affumada nevoa appareceste  
Sobre o nosso Horizonte macilento;  
Da tua commissão horrorizado  
Nas grutas s' escondeo gemendo o vento.

11

Encubriendo co' as mãos o rosto esquivo,  
Desce de Thetis ao Ceruleo feio;  
Já que cheios nos deixas de amargura,  
Vai teu leito buscar de mágoas cheio.

12

Vai-te, e por nossos ais quasi obrigada  
Venha a Noite mais sedo aos nossos montes:  
Negra filha do Cahos... mái do descanso,  
Vem de Lizia enlutar os horizontes.

A ii

Tu-

13

Tudo fórra da cor, de que tingidos  
 Temos os corações amargurados...  
 Vem de negro vestir os nossos valles,  
 Outeiros, praias, mar, bosques, e prados.

14

Tagides lindas... desgrenhai as tranças,  
 Dos ternos feios desterrai amores...  
 Nelles agazalhai de hoje em diante  
 Só tristes anfiãs, só pungentes dores.

15

Nadando ao cimo das ferventes aguas,  
 Ouvi a minha rouca voz confuza...  
 Chorai mais, que no placido Erymano  
 Entre as Irmãs chorou triste Faetusa.

16

E vós, ó Luzos, que a pesar dos ventos,  
 Que sólta, e prende Adamastor ufano,  
 Sem de Juno temer impunes dólos,  
 Nem as vinganças d'Eolo deshumano.

17

Mais destemidos, que de Tyro os pòvos  
 Em curvas pranchas por incerto rumo  
 Fostes de Calecut ferrar a areia,  
 Que primeiro sondou pezado prumo.

Vós,

18

Vós, que altivos pizando as meias Luas,  
 Rompendo armadas, barbaras falanges...  
 Levastes os grilhões, em que ficarão  
 Prezos os pés do embravecido Ganges.

19

Lusitanos! ... ouvi... ouvi tremendo...  
 Ah Mercurio! dos Deoses mensageiro,  
 Tu que animas da fama as cem trombetas,  
 Conta o fatal successo derradeiro.

20

Lusitanos, .. ai! .. ai! .. o alento falta...  
 Lusitanos, .. o pranto me suffoca...  
 Lusitanos, .. soltar a voz não posso...  
 Lusitanos, .. a dor secca-me a bocca.

21

Lusitanos; .. mas já o amargo pranto,  
 Tendo entre os roxos labios franca entrada,  
 A lingua humedeceo-me, que já secca  
 Estava ao paladar quasi pegada.

22

Com lingua pois banhada em pranto triste..  
 Coroado co' a rama do Cypreste...  
 Com face macilenta, errantes olhos,  
 Envolto em sepulcral, escura veste.

Com

23

Com voz, que cortão ais.. queixas.. soluços,  
 Ao dissonante som da negra Lyra ...  
 Myrtillo te annuncia o maior golpe,  
 Que podia vibrar dos Ceos a ira.

24

O vosso... ah crua Parca enfurecida!  
 Já que para o ferir tiveste alento,  
 Ajuda-me a espalhar o doce nome,  
 Que objecto foi do teu rigor cruento.

25

Vosso Principe amado... o virtuozo...  
 Jozé Augusto... Mas perdeis as cores?...  
 Vossos cabellos já o fusto eriça?...  
 Ah!. sim!. morreo!. soltai tristes clamores.

26

Já vistes n'outro tempo a medo o Téjo  
 Erguer sobre o seu leito crystallino  
 A cabeça croada d' espadana,  
 Para observar de Affonso o máo destino.

27

Lembraiv-os do pavor arrebatado,  
 Com que deixando o Pai, as claras aguas  
 Para Affonso estendeo, com são desejo  
 De poupar-lhe co' a vida as vossas mágoas.  
 Mas

28

Mas a pezar dos vossos vãos gemidos,  
Quando o Rio chegou já furiozo,  
O indomito animal c'os pés ferrados  
Terminára o seu fado desditozo.

29

D' hum pobre pescador na vil palhoça  
O vistes expirar acompanhado  
Da carinhoza mãe, da espoza terna,  
E do Rio, que a dor tinha espraiado.

30

Não he, Povo distinto, a vez primeira,  
Que te rouba nos Principes a Morte  
As tuas esperanças, quantas vezes  
O teu seio rasgou seu fatal córte?

31

Do terno Dom Miguel no peito brando  
O punhal não cravou atraçoada?  
Sem reparar, que do Leão ao throno  
Lhe dava a descendencia aberta entrada?

32

Do terceiro João o nono filho  
Desprezando ameaços do futuro,  
A enfurecida Parca fanguinoza  
Não levou dos Irmãos ao fim escuro?

Lá

33

Lá de Alcacer Seguer, quando o terreno  
 Com o fangue dos nossos foi regado,  
 Amargurada por teu Rei a fama  
 Os pêzames não deo ao mar salgado?

34

Do amavel Theodosio a gravidade,  
 O terno coração, saber prudente  
 Suspendêrão-lhe o braço por ventura?  
 Não fez espadanar seu fangue quente?

35

Mas tu, Povo fiel, já me respondes...  
 Nosso Augusto Jozé já promettia  
 Mais bens que Micerino, que Adriano  
 Derramarão no Povo, que os servia.

36

Alí Noite! que mais triste hoje ennegreces  
 O carregado ar, que respiramos,  
 Das nossas justas mágoas em obsequio,  
 Em attenção á dor, que supportamos.

37

Reprime hum pouco mais co' as fittas negras  
 O voo dos pardos mochos penugentos,  
 Que o teu carro conduzem denegrado  
 Sobre as espadoas dos cansados ventos.

Gy.

38

Gyra mais de vagar nosso terreno...  
 E já que nos fugio toda a alegria,  
 Dos afflictos mortaes amiga Noite  
 Nunca chegar a nós deixes o dia.

39

Pára, ... e escuta como ao som horrendo,  
 Com que raivozo o mar solto rebenta,  
 Nos cortados penedos escabrozos,  
 Que se cobrem de escuma macilenta.

40

Escuta as froxas vozes dolorozas,  
 Com que triste Myrtillo suspirando,  
 Da amortecida Lusitania busca  
 A vida despertar no seio brando.

41

Inspiraste a Young, a Hervey dictaste,  
 A Bertóla ensinaste a dar gemidos  
 Pelo sabio Clemente: a mim não deixes,  
 Jozé tambem merece os ais sentidos.

42

Mãi fecunda de Heroes, ó Lusitania,  
 A quem hoje o destino mais perverso  
 Que o louco Epymetêo, com mortal golpe  
 Sacrificar buscou ao fado adverso.

Di-

43

Ditoza Patria, a cujo illustre nome  
 Ainda ergue o Baxá o seu turbante,  
 A cujos estandartes respeitozo  
 Encolhe hum pouco os hombros Atlante.

44

Sentada nesta tua longa praia,  
 Que estás vendo deserta, sólta, sólta  
 As redeas ao teu pranto, chora, chora,  
 Em quanto em noite aqui te vês envolta.

45

Porém, a fim que a dor te não suffoque  
 Myrtillo, que em teu feio tens creado  
 Entreter-te deseja... Ouve-me attenta...  
 Por ora enxuga o pranto derramado.

46

Mas...ai!. que inda de Phebo o gyro certo  
 Não perturbou a nossa desventura!  
 Ravaillaques, e Probos sem abalo  
 Vê nas trévas entrar da sepultura.

47

Ao dia mais fatal já vem seguindo  
 Outro dia mais claro, e transparente,  
 A mãe de Mémnon já por entre as nuvens  
 Sólta o cabello mais que o Sol luzente.

A



48

A Noite já ligeira vai fugindo...  
Fujamos nós também... em cavas grutas  
Vamos humedecer com triste pranto  
Faces, que nunca devem ser enxutas.

49

Vamos, afflicta Lizia, e em diante,  
Quando virmos que o Sol já mergulhado  
Deixa entregue ao silencio, á escuridade  
O nosso ameno Téjo amargurado.

50

Quando ás curvas fatexas amarrados  
Deixarem os bateis os Pescadores,  
E levarem o peixe inda faltando  
Para nutrir d' Amor ternos penhores.

51

Quando Glauco, e Palemo com as Ninfas  
Descendo ás fundas lapas cavernozas,  
Cederem ao vapor das dormideiras  
Sobre as moles escumas salitrozias.

52

Quando todo o vivente adormecido  
Adquirir novas forças para a vida,  
A paz, que habita entre os já mortos homens,  
Será c' os nossos ais interrompida.

Trif-

53

Tristes ais enlutados foltaremos,  
 Que espalharão fizeis os nossos males:  
 Soarão nossos fervidos gemidos  
 Nos altos montes, nos profundos valles.

54

Filha do coração nossa tristeza  
 Rodeada de pávidos suspiros  
 Por entre as sombras, que de si bafeja  
 Da Noite seguirá errantes gyros.

55

Cedendo ao triste som dos nossos gritos  
 A pezada, voraz Melancolia  
 Solto o negro cabello, solto o manto  
 Fazer-nos-ha gemendo companhia.

56

Tantos serão os ais, tantas as queixas,  
 Que daremos ao ar entristecido,  
 Tantas as quentes lagrimas faudozas  
 Com que o chão ficará humedecido.

57

Tantos serão os intimos suspiros,  
 Que dos Ceos subirão aos altos cumes,  
 Que os Divinos talvez compadecidos  
 Ouvirão nossos lugubres queixumes.

Os

58

Os Deoses não são duros, nem tyrannos,  
 Não são barbaros, crus, não são perjuros;  
 São benignos, fieis, são piedozos,  
 Virtudes nutrem só nos feios puros.

59

Cedem á compaixão mui facilmente,  
 Achão doce prazer, doce alegria  
 Em resgatar a pobre humanidade  
 Da escravidão, da dor, e d'agonia.

60

Mudos nem sempre vem o innocente  
 Soffrer o pezo da injustiça infame,  
 A ambição dos Perséos nem sempre deixão  
 Que dos Demetrios as ruínas trame.

61

He verdade que virão focogados  
 Nas praias de Corinthe hum caço infausto;  
 O enteado de Fedra incestuoza  
 Virão á Furias vis feito holocausto.

62

A fatal onda virão montuoza,  
 Que rebentando sobre a solta areia,  
 Lançou do prenhe feio entre alva escuma  
 Monstro de catadura horrenda, e feia.

63

Virão delle affustados os cavallos  
 Lançando fogo, e fangue pelas ventas,  
 Os duros freios com furor mordendo  
 Ceder do crime á imprecações cruentas.

64

Os pés nas redeas fluctuantes prezos,  
 Todo o corpo gentil ao chão cahido,  
 Virão de rastos ir, em quanto o carro  
 O eixo não largou em dois partido.

65

O seu manto Real cortado virão  
 Pelas rapidas rodas, que soavão,  
 E cubertas as silvas dos cabellos,  
 Que os agudos espinhos lhe arrancavão.

66

O carro virão sobre agudas penhas,  
 Dos brutos c' o furor despedaçado,  
 Hippolyto infeliz virão quietos  
 Da vingança ao rigor sacrificado.

67

Capacete, e broquel virão quebrados,  
 As limpas armas com a quéda rotas,  
 Do seu vertido fangue sobre os feixos  
 Virão fumar as encarnadas gotas.

Vi-

68

Virão da Morte o nevoeiro escuro  
 Nos olhos apagar-lhe a luz da vida,  
 Virão nas azas d'um mortal suspiro  
 Sua alma pura aos altos Ceos erguida.

69

Hippolyto gentil, modesto, e nobre  
 Virão da vil paixão victima feito,  
 E a innocencia em Trezeno assim tratada  
 Deixaria de ter nos Ceos effeito?

70

Os Deozes justos sem perder instantes  
 Determinão croando o innocente,  
 E de Fedra punindo o brutal erro  
 Dar mais húa lição á humana gente.

71

Talvez que ouvindo as tristes mágoas duras,  
 Que publicando vão nossos gemidos,  
 Assim como em Trezeno se mostrarão,  
 Tambem por nós se mostrem condoidos.

72

De Tesêo, assim como o filho augusto  
 Da Parca despedaça o grilhão forte:  
 Talvez o nosso Principe adoravel  
 Possa quebrar tambem laços da Morte.

Tal-

73

Talvez aos Póvos, que por elle gritão  
 Concedido outra vez Jozé se veja;  
 C'o Hippolyto porém julgo o divizo:  
 Entre os Astros no Ceo...ah...fim...chameja.

74

Arbitra opinião...tu que absoluta  
 Os homens levas sempre onde desejas,  
 Phocas, e Cromwels tu que enthronizas,  
 Menzikofs, e Colberts tu que apedrejas.

75

Em obsequio á verdade, e mais virtudes,  
 Do futuro bom Rei Jozé segundo,  
 Quanto nelle perdemos, vai ligeira  
 Com pranto publicar por todo o mundo.

76

Este espesso vapor, que em nossos peitos  
 A penetrante dor turbida infesta,  
 Seccará pelos valles, pelos prados  
 Papoila, Malmequer, Lirio, Giesta.

77

Da Murta a branca flor, a Madre-silva,  
 Alvos Jafmins, candidas Boninas,  
 Tintas por elle ficarão mais negras,  
 Que os Esacos nas aguas crystallinas.

En-

78

Entre os já descarnados esqueletos  
 Na presença do tumulo severo,  
 Que encerra dentro em si o varão justo  
 Por quem entristecer as penhas quero.

79

Ao soar melancolico, e sentido  
 Das cordas, que a tristeza dezaфина,  
 Chorando espalharei quanto a Virtude  
 Dos homens a favor fábia me ensina.

80

Por Myrtillo jámais será cantado  
 O bruto frenezi, que a guerra inspira;  
 Ferozes Kouli-Kans de louro eterno  
 De Myrtillo croar não ha de a Lyra.

81

Do Principe Jozé a faudade  
 Meu plectro move sobre as negras cordas;  
 Da fábia Natureza ferei Vate  
 Rabida Inveja, inda que os pulsos mordas.

82

Hoje em meu coração extinta fica  
 A lembrança dos danos já soffridos:  
 Das feias sem-razões; tenções perversas;  
 Dos males por desvelos recebidos.

B

Os

83

Os homens forão taes em todo o tempo,  
 Por elles nunca o bem foi premiado:  
 Servillos quero em fim para vingar-me,  
 Podellos emendar não me foi dado.

84

A ambição de ser util aos humanos:  
 De virtudes louvar o alto desejo:  
 E em fim por dar á gratidão tributo,  
 Ao som da Lyra erguer a voz forcejo.

85

E como o extinto Humano, que choramos,  
 Além da distincção, que ao Throno o erguia:  
 Das Artes, e Sciencias no theatro  
 Só para o nosso bem se distinguia:

86

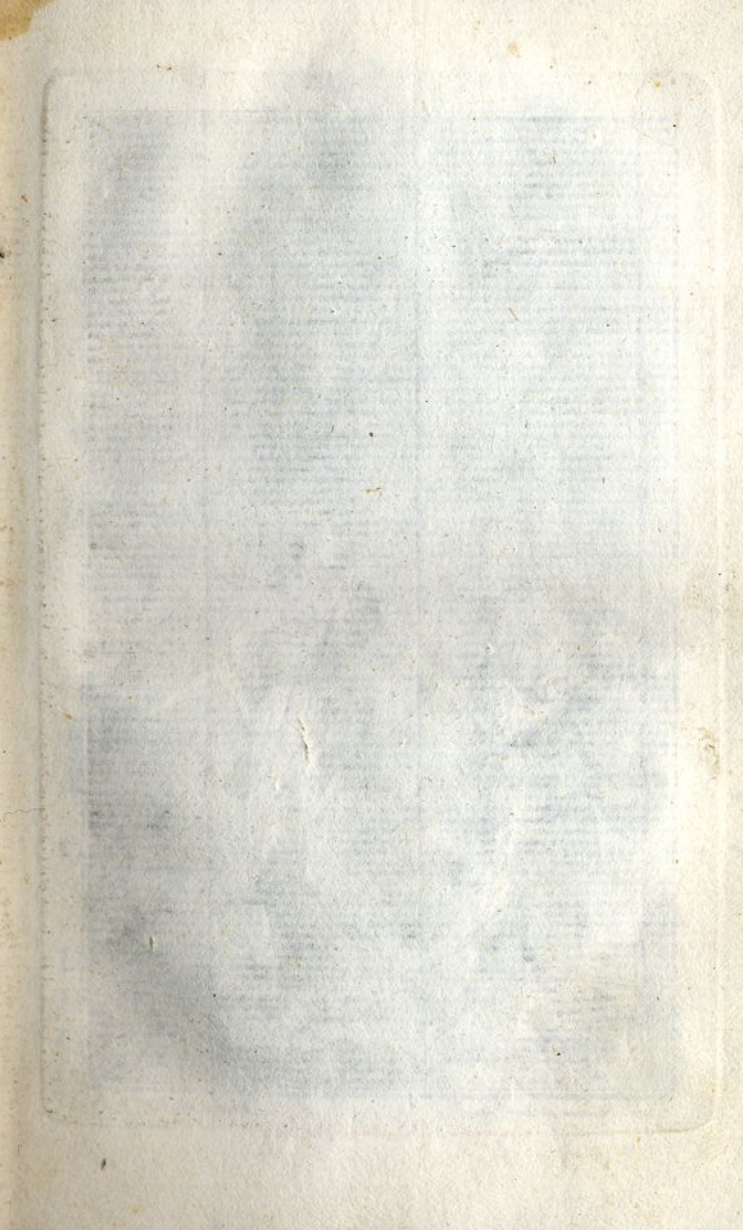
Das bellas Artes, das Sciencias claras  
 O importante favor invocaremos,  
 A fim de dignamente aos Póvos dar-mos  
 Versos com que seu Nome eternizemos.

87

Vamos, que já raiando vai o dia:  
 Adeos, Lizia fiel, a quem venero,  
 Na escura habitação dos mortos homens  
 Ao pôr do Sol para chorar te espero.

NOI-









## NOITE II.

I

**P**OR entre o nevoeiro escuro, e denso,  
 Que exhala este lugar sem fazer pausa,  
 Frustrando a opposição espessa, e negra,  
 Que do Sol creador aos raios cauza.

2

De Hesperion já se vê o filho amado  
 Descer ás verdes ondas somnolento:  
 Já cansado fuster não póde os brutos,  
 Que vão forver do mar o fresco alento.

B ii

Pe-

3

Pelo escuro Oriente vagarosa,  
 Já vem a triste Noite facudindo  
 As errantes madexas desgrenhadas,  
 Entre as quaes mil estrellas vem luzindo.

4

Com ella vem no tenebrozo carro  
 O timido Silencio pensativo...  
 Na mão esquerda traz firmada a frente,  
 Onde as azas desdobra hum genio esquivo.

5

Affustado quanto he.. quanto he medroso;  
 Tudo lhe faz pavor...treme com tudo;  
 Estremece ao sentir do vento os sopros..  
 Dos écos o intimida o som agudo.

6

Em fim, oh Lusitania, a saudade  
 Conduzio-me da morte ao triste azylo:  
 Entre os mirrados, mudos esqueletos  
 Teu Principe buscar veio Myrtillo.

7

He possivel que hum Principe formado,  
 Capaz de leis dictar ao mundo todo,  
 Houvesse de nascer tambem sujeito  
 A' lei fatal do organizado lodo!

Que-

8

Querida Lusitania, aqui fiquemos;  
Deixar não posso este lugar escuro;  
Que idéias não me inspira quanto vejo;  
Este dos homens he Lyceo seguro.

9

Empreguemos aqui o tempo todo,  
Que for gastando a Noite somnolenta,  
Em cercar nosso lugubre horizonte  
Após a triste Lua macilenta.

10

Hum sagrado temor desconhecido  
Prende meus curtos passos vacilantes:  
Receio... e não sei que... eu só divizo  
Amontoados ossos alvejantes.

11

Tu foste, Lizia, quem me conduziste  
Para em tudo cumprir o meu desejo,  
Da Morte ao domicilio... alvas reliquias  
Dos extintos mortaes sómente vejo.

12

Que frio regelando vai meus nervos!...  
O meu fangue nas veias se congela...  
Que espessa nevoa nos meus olhos pouza!  
Faminta a Morte devorar-me anela...

Es-

13

Estes mortaes symptomas sempre habitão  
 Esta das Parcas lúgubre morada...  
 Onde dormem em paz.;. onde descansão  
 Aquelles, cuja vida foi cortada.

14

Por nossa desventura aqui rezide  
 O Principe, que foi dos Luzitanos...  
 Chorai frios Espectros; convencei-nos  
 De que inda mortos fabeis ser humanos.

15

Qual affanhada serpe venenoza,  
 No afflicto coração que mal palpita,  
 O cruento pezar todo enroscado,  
 Seu venenozo humor quente vomita.

16

Supporto fim da mágoa a raiva toda  
 Ao ver na flor da idade sepultado  
 Nosso Principe amavel... Deoses justos,  
 Que gosto achais no pranto derramado?

17

Mas, Deoses, perdoai, que no meu feio  
 O damnozo pezar, e a mágoa he tanta,  
 Que me faz delirar... toda minha alma  
 Com o pezo das ansias se quebranta....  
 Aqui

18

Aqui habita o placido socego ;  
 Aqui os mudos ossos alastrados  
 Ensinão aos mortaes a arte preciza,  
 De fugirem no mundo aos vãos cuidados.

19

Depois de se despirem da materia,  
 De que andárão na vida revestidos:  
 Depois que por fieis ferem á terra,  
 Hoje sobre ella pouzão já despídos.

20

Em paz durando vão: e como entre elles  
 As posses são iguaes, da bruta inveja,  
 Não achando materia, em que se ceve,  
 O devorante ardor nunca chameja.

21

Essa nua caveira, que faminta,  
 A voraz podridão já descarnára,  
 Soffre em cima de si huns poucos de ossos,  
 Que inadvertido acazo lhe lançára.

22

E não se queixa... nem sequer se move,  
 Para mostrar que o grave pezo sente:  
 Se antes da oppressão calada estava,  
 Ao depois não murmura descontente.

E

23

E talvez dentro della já morasse  
 Alguma alma distinta, e ennobrecida;  
 E que os ossos, que muda está soffrendo,  
 Sejam de algum Tartufo Regicida.

24

Póde fer; mas pacifica nos mostra,  
 Que neste sitio escuro não dominão  
 Felizmente as riziveis differenças,  
 Com que os homens no mundo se arruinão.

25

A Coroa; a Tyara; o Elmo; a Toga  
 Tudo do Cemiterio á porta fica;  
 Aqui de todos he igual a sorte,  
 Igual a Parca nunca especifica.

26

Todos sem distincção no mundo entrárão,  
 Natureza a nenhum deo vestidura:  
 O Demonio do Sul, e seus escravos  
 Forão-se achar iguaes na sepultura.

27

Mas de donde procede, que no instante  
 De espirar os malvados Torquemadas,  
 Deixão com os humanos, que offendêrão,  
 Eternas pazes sem querer firmadas?

Don-



28

Donde vem que os Cartuxos , mais os Kirkes ,  
Ficão depois de mortos emendados ?  
E que de Ordonhos crus , ambiciozos  
A Morte faz espectros moderados ?

29

Effes já frios ossos por ventura  
Não são os mesmos affaffinos braços ,  
De que o inhumano Nunhes se fervia  
Para estalar da Natureza os laços ?

30

Pois de donde provêm , que em quanto vivos ,  
Sempre em fangue banhados praticavão  
Horrorozas cruezas , mil absurdos ,  
Que a vingança dos Deoses provocavão ?

31

Se a identica materia separada  
Do espirito a seus crimes põe limite ,  
Logo das almas vem sómente os erros ,  
Que viva a gente humana se permite.

32

Convençamo-nos pois de que a materia  
He para o bem , e o mal indifferente :  
Os braços são huns mudos instrumentos ,  
De que as almas abuzão fatalmente.

Emen-

33

Emendai pois, humanos, a substancia,  
 Que as vossas decizões livre dirige:  
 Corrige vossas almas; que a materia,  
 Tomando-lhes o exemplo, se corrige.

34

Do nascer, e morrer nos dois extremos,  
 Não basta Ceos a progressão constante,  
 Para que o homem já defabuzado,  
 Se amolde á vida entre elles semelhante?

35

Se ao nascer, e morrer fomos os mesmos,  
 Por que, por que na vida o não seremos?  
 Já que em fortuna ser iguaes repugna,  
 Ao menos nas tenções nos igualemos.

36

Aquelle, que embalou em berço de oiro  
 O Deos, que ás cegas repartio riqueza,  
 Não pize ao que nasceo em pobres palhas,  
 Alargue de feu circulo a estreiteza.

37

Nem o pobre infeliz, a quem sem culpa,  
 Hum Cynico por Pai a forte dura,  
 Mesquinha concedêra por inveja,  
 Despreze ao que nasceo com mais ventura.

Os

38

Os olhos não fecheis, oh loucos homens  
A' luz, que a sã verdade em vós derrama,  
Lembrai-vos que he traidor á humanidade  
Todo aquelle, que os outros bem não ama.

39

Imitai, homens, este Augusto humano  
A cuja campa venho dar gemidos:  
Morreo Jozé... mas entre nós ficarão  
Seus exemplos affás bem conhecidos.

40

Em fim, justa huma vez do mar a filha,  
Repartio com Jozé como devia...  
Nasceo Jozé já destinado ao Throno...  
Ninguem mostrou melhor que o merecia.

41

E quem vio deste Principe perfeito,  
Em toda a aproveitada, curta vida,  
Hũa acção.. quem lhe ouvio soltar hum termo,  
Que sua alma nos mostre corrompida?

42

Falla sem fusto torpe, vil calúmnia...  
Aguça a lingua rabida Impostura...  
Falso Interesse solta a voz, se podes,  
Livida Inveja teu veneno apura.

Quem

43

Quem o Principe vio hum só momento,  
 C' o resplendor do Trono alucinado?  
 Qual foi o pobre humano desvalido,  
 Que se visse por elle desprezado?

44

Quem a seus pés chegou banhado em pranto,  
 Que o não visse tambem enternecer-se?  
 De ser util aos homens no exercicio  
 Vacillante a Jozé, quem vio deter-se?

45

Em quanto de occupar o regio folio  
 O tempo não chegava... quantas vezes  
 Não descia ao seu povo, a quem alegre  
 Consolava do fado entre os revézes?

46

D' Atys, e Endymião ás lindas graças,  
 De Platão ajuntava a gravidade,  
 De ter nascido para Pai dos Póvos,  
 Ninguem deo mais sinaes na tenra idade.

47

Emulava dos Deoses a virtude:  
 Mais que Tito no bem se exercitava:  
 E quando contra o mal não tinha forças,  
 Os dois braços cruzando suspirava.

Quem

Sem-

48

Sempre foi da virtude amigo certo ,  
 Onde quer que a avistasse a protegia ,  
 E como affeito a ella , ou na indigencia ,  
 Ou revestida de oiro a conhecia.

49

Só delle se temia o vicio horrendo ;  
 Quando o via passar tapava o rosto :  
 Barbaros Arrisões , falsarios Guizas ,  
 Nunca nelle esperarão ter encofsto.

50

Este he Carlos feroz o trilho certo  
 De aos vindouros deixar faudozo nome ;  
 Pai da Patria não foi chamado nunca ,  
 Quem nutrio fó com fangue bruta fome.

51

Alexandre , Selim , Cezar , Antonio ,  
 Anibal , Tamerlão , Sefostris , Cyro ,  
 Bajaceto , Sultão , Xerxes , Dionyzio ,  
 Mitridates , Bazilio , Acmet , Buziro ;

52

Em quanto infelizmente respirarão ,  
 Seu raivozo furor os fez temidos ;  
 Mas no ditozo fim d'ũa tal vida ,  
 Gritos mil de prazer forão ouvidos.

Do

53

Do Livro, onde com fangue a Humanidade  
 Chorando põe em rol seus assassinos,  
 Meu Principe imitando risca o nome,  
 Como elle escreve-o apar dos Antoninos.

54

Jozé amava os homens, porque justo,  
 Conhecia o valor de cada humano;  
 Por não lhes dar valor desconhecido,  
 Buscou Filippe fer o seu tyranno.

55

Se á gloria felizmente acazo aspiras,  
 Não deixes pela falsa a verdadeira:  
 A falsa das paixões foi sempre alumna,  
 A outra he das virtudes companheira.

56

Se ateimas em seguir esse caminho,  
 Em que a ambição fatal teus passos guia,  
 Morrerás infeliz, e os teus vassallos  
 Cantando espalharão doce alegria.

57

Fazendo desgraçados a fortuna  
 Não terás, que Jozé entre nós teve:  
 Amou seu Povo, promettia amallo;  
 Dos Luzos ao morrer mil ais obteve.

Quan-

58

Quando o seu corpo em fim desanimado  
 Foi trazido com pranto á sepultura,  
 Tal foi do grato povo a dor vehemente,  
 Que até á Providencia chamou dura.

59

Os Reis na terra são dos altos Deoses  
 Delegados Ministros, são Juizes,  
 Que á imitação dos Deoses soberanos,  
 Os seus póvos fazer devem felizes.

60

Oh dos inclytos Cezares herdeiros!  
 Vossos póvos d'humanos são compostos,  
 Chorão quando se vem tyrannizados,  
 Quando em premio de amor colhem desgostos.

61

Disto mesmo vos dá hum novo exemplo  
 A Morte, que sanguinea anda pouzando,  
 Dos Tronos sobre as Cupulas doiradas,  
 Das Regias mãos os Sceptros arrancando.

62

Morreo Carlos Terceiro das Hespanhas  
 O mais benigno Rei, o mais humano,  
 E o povo ao seu favor agradecido,  
 Chora a perda fatal d'hum Pai sobrano.

Ma-

63

Manes, que n' outro tempo déstes vida  
 Aos brancos ossos, que espalhados vejo;  
 Respeitai o cadaver preciozo  
 Do Varão, por quem triste os passos rejo.

64

E a fim de inteiramente persuadir-vos  
 Da razão com que triste entre vós gemo:  
 Da justiça, com que eu aos Deozes grito,  
 E entregue ao crú pezar vacilo, e tremo.

65

Do Principe, que morto em vão choramos,  
 A feliz producção foi tão illustre  
 Nesse Coro Celeste, que os decretos  
 Firma sem susto de que alguém lhos frustre.

66

Entre os Deoses eternos, sábios, justos  
 Era tão precioza, e importante  
 Do alto Jozé a geração preclara,  
 Que a dotavão, quando inda era distante.

67

O Omnipotente Pai das Divindades,  
 Jove supremo, que dispõe de tudo:  
 Esse que do alto, pedregozo Orphino  
 A testa quebra com o raio agudo.

De-



68

Decidindo-se a dar á Humanidade  
 Hum tão perfeito Rei, tão excellente;  
 Que depois de o criar d'elle encantado  
 O assentou junto a si no Ceo luzente.

69

Quando antes de illustrar com suas luzes  
 D'hum tão célebre humano o nascimento  
 Astreia vizitar o Sol devia  
 Sessenta e huma vez, mais cento, e cento.

70

O olympico Tonante meditava  
 Na escolha da nação nobre, e potente,  
 A quem c' huma tal dadiva fizesse  
 Sobre as outras erguer croada a frente.

71

Em attenção ao filho delirante,  
 Que armado de Leão co' a força brava  
 Zelozo o defendêra da cohorte  
 Dos monstros, que abatello procurava.

72

Humas vezes de Bacco em justo premio  
 Queria do Indostão ao vasto Imperio,  
 Para honrar de Genghis-Kan o alto folio,  
 Em Jozé conceder hum Rei mais ferio.

C

Da

73

Da filha de Agenor doces lembranças  
 Outras vezes o inclinação aos Sydonios;  
 Que forão contra os mares mais forçozos  
 Que contra a Persia altiva os Macedonios.

74

Cheio destas idéas; todo entregue  
 A' escolha que a attenção lhe possuia,  
 De Acrizio passeava os frescos valles,  
 Que Danae carinhoza ennobrecia.

75

De occulta commissão com a resposta  
 De Maya se apresenta o filho alado:  
 Jove quanto em si volve lhe repete:  
 Hermes no Caduceo o ouve firmado.

76

Logo que expoz quanto no feio tinha  
 Encantado da nova creatura,  
 Que para ser modelo dos Regentes  
 Jupiter conceder aos homens jura.

77

Dos Talares fechando as aureas penas,  
 E puchando o galero da cabeça;  
 Obtida de explicar-se a liberdade  
 Mercurio voador assim começa:

Omni-

78

Omnipotente Deos, tremendo Jove,  
 Que nos futuros lês com vista aguda:  
 Tu ante cujos olhos fulminantes  
 O mesmo claro Sol de face muda.

79

Já que irado dos Reis contra os excessos  
 Cincoenta, e mais dous lustros gastar queres,  
 Em dispôr hum varão tão sublimado,  
 Que exercite na terra os teus poderes.

80

De entre todos os Povos, que espalhados  
 As quatro partes cobrem desse globo:  
 Inda a pezar do impavido Leonidas,  
 E do outro, que nutrio femea de Lobo.

81

A pezar dos Egepcios, Perfes, Gregos,  
 Carthaginezes, Scytas, e Romanos:  
 A pezar de Esclavonios, Parthos, Celtas,  
 Vandalos, Godos, Bulgaros, e Alanos.

82

A pezar dessas gentes portentozas  
 Por quem gritado tem a Fama tanto:  
 Esse preclaro humano, que preparas,  
 Deve entre os Luzos fer ao mundo espanto.

C ii

E

83

E a fim que, oh Deos, conheças quanto he justa  
 A dádiva, que dou ás Luzas gentes;  
 Quanto dellas são dignas para veres,  
 Basta que os fastos feus tenhas presentes.

84

Nesses passados seculos escuros  
 Tão antigos, que já a Historia apenas  
 Os successos achar pode, que escondem  
 Nas encrespadas cans, alvas melenas:

85

Em todo o tempo vês os Lusitanos  
 Distinguir-se entre os povos que os rodeião;  
 Ornados de valor, e mais virtudes,  
 Com que os homens Divinos se nomeião.

86

Desde que Gerião delles na frente  
 Com fangue salpicou do Guadiana  
 A florida grinalda entretecida  
 Com juncos, roxos lyrios, e espadana:

87

Desde que elles de Osiris fustiverão  
 O investivo furor, a sanha bruta;  
 Até que Ulysses levantou Lisboa  
 Sobre a grenha do Téjo mal enxuta.

No

88

No espaço destas setecentas voltas,  
 Que do Sol ao redor formou a terra,  
 Que estrondozas acções não praticarão  
 Tanto a favor da paz, como da guerra!

89

E desde que Dyomedes do Minho  
 Cravou na areia branda a proa Grega;  
 Até que atraíçoando a cara patria  
 Sertorio aos Luzos sem pavor se entrega.

90

Neste espaço tão longo, tão extenso,  
 Que o mesmo velho Tempo algumas vezes  
 Se quiz expreguiçar de fatigado,  
 Quão gloriosos não vês os Portuguezes!

91

Desde que Afranio em fim sem algum fruto  
 Prende entre os muros d' Osina os Lusitanos,  
 Até este dia quão virentes palmas  
 Não tirarão dos punhos dos Romanos!

92

Do Conde Henrique destemido, e bravo  
 Pai dos Luzos por elle remoçados,  
 Quem póde ouvir os feitos gloriosos,  
 Sem deixar meus dezejões approvados?

Quem

93

Quem o primeiro Affonso, o Rei primeiro  
 Pintar de Ourique pode na campina,  
 Que digna a gente Luza não declare  
 Do producto á que Jove se destina?

94

Quem o filho veria, Sancho forte  
 Nos campos de Axarrafe embravecido;  
 Ou ante Sylves com minguada gente  
 O grão Miramolim deixar punido?

95

Quem do segundo Affonso na regencia  
 O zelo admirará sempre incansavel;  
 E 'inda do quarto Rei a alta franqueza,  
 Que estragou Martim Gil abominavel?

96

D'outro por quem Briteiros, e Viegas,  
 O destino fizeram inconstante;  
 Com mãos traidoras arrastando ao trono  
 Quem nascêra sómente para Infante?

97

Esse a quem Innocencio entrega o Sceptro;  
 E Urbano restitue o alvedrio:  
 Quem do terceiro Affonso tem lembrança,  
 Que lhe não dê do mundo o senhorio?

O

98

O sexto Rei de Lizia, Deos supremo,  
 Para humanos reger apto creaste;  
 Na sciencia de reinar foi tão perito,  
 Que parece em teus braços o educaſte.

99

O honrado Dom Diniz deo ás sciencias  
 Em ſeus Reinos magnifico apoſento:  
 A' Coimbra as attrahio onde ficarão  
 Sendo dos Luzos lúcido ornamento.

100

Ao Lara premiar ſoube brioſo;  
 Como juſto punir os de Leiria:  
 Cuidadozo animar a Agricultura:  
 E á ſã Legislação dar mais valia.

101

Galiza, e Badajoz do quarto Affonſo  
 Dizei o que ſabeis: jura Salado,  
 Que por de Hiſpalo ver ſalvos os povos  
 Affonſo te deixou enſanguentado.

102

Entre os Miniſtros ſeus, Pedro ſevero  
 Suſtentando a balança da Juſtiça,  
 Era hum vivo modelo de Carondas,  
 Quando em Thurio ſubjuga a vil preguiça.

Tri-

103

Trifulco Deos ! aos teus do Rei Fernando  
Os erros forão muito parecidos,  
Mil vezes por Amor te descuidaste;  
Fernando por Amor teve descuidos.

104

Sé contigo porém partio dos erros,  
Que por seus ennobrece a Natureza;  
Tambem arremedou Jove Divino  
Teu genio bemfeitor, tua grandeza.

105

De Barcelos o Conde, e João Affonso  
Chamado o de Mexica experimentarão,  
Se de Fernando as dádivas acazo  
As dádivas de Jove arremedarão.

106

E quanto valem mais do que os thezoiros  
As leis com que Fernando providente  
Entre as leivas, nas Artes, no Commercio  
Buscou favorecer a sua gente.

107

João das Régras, e o possante Nuno  
Dão no Mestre de Aviz aos Lusitanos  
Hum Rei, que o trono firma, doura, illustra  
A' custa de Hespanhoes, e Mauritanos.  
Duar-



108

Duarte em Ceuta manejando a espada  
 Mostra tanto valor, e força tanta,  
 Que Arraquio o Atleta o não vencêra,  
 Inda quando o Alpheo de o ver se espanta.

109

A fim de se fazer inda mais digno  
 Do lugar que então ledo possuia,  
 Como Agricola ás sciencias se entregava,  
 E como Octavio dellas escrevia.

110

As ameias de Alcacer, e de Arzila  
 Seirão do quinto Affonso pregoeiras:  
 Rotos de Muley Xequê os estandartes  
 Revestio-as dos Luzos co' as bandeiras.

111

Ao segundo João invariavel,  
 Que á activa Decizão servio constante,  
 Sobre as ondas do Lethes somnolentas  
 A Fama levantou altar brilhante.

112

Do fabio Manoel não digo nada:  
 Vês quanto vai por elle acontecendo;  
 Os estandartes seus do Oriente as ondas  
 Já meigas andão com prazer lambendo.

Dos

113

Dos Reis dos Luzos vês riscado em breve  
 O valor, a constancia, e mais virtudes;  
 E quem melhor que tu Jupiter sabe  
 Não terem sido Reis de povos rudes?

114

Esses passados Seculos vaidozos,  
 Que as aras do Heroismo tanto alçarão;  
 Que aos rezolutos Iscolas sobre ellas  
 De resplendor eterno coroarão.

115

Que Heroe, entre os Heroes póde louvar-se,  
 Que as palmas escureça gloriozas,  
 Com que a Memoria premiou dos Luzos  
 Nunca ouvidas acções; acções pasmozas.

116

Apimano; Apuleyo; Viriato;  
 Egas Monis; Mendes Gonçalo Amaya;  
 Sueiro; Pedro Paes; Fuas, que o Mouro  
 Na terra, e mar se o vê, frio desmaia.

117

Os dous Martins, o Lopes, e o de Freitas;  
 Fernão Rodrigues; e o feroz Dom Payo;  
 Mem Tougues, João Pires Vasconcellos;  
 Pedro Rodrigues de Mouriscos rayo:

Mar-

118

Martim Vafques da Cunha; Egas Coelho;  
Dom Pedro de Menezes; e o grão Nuno;  
Vafque-Anes insoffrido, a quem primeiro  
De Ceuta no areal cro-ou Neptuno:

119.

Vês Fernando, e João ambos Menezes;  
Vasco Coutinho; Pedro de Mendanha:  
Vês Diogo de Almeida valerozo  
Entregue de Mavorte á crua fanha.

120

Inda hia por diante; porém Jove,  
Que o tinha té então ouvido mudo;  
Tomando-lhe a palavra, principia  
Taes coizas a dizer em tom fezudo.

121

Basta: não digas mais dos Lusitanos,  
Todos os feitos seus tenho presentes,  
Quero com hum bom Rei em fim pagar-lhes  
O esforço, que os eleva entre as mais gentes.

122

O Principe, que occupa o meu cuidado,  
Será Principe em fim do Luzo Povo:  
Assim deixo a Virtude premiada,  
E de Lizia o esplendor assim renovo.

Def-

123

Desde que o claro Sol com o seu fogo  
 Anima os muitos globos que o rodeião :  
 Vaidozos de seus povos c' os triunfos  
 O Téjo , e o Douro sobre o mar ondeião.

124

Venus, que gosta de louvar os dignos  
 Como provou affás com os Romanos ,  
 Chorando o meu poder tem muitas vezes  
 Implorado á favor dos Lusitanos.

125

E eu sempre os protegi em todo o tempo,  
 Como filhos d'hum clima deleitozo,  
 Que nos feios que nutre influe tanto,  
 Que tem sido de Heroes Pai gloriozo.

126

Quem deo aos Luzos o illustrado Henrique,  
 Que cheio de fieis conhecimentos,  
 Desde Sagres mandou exploradores  
 Affeitos arrostar mares, e ventos?

127

Por quem, senão por Jove defendidos  
 Tristão Vas; e João Gonçales Zarco;  
 Gil-Yanes; e o ousado Perestrelo  
 Tomarão do mar posse em curto barco?  
 Por

128

Por quem Nuno Tristão; Antão Gonçalves;  
 Dom Alvaro Fernandes; e Gonçalo  
 O de Cintra nas costas Africanas  
 Os cabos subjugarão sem abalo?

129

Quem? senão meu favor foi conduzindo  
 Diniz Fernandes; e Vicente Lagos;  
 João de Santarem; João de Aveiro  
 De nunca arado mar entre os estragos?

130

A quem senão a mim devem os louros,  
 Que o Dias mereceo, quando animozo  
 Antes, que o Gama triunfou no Cabo  
 Do monstro que abatí por orgulhozo?

131

Pedro da Covilhã; e Affonso Paiva  
 Por mim levados para estranhas terras:  
 Hum da quente Ethiopia, outro do Indo  
 Virão as gentes, montes, valles, ferras.

132

E de favores taes o fim qual era?  
 Entre os viventes distinguillos tanto,  
 Que fossem pelo Gama os que da Aurora  
 Vissem primeiro o berço de Amarantho.

Sim,

133

Sim, Hermes; para em fim te convenceres  
De quão propicio essa Nação protejo,  
Nas areias que o Sol ao nascer doura  
Pouzão com meu favor quilhas do Téjo.

134

E agora para mais inda exaltallos  
Por Colombo lhes fiz offrecimento  
D' huma terra famoza, rica, e fertil,  
Que do Oeste entre os mares tem affento.

135

A destruidora Entriga fermentava  
Do intrepido João então o estado:  
Razão por que Colombo desgostozo  
O seu plano fiel vio desprezado.

136

Na Corte ambicioza de Fernando  
Sua propozição foi mais aceita;  
E a instancia de João Peres a entrega  
Ficou por Isabel á Hespanha feita.

137

Tres navios boiárão logo armados  
No estreito porto da pequena Palos:  
Colombo, e os dois Pínsons sahem nelles,  
De Amphitrite açaimar verdes cavallos.

Def-

138

Descubrirão em fim para desgraça  
 Da pobre, perseguida Humanidade  
 A espaçosa Atlantida, prevista  
 Pelo fabio Platão na antiga idade.

139

Terra já por Manilio annunciada,  
 E por Diodoro Siculo supposta:  
 Por Cethesias; Nearco; e Marco Paulo  
 Nesses mares Atlanticos exposta.

140

Porém desde que alegres derão fundo  
 Da fresca Guanahani na bahia,  
 Até este momento as gentes novas  
 Invocão meu poder de noite, e dia.

141

Já de Vega-Real correr nos Campos  
 Virão seu sangue estas coitadas gentes:  
 Virão dos ternos Pais tremer as carnes  
 Despedaçadas por caninos dentes.

142

Tantas forão por fim as tristes queixas,  
 Que subirão chorozas ao meu trono,  
 Que a parte austral do descoberto mundo  
 Protestei conceder á melhor dono.

O

143

O Rei, que premedito para prova  
De que o creei capaz de dar exemplos,  
A' emulação, á Honra, e á Justiça  
Ha de, e á sã razão dedicar Templos.

144

Destas virtudes ante os bustos claros  
Os povos s' irão pondo ao bem dispostos:  
E nellas por costume discorrendo  
Desterrarão de si vicios oppostos.

145

Vai Mercurio voando sem tardança,  
Vai do Oriente procurar o vento;  
E a fim que attenda á commissão, que levas,  
Dize te manda o Rei do firmamento.

146

Que os ventos que domina ajunte logo;  
E quando o Euro entre os mais todos vires,  
Firmado nas compridas, soltas azas,  
Taes coizas mando, que do feio tires.

147

Por mandado de Jove eterno, e justo,  
A quem tens fiel sempre obedecido,  
A nova empreza que por mim te envia,  
Vai logo executar dos teus seguido.

Na



148

Na foz antiga do espriaiado Téjo,  
Erguendo o ferro está com leste gente,  
Pedro Alvares Cabral para de novo  
Vir fulcar estes mares do Oriente.

149

Logo que solta a cevadeira toda  
Vires que se enche de teus sopros frios,  
Ajudado por esses, que te servem  
Dos Luzos proteger vai os Navios.

150

Dos lemes a pezar, sem fazer cazo  
Da rezistencia, que farão briozos,  
Por de Jove ignorantes não saberem  
Os dezignios a elles proveitozos.

151

Da terra nova, que a Austral Zona enfaxa,  
Mostrai-lhe a costa, que primeiro acclara  
O Sol, quando se eleva sobre as ondas,  
Que para os Luzos Jupiter guardára:

152

Depois do Malabár ter-lhes entregue  
O importante, e honrozo senhorio;  
Da America viçozza a melhor parte  
Manda Jove lhes deis neste desvio.

153

Esta porção de terra prolongada,  
 A quem rodeia lucido hemispherio  
 Rezervo para erguer sobre ella o trono,  
 Em que se ha de sentar o quinto Imperio.

154

O Brazil terra amena, e abundante  
 Seja dos Luzos Principes espero  
 Patrimonio; e Jozé ferá chamado  
 Principe do Brazil, assim o quero.

155

Mercurio, ao sabio Deos fazendo venia,  
 Foi dar execução logo ao preceito,  
 E em prova de que a deo..Jozé..ah morre  
 Principe do Brazil jurado, e feito.

156

Lusitania, o vapor da noite escura  
 Parece-me se vai já dissipando:  
 Sobre a lagem que o Principe nos rouba  
 Vamos passar o dia em vão chorando.









*Terrenino de Barros inv.*

*Venturo de S. est. Lit.*

## NOITE III.

I

**D**ESTERRAR desta praia os vãos prazeres  
 Ide meus tristes ais, ide voando  
 Aos troncos, ventos, plantas, aos roche-  
 Ide a nossa desgraça publicando. (dos

2

Inspirai nossa dor nas ondas quanto  
 Pede o cruel pezar, que nos consome;  
 E nos cavados feios dos penhascos  
 Do Principe fazei soar o nome.

D ii

E

3

E vós, miudas lagrimas, que a pares  
 Nos meus olhos estais sempre nascendo,  
 Molhai tambem os olhos, que ainda enxutos  
 A ignorancia tiver do cazo horrendo.

4

Mas ah!. bem vinda sejas, Lusitania,  
 Desde que aqui cheguei, meus tristes olhos  
 Do coração cedendo aos movimentos,  
 Borrifarão com pranto esses escolhos.

5

A extensão, e o valor da nossa perda,  
 Que tenho n'alma vivamente escrita,  
 Em pranto me converte o mesmo sangue,  
 Faz-me espalhar com ais nossa desdita.

6

A enganoza esperança nos pintava  
 Nos annaes do Universo os mais ditozos;  
 As promessas porém traçou no fumo,  
 Que dissiparão furacões ruidozos.

7

A vista desse rio, cujas ondas  
 Já nos soberbos colos sustiverão  
 Quilhas, em que do mundo as quatro partes  
 Seus preciosos dons offerecêrão:

Do

8

Do nosso Téjo a vista deleitoza  
 De novo a alma cansada me atormenta,  
 Vejo a futura gloria dissipada  
 Qual nevoa que desfez rude tormenta.

9

Amada Lusitania, não podia  
 Na caixa de Pandóra achar o fado  
 Desgraça mais capaz de encher de mágoas  
 O teu povo fiel hoje enlutado.

10

Como deve abarcar o seu objecto,  
 Do successo fatal o sentimento,  
 Em quanto a muda Noite os mochos guia,  
 E nas cortadas róchas dorme o vento.

11

Agora, que nas lapas do Oceano  
 Dorme a mádida Corte de Neptuno;  
 Tanto que as limpas aguas não perturbão  
 Os Tritões fervos do infiel Portuno.

12

Quero contar-te huma vizão estranha,  
 Com que Morfeo em sonhos me entreteve;  
 Depois que te deixei n' huma caverna,  
 Brando sono em meus olhos se deteve.

Lo-

13

Logo que o grosso humor entorpecendo  
Os meus já froxos, fatigados nervos;  
Quando os chorozos olhos já não vião  
Sénecas justos, Poliões protervos.

14

Deixando o pobre corpo entregue ao sono,  
Pelos Deoses minha alma foi levada  
A hum prado, onde a riqueza d'Amaltheia  
Com grata profusão vi derramada.

15

Logo por entre ramos, cujos pomos  
Com feu cheiro diverso, e varias cores,  
A favor de Vertumno disputavão  
O premio da belleza dado ás flores.

16

Rodeado de Zéfiro que alegres  
Brincavão entre as folhas sonorozas,  
E de Aves mil, que vagas revoando  
Soltavão ternas vozes amorozas.

17

Pelo trilho da plácida alegria  
Cheguei a hum fresco sitio desviado;  
Onde huma Deosa vi a mais galante,  
Que Zeuxis pintaria delicado.

Ti-



18

Tinha sciencia nas faces esculpida:  
 Nos olhos reflexão mysterioza:  
 Em todo o corpo hum ar grave, e sereno,  
 Nas acções liberdade gracioza.

19

Da sua fingeleza em testemunho  
 Seu bem formado corpo vi despido;  
 Livre da prevençãõ, com que a malicia  
 Capcioza nos tem já corrompido.

20

Fazião corte á Deosa affavel, terna  
 Os quatro envelhecidos Elementos:  
 Fingião quatro humanos respeitaveis,  
 Que da morte vivêrão sempre izentos.

21

Inflammado o semblante o Fogo tinha,  
 Seus abrazados olhos faiscavão;  
 E as suas quentes mãos por passatempo  
 Vermelhas brazas, vivas manejavão.

22

Do Ar as faces erão macilentas;  
 E do feu defaffogo sempre amante  
 Soprava em liberdade, a alva madexa  
 Movia-se c'os sopros ondeante.

So-

23

Sobre a miuda relva debruçado  
 Da Agua todo o corpo gotejava,  
 E no claro ribeiro, que nascia,  
 O musgozo cabello fluctuava.

24

De todos quatro a Terra era a mais grata,  
 Estava revestida de mil cores;  
 E o feio creador lhe guarnecião  
 Mimosas frutas, matizadas flores.

25

Cad' hum tinha a seu lado companheiro,  
 Com quem vinha a fallar de quando em quando;  
 Examinei-os bem, e pelos géstos  
 Nelles as estações fui encontrando.

26

De espigas seccas o Verão croado  
 Estava junto ao tórrido elemento,  
 Que avivando-lhe mais a cor do rosto,  
 Lhe queimava a grinalda só co' alento.

27

O Outono estava ao pé do Ar delgado,  
 Cujos frescos bafejos o animavão,  
 E as flores sacudião, mais os pomos  
 Dos ramos, que viçosos o croavão.

Ao

28

Ao liquido crystal da Agua serena  
Fazia corte o regelado Inverno,  
Tinha de branca neve preenhe a barba,  
E o rugozo semelhante côr do averno.

29

A terra acompanhava a Primavera  
Com faces mais do que as cerejas rubras:  
Mais linda do que tu Lais caprichoza,  
Quando de affectação teu rosto cubras.

30

Vi tambem as mimosas Artes bellas  
Tão cheias de prazer como costumão;  
A' roda de Amphitrite as Ninfas lindas  
Sobre as aguas brincar tanto que escumão.

31

A Deoza tinha em si por arte nova  
Junta huma tal doçura á gravidade,  
Que quando o seu respeito me affastava,  
De fugir-lhe não tinha liberdade.

32

Sem eu saber porque, dentro em meu peito  
Sentia o coração enternecido  
Para a Deoza fugir, como querendo  
Mostrar-se a algum favor agradecido.

E-

33

Estava toda abforta modelando  
 D'um Cupidinho a estatua mais perfeita  
 Phidias na execução postos os olhos  
 Os rasgos de sua arte attento espreita.

34

A Escultura d'hum lado respeitoza  
 Os cinceis delicados lhe offrecia:  
 D'outro lado a Pintura na palheta  
 As animadas cores revolvía.

35

Depois de modelada, tão sublime  
 Ficou nas perfeições a estatua bella,  
 Que beijando da Deosa as mãos divinas,  
 De Scopas quiz a arte agradecella.

36

Fez huma curta pauza... e observando  
 Seu trabalho por todos approvedo:  
 Retocando de novo os olhos lindos,  
 E o cabello gentil todo anelado:

37

A carinhoza Irmã da Poezia.  
 Pedio os çucos das mais brancas flores,  
 D'os jasmins, das mosquetas, d'alvas rozas,  
 Que já mais colhem juvenis Amores.

De-

38

Depois de todo o corpo contornado  
 Ter coberto da neve com a alvura,  
 Pedio novos pinceis, palheta nova,  
 E dentro de si mesma a sciencia apura.

39

Dos morangos, maçans, e dos medronhos  
 Com as cores pintou-lhe as faces bellas;  
 E vendo lhe luzião pouco os olhos  
 Para lhes dar tirou luz ás estrellas.

40

Das rozas que vermelhas fez o fangue,  
 Que o filho de Cyniras derramára,  
 Com o çumo pintou bocca mais doce,  
 Que a bocca onde Ericina suspirára.

41

Quando vio que acabada sua estatua  
 Ao espozoz de Cydipe excedia,  
 Na rara gentileza, que era tanta,  
 Que á mesma Anaxarete abrandaria.

42

Olhando para o Ceo... gritou... oh Jove,  
 Que sabio reges meus fieis intentos:  
 Meu poder exhauri: formei-lhe o corpo:  
 Tu huma alma lhe dá rica em talentos.

Qual

43

Qual de Pigmalião a estatua morta  
 Esta fermoza estatua se ficava:  
 Quando, eis-que de repente hum trovão sôa ..  
 Julguei do Olympto o feio se rasgava.

44

Com effeito dos Ceos huma faifca  
 Rápida o longo vacuo traspassando,  
 No feio se introduz da estatua bella,  
 Que de vida finaes foi logo dando.

45

Nisto os olhos ergui cheio de pasmo:  
 Quando eis vejo huma nuvem, que descendo  
 Vinha tambem á terra sobre as azas  
 De ventos, que fieis a vem sustendo.

46

Tanto que o chão tocou, rasgou-se a nuvem,  
 E do feio dourado lhe sahirão,  
 Não os ferozes, ardilozos Gregos,  
 Que o desgraçado fim de Troia urdirão.

47

Palas, Mercurio, Marte, Apollo, Venus  
 Se presentão da estatua á meiga Authora;  
 A rara producção cada hum admira,  
 Cada hum em contemplalla se demora.

Tu-

48

Tudo suspenso estava.. quando Apollo  
 Chegando-se da estatua ao lindo rosto,  
 Na bocca lhe bafeja graciosa,  
 Respirando prazer, suave gosto.

49

Venus lhe encheo de graças o semblante,  
 E obrigada c' o a tenra gentileza,  
 Nos encarnados labios amoroza  
 Alguns beijos soltou em fogo acceza.

50

Sobre a lingua Mercurio lhe respira:  
 Palas o alento lhe soltou na frente:  
 Marte porém no peito lhe derrama  
 Constancia, intrepidez, valor prudente.

51

O Deos Silenio, cuja vista nunca  
 Ler pode os caracteres do futuro,  
 Admirando da Deoza disfarçada  
 O constante saber, o ar maduro.

52

Gritou-lhe.. Quem es tu, fabia Matrona,  
 Que pudeste obrigar a Jove eterno  
 A soltar do feu feio huma faisca?  
 A mostrar-se comtigo affavel, terno?

Quem

53

Quem es tu, cujo grito pode tanto,  
 Que obriga a cinco Deoses soberanos  
 A deixarem dos Ceos a alta morada  
 Para virem honrar pobres humanos?

54

Logo a Deosa sem muito foçobrar-se,  
 Respirando brandura, e gravidade,  
 Respondeo com voz doce, e focegada  
 Nos seus olhos brilhando a sã verdade.

55

Eu sou loquaz Mercurio aquella mesma,  
 A quem deve o seu ser tudo o que existe;  
 Por quem tudo existio antigamente,  
 Em quem todo o futuro sã consiste.

56

Eu sou aquella, cujo feio immenso  
 Calígulas produz, e Caracálas;  
 Aristípos fieis; Marcos Aurelios;  
 Socrates rectos; barbaros Abdálas.

57

Damiens porém de mim não teve queixa,  
 Não fui mais liberal com Belizario;  
 Com o mesmo cuidado existir fasso  
 O Efemero, o Pulgão, o Dromedario.

Eu



58

Eu sou benignas, Celestiaes Deidades,  
 A antiga, providente Natureza...  
 Logo os quatro Elementos respeitozos  
 Encurvárão seus colos com presteza.

59

A pezar do inconstante, vil capricho,  
 E do rigor cruel do Fanatismo,  
 A pezar das paixões sanguinolentas,  
 Que vomita sem pauza o negro abyfmo:

60

Sempre no globo conservei dominio,  
 Sempre fui dos mortaes conservadora,  
 Tanto, que inda nos campos dou remedios,  
 Que o homem por inerte alegre ignora.

61

A humana geração de mim depende,  
 Cantar sem mim não pode Anacreonte:  
 Eu movi de Arquimedes o compasso:  
 E os passos dirigi de Xenophonte.

62

Huma nação protejo cuidadoza,  
 He dessas, que o Sol vê quando se deita,  
 Fecunda mãe de creadora gente,  
 Da gente só para prodigios feita.

Mer-

63

Mercurio accrescentou: Julgo nos fallas  
 Da nobre Lusitania, por quem Marte  
 Tantas vezes desceo do Olympo á terra  
 Com quem Apollo seu saber reparte.

64

Tornou-lhe o Deos guerreiro: Não, Mercurio,  
 Auxilio nunca dei aos Portuguezes:  
 Os Albuquerque, Castros, os Sampaio  
 Honrarão por si mesmos seus Pavezes.

65

Pois eu, gritou Apollo, não me atrevo  
 A roubar-te o louvor, ó Natureza;  
 Os Lobos, os Camões, Garção, Bernardes  
 A ti devêrão tão gentil destreza.

66

Continuou do mundo a Productora  
 Da Lusitania os Povos são-me acceitos;  
 Não por louca paixão das mãis tão propria,  
 Mas por seus raros, celebrados feitos.

67

Logo que Adamastor vi suspirando  
 Chegar-se triste a mim co' as mãos alçadas  
 Gritando: Terna mãe, as minhas ondas  
 São por soberbas quilhas retalhadas.

Hum

68

Hum novo Deucalião lançou no mundo  
Gentês, do que as antigas menos cautas;  
Muito mais atrevidas que os Phenicios,  
Mais destros sobre o mar, que os Argo-Nautas.

69

Por defender-me em vão hoje soprarão  
Os soltos Aquilões embravecidos:  
Em vão para se oppôr os meus rochedos  
Sobre o raivo do mar mostrão-se erguidos.

70

Mil precipícios lhe prezento ás proas,  
Todos porém desprezão valerosos:  
Por entre as penhas, a pezar dos ventos,  
Surgem pelo golfão victoriosos.

71

Confesso, que fiquei hum pouco absorta  
Co' a estranha narração d'um tal successo;  
E pela intrepidez extraordinaria,  
Louvei dos Luzos o sublime excessão.

72

Fiquei-lhes desde então affeiçãoada:  
Jurei-lhes em diante protegellos,  
Ou das Zonas nos torridos dezertos,  
Ou do Septentrião por entre os gelos.

E

Tu,

73

Tu, ó Venus gentil, que hoje me escutas,  
 Desceste a agradecer o meu protesto;  
 E em final grato por teus fortes povos,  
 De rozas me offreceste cheio hum cesto.

74

Desde então protegi os Luzos sempre;  
 E se acazo os deixei soffrer ás vezes,  
 Foi por firmallos mais na experiencia,  
 Que só ensinão bem fataes revezes.

75

Vendo agora, que os fados me augurayão  
 Tambem auxiliar os meus intentos;  
 Juntando de Jozé, e de Carvalho  
 Dos Luzos a favor claros talentos.

76

A fim que tal ventura lhes durasse,  
 Jupiter dar-lhes quiz hum Rei perfeito:  
 Ahi o tendes por vós enriquecido  
 D'Acys a cara tem, de Henrique o peito.

77

No Principe feliz os olhos logo  
 Com suspenſa attenção mudos fictárão:  
 E entretido co' as Artes, e Sciencias,  
 Não fem geral prazer todos o achárão.

De

78

De Maria será chamado filho:

(A fabia Natureza inda profegue)

D' Aristomenos são co' as vivas luzes,

Fará com que a ignorancia nunca o cegue.

79

Ella a gloria terá de dar á Lizia

D' entre todos os Reis o mais completo:

No repartir dos premios Alexandre;

No castigar mais que Licurgo reto.

80

Eu, e Venus com Jove de mãos dadas

Jurámos exaltar os Lusitanos,

Sobre a gloria de Memphis, de Carthago;

Sobre as façanhas dos feis Romanos.

81

Affim continuava.. quando hum Fauno

Da caverna Senhor, onde eu dormia,

O feu caprino pé firmando grita,

Myrtillo, vai-te, que acabou o dia.

82

Logo que abri meus olhos, triste pranto

Burbulhou nelles mais que nunca ardente:

Os Ceos mais nos convencem com meu sonho

Da razão com que chora a nossa gente.

ION

E ii

Hum

83

Hum Principe, a quem derão os Divinos,  
 Quanto dar lhe podião: revestido  
 De luzentes virtudes, de talentos:  
 Para o nosso prazer só produzido.

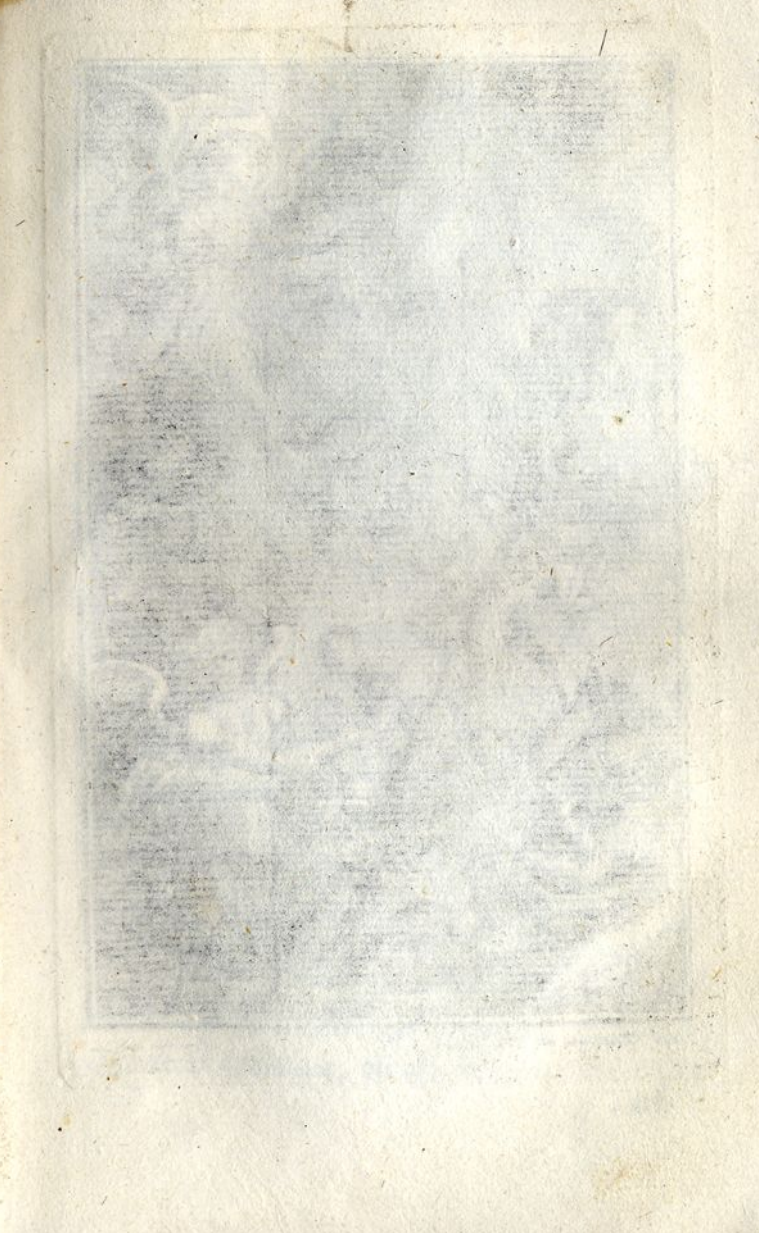
84

Foi Patria inconsolavel o tezouro,  
 Que a pesar de Polybio, e Tourneforte  
 A molestia cruel roubou-nos fera  
 Em cumprimento da malvada sorte.

85

O dia vai nascendo chorar vamos:  
 Vamos derramar ais, tristes suspiros:  
 Adeos té á manhã... aqui de novo  
 Ouvir-nos-hão gemer estes retiros.







Joaó Thomas da Enc.<sup>ta</sup> inv.

Lacius sc.





*Set. d. Damo. In. inv.*

*J. F. de Lucinas.*

## NOITE IV.

I

NESSE azulado Ceo escurecido  
Como as estrellas tremulas scintilão:  
Como por entre as ramas denegridas  
Tristes os ventos com pavor sibilão.

2

Neste sitio de paz, que hum futil medo  
Aos mortaes horrorozo representa;  
Minha cansada voz ergo de novo,  
Queixoza Lusitania, escuta attenta.

Tan-

3

Tanto que hoje fugindo á luz do dia,  
 Dos sepulcros busquei a escuridade;  
 Quando abraçado com a muda campa,  
 Lhe dava amargo pranto a Saudade.

4

Hum Genio dos que os Deoses destinárão  
 Para ser tua guarda, e tua guia,  
 Pouzou na fria terra tão cansado,  
 Que nem quasi fuster-se conseguia.

5

Depois de descansar alguns momentos,  
 Gritou com triste voz, froxa, e doente..  
 Em fim achei-te, Principe querido,  
 Morta esperança da Ulysseia gente.

6

Achei-te; e antes de contar o muito  
 Que para te encontrar corrido tenho,  
 Chorar quero, e gemer em liberdade  
 De minha commissão em desempenho.

7

E voltando-se a mim, disse.. Myrtillo..  
 Que choras sem cansar dos Ceos a ira,  
 Escuta-me, e verás horrorizado,  
 Quem cego busca o mal, o bem que tira.

No

8

No funesto momento, em que seus olhos  
Mortos já não poderão ver o dia:  
Quando nas praças repartido em bandos  
O povo lamentava o que perdia.

9

Quando ricos, e pobres, fábios, rudes,  
Lamentavão da Parca o rigor bruto:  
No momento, em que a dor se espalhou tanto,  
Que nos rostos se via da alma o luto.

10

Eu, infeliz de mim! que encarregado  
Da sua preciosa vida estava;  
Eu que banhado em lagrimas abortio,  
Seu rosto amortecido contemplava.

11

Tornei a mim do pasmo em que me via,  
Obrigado de Lizia c'os gemidos;  
Chegou a mim banhada em pranto amargo,  
E os dourados cabellos esparzidos.

12

E gritando me disse entre soluços...  
Oh Genio vigilante, a quem as Parcas  
O mais perfeito Principe roubarão,  
Já que com o teu voo o mundo abarcas.

Vai

13

Vai a alma buscar esclarecida  
 Deste corpo, que vês desfigurado:  
 Vai buscalla entre os Deoses, e choro  
 Lhe conta o que entre nós tens observado.

14

Vai, e as mágoas lhe pinta em que deixaste  
 Este meu coração que afflicto viste;  
 Que envolta em negros lutos eu ficava;  
 Que minha alma tambem deixaste triste.

15

Conta-lhe a confuzão, em que ficarão  
 Os seus affeioados, dóceis povos:  
 E que instante não ha, em que não rasguem  
 Nosso horizonte mil gemidos novos.

16

Que as condensadas nuvens não podendo  
 Com o pezo dos ais, que soltos voão,  
 Carregadas descendo novamente  
 A nossa terra, e mar com ais povoão.

17

Que entre mortaes suspiros dolorozos,  
 Que co'as languidas ansias sahem rotos,  
 Te mandei procurallo; que benigno  
 De sua amante Lizia aceite os votos.

Eu

18

Eu, que inda não podia por confuzo  
A estrada distinguir, que aos Ceos subia  
Do caminho fatal, que ao negro verno  
As desgraçadas almas conduzia.

19

Peneirando empinei-me o mais que pude  
Sobre o foco mais alto do horizonte;  
Tão erguido me vi, que debruçado  
A meus pés julguei ver d'Atlas o monté.

20

Logo a vista estendi toda em redondo,  
E d'almas descobrindo hum grande bando,  
O trilho que seguião fui seguindo,  
Mares, e novas terras vizitando.

21

Volvendo os hombros para a foz do Tejo  
O Promontorio Sacro atrás deixámos,  
Depois por cima dos azues Titanes,  
As columnas de Alcides procurámos.

22

Livres de mastareos, de remo, e vélas  
Passámos todo o vasto mar interno;  
Onde vimos nadar guerreiras quilhas,  
Soltos os pannos ao infiel galerno.

So-

23

Sobranceiros ás ondas do Tyrreno  
 Avistámos por fim o longo Epiro,  
 Onde todas as almas descansarão  
 Do trabalho, que dá tão longo gyro.

24

Pouco tempo correo, e hum triste Genio  
 De fanhudo semblante carregado,  
 Levou-nos por hum árido deserto  
 De penhascos, e silvas alastrado.

25

Passámos revoando hum largo espaço..  
 Quando eis-que nos suspende, e abortos vimos  
 Couza, que estremecer nos fez a todos,  
 Tanto, que compaixão ao Ceo pedimos.

26

A' borda nos achámos d'hum abyfmo  
 Tão horrído, tão vasto, e tão profundo,  
 Que por mais que alongámos nossa vista,  
 Não pudemos fitar o escuro fundo.

27

Que tal seria o nosso susto ao vermos  
 Que o dezabrido Guia descer manda  
 Ao negro precipicio cavernozo...  
 Cada qual olha para a opposta banda.

Mas

28

Mas o grosso vapor, que o fundo valle  
Exhalava de si, era tão denso,  
Tão escuro, e pezado, que impedia  
Vermos do largo vacuo o vão extenso.

29

Obrigados em fim nas azas firmes,  
Fomos cortando a nevoa denegrada:  
Sulfureo cheiro o ar espesso infesta;  
A luz já se nos mostra amortecida.

30

Por entre o cego fumo já tão quente,  
Que inda nem respirar se pôde apenas;  
De espaço a espaço soltão guincho agudo  
Tétricas aves de enlutadas penas.

31

Em fim cercados de pavor chegámos  
Ao vasto fundo do medonho valle;  
Em todo o nosso globo achar não posso  
Nada que a quanto vi de longe iguale.

32

No mais profundo sitio preguiçozo  
Descia entre penhascos retalhados  
Hum rio de tão feia catadura,  
Que ficámos de medo traspassados.

Das

33

Das retrocidas margens as areias  
 Erão escuras mais que o escuro lodo;  
 Mais do que os corvos, era a veia negra,  
 Que murmurava por estranho modo.

34

Pelas fombrias praias horrorozas  
 Arvores observámos desfolhadas,  
 Em cujos pardos ramos alternando  
 Guinchavão negras aves magoadas.

35

Sobre as despidas pontas dos rochedos,  
 Que escurecião mais a praia opposta,  
 Algumas almas vi, que blasfemavão  
 Da inalteravel lei aos homens posta.

36

Entre ellas descubri algumas dessas,  
 Cuja lembrança o mundo inda abomina:  
 Vi o fordido, e vil Sardanapalo,  
 Vi a bárbara, e torpe Messalina.

37

Vi outras muitas mais, que não declaro  
 Por serem entre nós mais conhecidas;  
 E logo disse em mim.. Ah certamente!  
 As horas, que empreguei, forão perdidas.

En-



38

Enganei-me no trilho; agora vejo  
A razão com que todo o mundo grita:  
Quem dos malvados vai apôs o bando,  
Engañado tambem se precipita.

39

As almas, cuja esteira vim seguindo,  
São almas criminozas certamente,  
Que deixando os vís corpos nos supplicios,  
Vem no Averno chorar eternamente.

40

São almas desgraçadas, que abuzando  
Dos bens que os Deoses justos offrecêrão,  
Antes penar aqui, do que no Olympo  
Eternos bens gozar cegas quizerão.

41

Logo não póde ser esta a morada  
Que eu vinha procurar com tanto custo;  
Gemer não póde no profundo Averno  
O espirito d'hum Principe tão justo.

42

Pelo que eu vejo agora, o turvo rio  
He o sulfureo, lugubre Acheronte:  
Nisto os olhos voltei, e vi na praia  
Varar a barca rigido Charonte.

Aos

43

Aos toletes deixando os remos prezos,  
 Manejava robusto a longa vara,  
 Que cravando já d' hum, já d' outro lado,  
 A barca para nós encaminhára.

44

Seu rugozo semblante o mostravelho:  
 Tem hedionda, negra, e hirsuta a grenha;  
 Espessa a barba, e o gretado corpo  
 Na solidez, e côr parece penha.

45

Hum pouco em nós fitando os turvos olhos  
 Com imperio gritou: Então que esperão?  
 Eu não posso perder aqui mais tempo..  
 Todas no mesmo instante esmorecêrão.

46

Então o duro Genio, que trazido  
 Tinha das almas inféis o bando,  
 Por conta huma por huma ao vil barqueiro  
 As foi inda que tristes entregando.

47

Vendo que já partia.. alto gritei-lhe..  
 Terás no teu batel passado acazo  
 O Principe dos Luzos? Respondeo-me:  
 Na minha Barca só tyrannos passo.

Tor-

48

Tornando então a mim arrependi-me,  
De tal lhe perguntar; mas do receio  
Não nasceo a pergunta.. em fim dictou-ma  
A dor amarga, que me enchia o seio.

49

Firmando a longa vâra sobre a praia,  
E encostando-lhe em cima o corpo duro,  
Da negra areia arranca a ferrea quilha,  
Com o pezo a agua fez rouco murmuro.

50

E sentindo que a nevoa carregada  
Do vento revolvia hum baso ardente;  
Ambiciozo de largar as prezas,  
Porque já nesta praia vê mais gente.

51

Bem no meio da barca hum grosso mastro  
Com rara promptidão forçozo esteia,  
Logo huma grande véla suja, e rota  
Entregue ao mole vento solta ondeia.

52

Sentando-se na poppa a escota firma,  
A véla se embolfou sem mais demora:  
Já boia a negra escuma.. já das almas  
Qual geme, e grita.. qual soluça, e chora.

To-

53

Tocão por fim na opposta, fatal margem;  
Sem tardar logo o velho a praia ferra:  
Eu que os tinha co' a vista ido seguindo,  
Suspirei, quando os vi saltar em terra.

54

Saltarão do que vião assustadas,  
Derramando sem fruto inutil pranto;  
E apressado Charonte, huma por huma  
Ao Ministro as largou de Rhadamanto.

55

Erão oito entre todas, dellas quatro  
Tinhão-se neste mundo dado á uzura:  
Huma á murmuração; com fangue as outras  
Affinárão a sua desventura.

56

Cheio de humana dor as fui seguindo  
Com os olhos, que o pranto humedecia,  
E vi que a huma caverna escura, horrenda  
O inexoravel Bronte as conduzia.

57

Dous colossaes penedos escabrozos  
Os agudos cabeços ajuntando,  
Formavão da caverna a porta horrivel,  
Que está negro vapor sempre exhalando.

Che-

58

Chegão .. e parão .. porque o medo as prende,  
Quando a morada triste vem da Noite ;  
Mas o duro Ministro rigorozo  
Sobre todas desdobra hum longo açoite.

59

Sepultou-as por fim , e já meus olhos  
Vellas não podem mais por entre o fumo ..  
Seus gemidos ouvi passado hum pouco ,  
E cheio de pavor voltei o rumo.

60

Com medo de perder de novo a estrada ,  
Vim buscar com trabalho a sepultura :  
Aqui derramarei lagrimas tristes  
No regaço da Esposa terna , e pura.

61

Aqui , Myrtillo , decorando os versos ,  
Que a tua Muza ao Principe offerece ,  
Na certeza feliz de que no Elyfio  
Seu espirito claro resplandece.

62

Passarei té chegar o ultimo instante ,  
Em que eu aqui de dor tambem expire :  
Certo de que depois de minha morte  
Não faltará quem triste em vão suspire.

F

Con-

63

Confesso, que fiquei horrorizado  
 C' huma tal narração; e exaggerando  
 As fabias precauções, com que os Divinos  
 Os homens para o bem forão levando.

64

Não contentes de haver formado o mundo  
 De forte, que sem d'elle sabir fóra  
 Dos Eróstratos vís se pune o crime,  
 E Plácido por fim c'o as Leis descóra.

65

Vendo que os corpos cá pagando ficão  
 A parte que tiverão nos delitos;  
 E que sendo dos erros os authores,  
 Das penas fogem os subtís espiritos.

66

Rezervárão a si dar-lhes castigos,  
 Que ás suas infracções prescriptos erão,  
 Entre os homens as Leis cedem ás vezes,  
 Entre os Deoses porém nunca se alterão.

67

As paixões entre os homens podem tanto,  
 Que a pezar da razão, que noite, e dia  
 A fim de os refrear lhes representa  
 A eterna mágoa, com que o mal se expia.

A

68

A pezar do rigor com que ameação,  
 Com que eternas e humanas Leis fulminão,  
 Fechando os olhos sem receio os homens  
 Abandonando o bem, ao mal se inclinão.

69

Respeitavel Jozé.. Principe excelso..  
 Exemplar dos varões affinalados,  
 Em teu seio a Virtude agasalhaste,  
 Separarão-te os Deoses dos culpados.

70

Vendo o Genio por fim determinado  
 A ficar entre nós tambem chorando,  
 Pedi-lhe não julgasse satisfeito,  
 Formosa Lizia, teu affavel mando.

71

Mostrei-lhe que outra vez abrindo as azas  
 O Principe infeliz buscar devia:  
 Que a não o achar da Confuzão no reino,  
 Fosse aos campos buscallo da Alegria.

72

Tornou-me, que ser victima receia  
 Do engano em que o puzerão seus pezares:  
 Respondi, que feguisse as almas ledas,  
 Que entre os rizos cortando achasse os ares.

F ii

Que

73

Que destas sem temor os vós seguisse, A  
 Certo de em fim chegar ao campo ameno,  
 Onde de immortal luz sendo croado  
 Triunfante se vê o homem terreno.

74

Fundado em que do impávido Pacheco,  
 Quando entrou por Lisboa triunfante:  
 Comparado a Gilfort indo ao supplicio,  
 Ver-se-hia differença no semblante.

75

Convencido voou, ... e por costume  
 Entre os mortos fiquei em vão chorando;  
 Co' a lembrança d'um bem que nos roubárão,  
 Minha voraz tristeza alimentando.

76

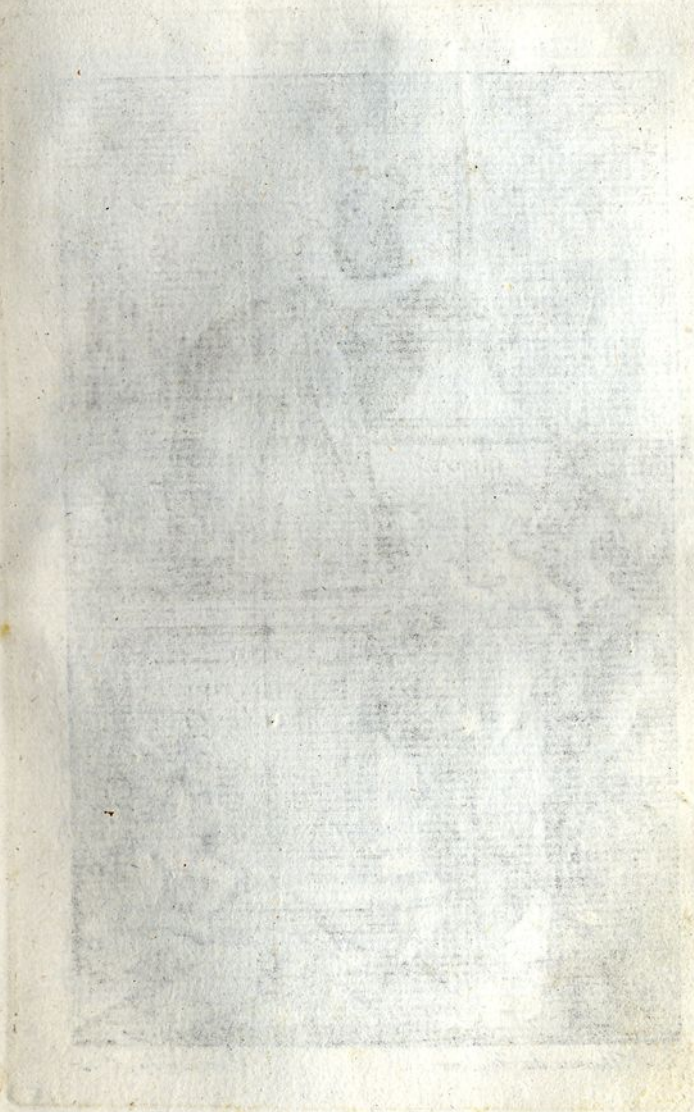
A escura Noite para oppôr-se ao dia  
 Envolveo-se em espessos nevoeiros;  
 Despindo-a vão, porém do Sol os raios  
 A nevoa se desfaz toda em chuveiros.

77

Mas ah! .. da Noite o fumo dissipou-se;  
 E em quanto o Sol brilhando vai de manfo,  
 Encoitado na campa fria, e dura,  
 Vou á dor procurar algum descanso.

NOI-







Jouão Thomas da Fon.<sup>ca</sup> inv.

Ventura da S.<sup>a</sup> exc.



*Jos. de Barros Ferr. inv.*

*Lucius sc. LX.*

## NOITE V.

1

**P**ASSEI o dia todo, ó Lusitania,  
Abraçado co' a pedra, que he tão dura,  
Que não pude obrigalla a que cedesse  
De meus negros gemidos á amargura.

2

Da Augusta Marcia em attenção ao pranto  
Pedi-lhe se voltasse hum pouco ao menos,  
Para vermos chorando, quem jurava  
Dar-nos com seu favor dias serenos.

El-

3

Ella banhada em lagrimas gritava,  
 Imitando a Isabel, . . . ó dura lagem,  
 Meu Esposo adorado ou ver me deixa,  
 Ou dá ás minhas lagrimas passagem.

4

De minha justa dor compadecida,  
 Deixa a elle chegar meu pranto ardente,  
 Talvez que alguma lagrima aquecendo  
 O seu peito de novo o avivente.

5

Ergue-te hum pouco só, para que eu caiba,  
 Com elle quero supportar teu pezo;  
 Quero animar seu feio amortecido  
 Com a chamma, em q̄ o meu tenho inda accezo.

6

Mas apenas me vires abraçada  
 Com elle estreitamente, sem demora  
 Occupa o teu lugar, fecha de novo,  
 Quero morrer com quem minha alma adora.

7

Quero que para os seculos futuros,  
 Quando nos encontrarem abraçados,  
 Conheção os vindouros a pureza  
 Do fogo, em que vivemos abrazados.

Su-

8

Supremos Deoses, vós a cujo mando  
 Parão os rios: adormece o vento:  
 O colo pedregozo os montes dobrão:  
 E do Olympo estremece o fundamento.

9

A esta impenetravel, crua lagem  
 Obrigai a ceder aos meus gemidos...  
 Já que Hymeneo nos fez respirar juntos,  
 Deixai-nos no sepulcro estar unidos.

10

Elle amava-me tanto, que gemia  
 Sempre que não podia estar comigo:  
 Doce Esposo.. comigo em vida estavas..  
 Depois de morto eu quero estar contigo.

11

Affim aos Ceos bradava em altos gritos,  
 Por abrandar da pedra a vil dureza;  
 Mas ella cada vez mais obstinada,  
 Sem a escutar sobre o cadaver peza.

12

Que respeito me inspira, ó Lusitania,  
 Da Natureza a solidez constante..  
 Seus eternos Decretos não revoga,  
 Nem se mostra ao passallos vacillante.

Ho-

13

Homem nas decizões arrebatado,  
 Esta curta lição de novo aprende:  
 Antes de proceder ferio examina;  
 Quem cego corre, ao precipicio tende.

14

Quasi sem reparar, ó Patria amada,  
 Faz-me a dor do Epicteto a falla tome,  
 De Cenfor me arrebatada c' o a mania;  
 Mas juro de Catão não quero o nome.

15

O Amor proprio, esta occulta, activa mola,  
 Que sobre as almas tem maior dominio,  
 Que o fogo elementar tem na materia,  
 Inda que o não dissesse Stal, ou Plinio.

16

Este Agente sagaz, que entre os humanos  
 Mais fórmias, que Vertumno larga, e toma;  
 Que em Diógenes ora anda de rastos,  
 Ora em Carlos ao mundo põe diploma.

17

Este estímulo, a quem Lucílio deve  
 Seus versos, e os seus quadros Ticiáno;  
 Por quem Juméli atrás deixou Terpandros:  
 Por quem Nero foi monstro, heroe Trajano.  
 Em-

18

Embrulhado no manto da bondade,  
Quando os homens tirar busca do abyfmo,  
Da futil gloria no mais alto cume,  
Firma o seu trono crédulo Egoifmo.

19

De Sócrates, Solon, e Zoroástre,  
Ao proprio amor devemos os conselhos:  
Todos da distincção á croa aspirão,  
Moços robustos, encurvados velhos.

20

Tu porém, Muza minha, que ferido  
Vês o meu coração de aguda mágoa;  
Tu que vês no meu rosto a dor pintada,  
Entre os meus labios ais, nos olhos agoa.

21

A que fim adejando sem focego,  
Procuras distrahir meu pensamento?  
Deixa os homens seguir seus varios rumos,  
Deixa a cada hum morrer no seu intento.

22

Juvenal, e Boileau, Regnier, e Perfio,  
Que aproveitárão com seus bellos ditos?  
Nero, e Paris vivêrão como d'antes,  
Zombou Cotin dos maldizentes gritos.

Def-

23

Desse alto tribunal, ó Muza, desce:  
 Esse acre frenezim larga por ora:  
 Reconcéntra-te mais: na sepultura  
 Do Principe querido chora, chora.

24

Chora o Principe.. chora a grande falta  
 D' hum Mancebo nascido para Augusto;  
 A quem juravão já dever favores  
 Os mesmos povos do terreno adulto.

25

Livre da prevenção escandalozza,  
 Tão fatal á cortada Humanidade,  
 Largando Charlevoix amava os homens,  
 Que o clima revestio de escuridade.

26

Vendo-se humano, os homens respeitava:  
 Entre elles differenças não fazia:  
 Amava o Patagão agigantado,  
 E o pequeno Lapónio protegia.

27

Todos para Jozé erão os mesmos;  
 E do primeiro Par mui bem lembrado,  
 Da Groelandia, e Sandwich c' os frios povos  
 Se julgava igualmente aparentado.

Lo-



28

Logo se geralmente os homens todos,  
 Por Jozé tinhão sido amados tanto:  
 Todos devem por elle dar gemidos,  
 Soltar amargos ais, derramar pranto.

29

Sim, minha terna Lizia, que suspensa  
 Estás por me escutar toda esta noite:  
 Dezafo a chorar os homens todos,  
 E não pafmes que a tanto me eu affoite.

30

Como justo varão a sua morte  
 Deve pelos humanos ser chorada:  
 Como Principe dado aos nossos povos  
 Por elles com mais queixas tributada.

31

Mas vós, ó restos, já defanimados  
 Dos mizeros mortaes, que vos nutrirão:  
 Vós que fostes os mudos instrumentos,  
 De que as mortas vontades se servirão.

32

Hoje estais, frios ossos, descansando  
 Das difficeis fadigas trabalhozas,  
 Que vos davão os futeis, vãos dezejos  
 Filhos de loucas almas caprichozas:

Ho-

33

Hoje estais descanfando , em quanto afflicto ,  
 Inutil pranto sobre vós derramo :  
 Estais emmudecidos , quando eu triste  
 Por hum amavel Principe em vão chamo.

34

Sim , entre vós repouza tambem morto  
 O futuro Senhor do Trono Luzo ,  
 Da Lei posta aos viventes nelle a Parca  
 Fez ao nosso pezar bárbaro abuzo.

35

Quantos homens occupão hoje as terras ,  
 Que o balanço mar , azul rodeia ,  
 Certamente por elle faudozos  
 Soltão do acerbo pranto a quente veia.

36

Amar he proprio ao homem , quando certo  
 Está de que por outro vive amado ,  
 O homem natural nunca reziste ,  
 Ama quando se vê recompensado.

37

Por isto Egito , e França moderai-vos ,  
 O epítheto que dais , foi merecido ;  
 Mas vossos Reis amados nunca forão  
 Como entre nós Jozé amado ha sido.

38

Ptolemeo, e Luiz forão amados  
 Dos povos, que prudentes governárão;  
 Porém por nosso Príncipe excellente  
 Os mais estranhos povos suspirárão.

39

Todos os dias em escuro bando  
 Para justificar nossos gemidos,  
 A esta habitação triste da Morte,  
 Que occupão seccos ossos defunidos.

40

Chegão em busca do sepulcro avaro,  
 Que nos rouba a pezar do justo pranto  
 Teu Espozoz fiel, sensível, terno,  
 Que adorando-te a ti, nos amou tanto.

41

Chegão em busca do letal sepulcro  
 Suspiros, queixas, e ais desentoados,  
 Que em prova de pezar tambem lhe envião  
 Os povos dos certões mais apartados.

42

Juntos pouzando vão na campã fria,  
 E com triste rumor, e sons agudos,  
 Sobre ella batem as escuras azas  
 Até que em fim cansados ficão mudos.

Das

43

Das azas co' o bater na estreita pedra  
 Largando vão as lagrimas queixozas,  
 Com que ao nascer as tinham enlopado  
 Póvos distantes, gentes carinhosas.

44

O nosso morto Príncipe gozava  
 De fazer-se adorar o privilegio;  
 Da Parte Nova os póvos mais ferozes  
 Gemião por beijar-lhe o Sceptro regio.

45

Não seguia o systema ruinozo  
 Com que os Mahomets alçarão seus Imperios:  
 Dos Calígulas tinha horror aos crimes,  
 As conquistas chorava dos Rogérios.

46

Ao rouco estrondo, com que ardendo o bronze,  
 Por entre o espesso fumo enovelado,  
 Solta as rápidas balas faiscantes,  
 Ou duro ferro em lascas retalhado.

47

Ao som dos arcabúzes, das bombardas,  
 Das ardentes panelas, ou petardos;  
 Ao vô incerto das agudas lanças,  
 Farpadas settas, ou buidos dardos.

Aos

48

Aos fataes instrumentos sanguinózos  
 Do sanguinozo, bárbaro Mavorte,  
 Não queria dever a sua gloria,  
 Que he fatal sempre, quando a croa a Morte.

49

Do illudido Sebasto co' a imprudencia  
 Traçar não pertendia novos mappas:  
 Pacífico, bom Rei de paz queria  
 Té dos mares encher as fundas lapas.

50

A moleza porém, nem froxa inercia,  
 O panico temor, vil susto, ou medo,  
 O apego á fertil Paz não lhe inspiravão,  
 Ria-se da fraqueza de Sagredo.

51

Os preceitos fataes, porém precizos  
 D' esta arte dos humanos destruidora,  
 Na memoria fiel tinha tão claros,  
 Como se a guerra seu prazer só fora.

52

Imitando de York ao grande Duque,  
 E da França ao Heroe sabio Turena,  
 Sobre a arte pelos Dauns tambem traçada  
 Judiciozo moveo sua habil penna.

Sa-

53

Sabia: mas seu fim era o mais justo,  
 Certo de que a defeza he necessaria,  
 A quem forças não tem, com que subjugue  
 Huma força maior, que lhe he contraria.

54

Sabia a fim de defender seus povos;  
 A fim de os conservar na paz ditoza  
 D' Eugenios, de Malbroughs já scintillava  
 Nelle a sciencia, e constancia vigorosa.

55

Dezeja mostrar que hum Rei podia  
 Verificar a antiga idade de oiro,  
 Que aos Italos Saturno prodigára,  
 Quando do filho supportou o desdoiro.

56

A vista da feliz grata abundancia,  
 Com que de Brandeburg o Chefe activo,  
 E outros Principes mais enriquecêrão  
 Seu já pingue terreno, antes esquivo.

57

Dos nossos sexto, e nono Reis antigos  
 Ao exemplo cedendo protegia  
 As súpplicas dos pródidos Colonos,  
 Mostrando quanto o seu valor bem via.

Jul-

58

Julgo mais, que Anco Marcio convencido  
 De que no feio só da Agricultura  
 As Sciencias, Artes, Armas, o Commercio  
 Achavão nutrição constante, e pura.

59

Mil ternos rizados no engraçado rosto  
 As azinhas batião prazenteiros,  
 Quando via rasgar o curvo arado,  
 Húmidos valles, ásperos oiteiros.

60

Vendo Tyro, Carthago, Sparta, Athenas;  
 E hoje Holláda, Inglaterra, Hespanha, e Fráça,  
 Nutrir co' os bens, que o pródigo Commercio  
 Sobre os seus póvos ás mãos cheias lança.

61

Do Minho, Douro, Téjo, e Guadiana  
 Por canaes dezejava misturadas  
 As claras, frescas, nítidas correntes,  
 Que os verdes mares buscão desprezadas.

62

Por estes novos rios das Provincias  
 Os generos depreffa se trocarão,  
 E os póvos, que a distancia faz estranhos,  
 Felices pactos entre si firmarão.

G

Den-

63

Dentro em seu coração conter não pode  
 O rizonho prazer, doce alegria,  
 Que o affaltou ao ver que a Mãi Augusta  
 Largos caminhos ao seu povo abria.

64

Este exemplo feliz da Soberana  
 De todo o persuadio, de que as estradas  
 A communição facilitando,  
 As Provincias tem sempre de mãos dadas.

65

Vendo, que a situação do seu terreno,  
 Seu curto comprimento, e estreiteza,  
 Já aos Luzos antigos obrigára  
 A dárem-se dos mares á aspereza:

66

Vendo que, Lusitania, ao mar devias  
 As palmas, que arrancafte aos Africanos:  
 De Cabral a importante descoberta:  
 E n' Azia os estandartes Mauritanos.

67

Vendo que ás bravas ondas estrondozas,  
 A pezar da cruel ferocidade,  
 Devíamos não só a gloria antiga,  
 Mas tambem a prezente utilidade.

Ven-



68

Vendo que neste estado indispensaveis  
 Erão essas boiantes Fortalezas,  
 Que os Nacionaes Direitos defendendo,  
 Conservão sempre as allianças prezas.

69

De Neptuno as espaduas quando via  
 Co' alguma nova quilha retalhadas,  
 Da carinhoza Mãi as mãos benignas  
 Com seus beijos dezejava mais córadas.

70

De tudo quanto concorrer podia,  
 Para hum bom Rei formar se tinha ornado:  
 Tudo o que o Povo enriquecer pudesse,  
 Tinha sido por elle dezejado.

71

Quanto o não mostrão seus desejos certo  
 Nesse Evangelho, que a razão descobre:  
 Servido em pratos de oiro Americano,  
 Não póde fer o Rei de gente pobre.

72

Luctuozos gemidos, tristes queixas,  
 Que voais entre os mortos esqueletos,  
 Pouzai: não perturbeis a paz escura  
 Com ruidozos voos inquietos.

G ii

Che-

73

Chegai do nôsso Príncipe ao Sepulcro,  
E vereis encerrado em vão estreito  
O famoso Varão, que os altos Deoses  
Para illustrar o mundo tinhão feito.

74

Aquelle, que aos prazeres verdadeiros  
Dava seu coração, sua alma pura;  
Sempre que via sobre algum humano  
Bem-feitora voar, qualquer Ventura.

75

Vinde ver da sublime Natureza,  
E da nôssa Sobrana os são intentos  
Convertidos em pó... fim lamentavel  
Da belleza, das sciencias, dos talentos.

76

Dos Cédros, e dos fúnebres Cyprestes  
Por entre os verde-negros, crespos ramos,  
Vejo a Noite fugir... ah mágoa minha!  
Do novo dia á luz também fujaamos.









*Ferouigno de Bar. inv.*

*Frois I. scu.*

## NOITE VI.

I

**Z**EFIROS, que voais por entre os ramos  
Dos altos, desiguaes, verdes Pinheiros:  
Torpes, longevos Faunos fugitivos:  
Ninfas dos bosques, Ninfas dos ribeiros.

2

De roxas faudades coroados  
Ao ar queixozos ais vinde espalhando..  
Vinde aos mesmos silvados espinhozos  
Nossas pungentes mágoas inspirando.

Vin-



3

Vinde comigo, vinde ás praias frescas  
Do nosso ameno Tejo entristecido:  
Vinde ajuntar ao meu o vosso pranto,  
E misturar co' os meus vosso gemido.

4

Cubri os rostos co' os subtís cabellos,  
A fim, que o rizo nunca nelles pouze:  
Com pena de traidora ser chamada  
Dár final de prazer nenhuma ouze.

5

Faunos, ventos, e Ninfas todos juntos  
Deveis tambem chorar nossa desgraça:  
A paz desfrutariéis deleitoza,  
Que vos roubou tambem a sorte escaça.

6

Viçozas Primaveras vinte, e sete  
Chegão seu rosto a ver de Primavera;  
E em fans applicações gastava o tempo,  
Que outros Principes derão á Quimera.

7

Fugi de nós, ó prazenteiros gostos,  
Doces satisfações, meigos carinhos:  
Batendo as pandas azas cõr da noite,  
Vinde a nós sustos lúgubres, daninhos.

Já

8

Já benignos seus olhos derramavão  
Doce consolação em grossa enchente..  
Ante elles o pezar abrindo as garras  
Soltava o coração da afflicta gente.

9

Broncos penedos, que já n' outro tempo  
D' Ino a forte infeliz chorastes tanto,  
Por entre o fresco musgo, que vos cobre,  
Ah! deixai gotejar amargo pranto.

10

A sua bem formada, rubra bocca  
Feita Oráculo vivo derramava  
Sentenças, com quem a cândida Verdade  
Por sua lingua aos homens se explicava.

11

Ligeiras nuvens, que escutais paradas  
Os dolorozos ais, que ao ar soltamos...  
Dos horrídos trovões ao som tremendo  
Espalhai o pezar, que supportamos.

12

Jozé..Jozé.. por nós Principe amado,  
Onde estás? ..Onde estás? ..dize-nos onde..  
Nós te iremos buscar..mas chorai olhos,  
Jozé descança..onde ninguem responde.

Com

13

Com a força da dor estalai penhas ;  
 Abri os feios do meu pranto ás gotas ;  
 Suspire sobre vós todo o vivente  
 Por hum Principe tal ao ver-vos rotas.

14

A vingativa Alteia ás chammal lança  
 O tição por punir a Meleágro ;  
 Mas sem crime a cruel Morte suffoca  
 Hum Principe, a quem lagrimas confagro.

15

Mas Rómulo também antes de tempo  
 Por seus crimes não foi aos Ceos subido :  
 Tirando-lhe hum bom Rei, o Ceo mil vezes  
 Os erros do máo povo tem punido.

16

Quebrai-vos de chorar cansados olhos ..  
 E as lagrimas que absorbe o campo enxuto,  
 Convértão-se em viólas denegridas,  
 E outras flores da côr do triste luto.

17

Oh mágica Medeia, que inspirada  
 Pela triforme Hecáte subjugando  
 Os fozozos Dragões, que co' as farpadas  
 Azas forão por ti nuvens rasgando.

Tu,



18

Tu, que em volante carro ao ar subindo  
 Viste das Tempestades a morada;  
 Os gemidos escuta de ditozos,  
 Da de ditozaz gente magoada.

19

As faudaveis plantas, que arrancaste  
 Ao som de imprecações mysteriozas,  
 Nos Montes d'Ossa, Pélion, Othris, Pindo,  
 E do Enípeo na praia deleitoza:

20

Traze do Luzo aos deleitozos campos,  
 E com os seus activos, quentes succos,  
 Em lugar de perder sem fruto o tempo  
 Em remoçar de novo Esões caducos.

21

Vem-nos resuscitar o mais perfeito  
 Príncipe, que formárão mãos Divinas;  
 Mas coitados de nós... hervas não podem  
 Os raios inverter, que, ó Ceo, fulminas.

22

Já vejo as altas Faias, verdes Chopos,  
 Em que as tristes Helíadas chorozas  
 Se vírão convertidas: doirado ambar  
 Formão do pranto as gotas amargozas.

Tal

23

Tal foi a compaixão, que aos altos Deoses  
 Merecêrão os ais, que ao ar foltárão :  
 D'outra maior são dignas certamente  
 Lagrimas, que entre nós se derramárão.

24

As Irmans de Phaetónte lamentavão  
 A morte d'hum Irmão defvanecido,  
 Que para remover do mundo a ruina,  
 Foi pelo mesmo Jupiter ferido.

25

Se alcançou piedade a sua mágoa,  
 Quanta a nossa também obter não deve?  
 Quanta cauza maior de chorar temos,  
 Que nas margens do Pó Lampezia teve.

26

Nós choramos a morte inesperada...  
 Ah Lizia, estimo bem a tua vinda;  
 Mostrão bem teus cabellos desgrenhados,  
 Que a tua alma o pezar devóra ainda.

27

A estas Ninfas, Zéfiros, e Faunos,  
 Que após mim conduzirão meus gemidos,  
 Convidava a chorar os nossos males,  
 Males por nossos erros merecidos.

E

28

E como algumas Náíades formozas  
Formão o meu intristecido coro:  
Por ellas terem sido as que enterrárão  
Phaetónte infeliz com triste choro.

29

Convencéndo-as do excessõ incomparavel  
Da tua perda sobre a de Climéne,  
Dezejei commovellas de maneira,  
Que não fique nenhuma, que não pene.

30

Pintáva-lhes as raras qualidades  
Com que te mereceo maior ternura,  
Do que Julia Proscíla formentára  
Por hum filho, que á gloria erguer procura.

31

Que escura nevoa hoje enegrece a praia  
Do nosso triste rio adormentado...  
Ficou de ouvir as nossas tristes queixas  
Sobre a molhada areia debruçado.

32

Que sepulcral silencio dominando  
Este lugar está triste, e medonho!...  
Mas ai!.. que sinto?.. suo.. tremo.. eu morro  
Acordado estarei?.. ou isto he sonho?

If-

33

Isto he de minha dor hum novo effeito:  
 Chorai olhos..chorai em liberdade..  
 Meu triste coração ah desaffoga!  
 Solta gemidos.. solta á faudade.

34

Melancólica irmã do claro Phebo,  
 Que encoftada em teu carro prateado  
 Pensativa caminhas, dirigindo  
 Teus alvos potros pelo ar delgado.

35

Desbruçando-te vens por ver se acazo  
 Por entre as crespas nuvens que prateias  
 Vês teu Endymião..tambem gememos  
 Por Jozé nestes campos, que allumeias.

36

Não te canfes porém..em vão a vista  
 Estendes pelo mar, valles, e prados:  
 Do teu Endymião Jove supremo  
 Os bellos dias quiz ver terminados.

37

Jove por terminar tua alegria  
 Do eterno sono o fez cahir nos braços:  
 Arimáno a Jozé para chorarmos  
 Duro abyfmou nos sepulcraes espaços.

A

38

A fraudulenta Inveja destruidora  
De tudo quanto he bom, já não podendo  
Por mais tempo observar as esperanças,  
Que de Lizia no colo hião crescendo.

39

Custándo-lhe a soffrer, que as alegrias  
Herdeiras de esperanças tão fecundas;  
Encheffem de prazer não só os prados,  
Mas té dos montes as cavernas fundas.

40

Furioza de ver nos seios fortes,  
Dos fortes, generozos Lusitanos  
Co' a posse d'um tal Principe animados  
Ledos pular os corações ufanos.

41

Os Povos de Mavorte protegidos  
Vendo no mar, e terras mais distantes  
Derramarem contentes meigos rizo  
Inimigos das mágoas penetrantes.

42

Não podendo sem dor ver tanta gente  
Sorver do gosto a viração suave:  
Para mostrar melhor, que produzido  
Bem não existe, que ella não deprave.

No

43

No feio de huma serpe enraivecida,  
 Chupando o ardente fel, que á raiva incita;  
 Ligeira deixa a gruta pestilente,  
 E os feios monstros, com que sempre habita.

44

Por inhóspitos campos solitarios:  
 Por despídos dezertos escabrozos,  
 Onde ventos não ha, que irados soprem,  
 Nem Zéphiros, que soprem carinhosos.

45

Por terrenos incultos, alastrados  
 De cadaveres tanto differentes,  
 Quanto o são as especies variadas  
 Dos que para morrer nascem viventes.

46

Por sitios, onde a mesma agua encharcada  
 Existe morta, guarnecida á roda  
 De amarellados musgos tambem mortos,  
 Que enfestão podres a atmosphera toda.

47

Pelo reino da Morte pavorozo,  
 Onde tudo em letal abatimento  
 Descansa: onde já tudo inanimado  
 Durava sem vigor, sem movimento.

Da

48

Da Parca busca a habitação medonha  
A que chega por fim, e nella entrando  
Seu venenozo sangue se congela;  
Os ossos o pavor lhe vai calando.

49

O dragão escamozo, que enroscado  
Lhe cinge quatro vezes a cintura,  
E as víboras famintas, que affanhadas  
Lhe mordidão nos peitos a alma impura.

50

Apenas chegam á presença horrivel  
Da hórrida, tartárea Libetina,  
Morrendo largão a malvada preza,  
Que expirando tambem ao chão se inclina.

51

De sua mortal vista por hum pouco  
A Parca suspendendo o activo effeito:  
Para lhe ouvir a voz á Furia manda  
Sustenha a vida, que inda tem no peito.

52

A Morte sanguinoza descansava  
Sobre hum montão de esbranquiçados ossos,  
Que por terem formado homens insignes  
Inda mais illustravão seus destroços.

A

53

A Tyfica voraz, comprida, e magra:  
 A súbita, feroz Apoplexia:  
 As Febres assassinas, cuja ardencia  
 Nos rostos abrazados, bem se via.

54

A empachada Soberba; a torpe, bruta,  
 Desvelada Avareza; o enfanguentado,  
 Bárbaro Dispotismo; a Hypocrizia;  
 E o Fanatismo vil atraído.

55

Velhas Preoccupações; tristes Molestias:  
 Simuladas Traições sanguinolentas;  
 As malditas Paixões, que os vicios nutrem  
 Rodeavão a Parca somnolentas.

56

Mas a todos acorda o som agudo,  
 Que ao nascer faz hum ai da bruta Inveja,  
 Ficta os olhos na Parca silencioza,  
 Olhos em que o furor livre chameja.

57

Co' alento, que lhe resta forcejando  
 Taes palavras soltou a Furia enorme!  
 Funérea Libetina inexoravel  
 Por quem quanto existio já morto dorme.

Tu



58

Tu, cujo descarnado, erguido braço  
 Dos viventes jámais algum respeita:  
 Tu, que matas os Reis tão socegada  
 Como as flores, que o prado ameno engeita.

59

Tu, Ministro fiel, sempre incansavel  
 Da sabia, productora Natureza:  
 Tu, cujo coração impedernido  
 Os clamores das vítimas despreza.

60

Attende ás ansias, com que vim pizando  
 Teus sepulcraes domínios desabridos:  
 Já que eu tambem te sirvo cuidadoza,  
 Dá por hum pouco á minha voz ouvidos.

61

Tu tens-me encommendado, que dos homens  
 Quanto possivel for perturbe as ditas;  
 Em servir-te leal gasto o alento,  
 Que de novo tu grata em mim excitas.

62

Eu sempre vigilante entre os humanos  
 Revoltozas discordias vou nutrindo:  
 Falsas cavillações: intrigas feras,  
 Que os laços da amizade andão partindo.

H

Do

63

Do velho Pai cansado o frio peito  
 Faço que o filho rasgue furiozo:  
 E a cruel Laodicéia a sua prole  
 Sepultou no teu seio tenebrozo.

64

D' Adriano queimei tanto as entranhas,  
 Que do Danúbio a ponte sumptuoza,  
 Desmantella, arruina unicamente  
 Por desfalcar do Author a fama idoza.

65

A pezar das virtudes que o ornavão  
 Sabes delle alcancei, que em triste choro;  
 Mostrando seu tenaz resentimento,  
 Delle vítima fosse Apolodoro.

66

Pacheco, Lopo Vaz, Bing, Albuquerque,  
 E o forte Belizario cuidadoza  
 Sacrificar-te pude; e inda me lembra  
 Que ufana os aceitaste mui gostoza.

67

Sabes que por te ser mais agradavel,  
 Illustrando inda mais os teus serviços;  
 Perverti corações ao bem propensos,  
 Os feios corrompi té dos Magriços.

Bem

68

Bem vês que para entrar por toda a parte,  
 Quaes em Miranda entrárão os Hyspanos:  
 Mil fórmas largo, e tómo, com que abuzo  
 Da crédula fraqueza dos humanos.

69

Por ti de emulação, de ardente zelo  
 Da amizade, e carinho as fórmas visto:  
 Entre os froxos de fraca o nome adquiero,  
 Manha com que ao depois segura invisto.

70

De todos estes trages revestida  
 Sabes quanto por ti tenho suado:  
 Quão soberbos troféos posto por terra;  
 Quão inuteis muralhas levantado.

71

Quantos milhões de víctimas sem culpa  
 Aos magótes lancei nos teus altares;  
 Com seu fangue inundando a esteril terra,  
 Com seus últimos ais turvando os ares.

72

Sabes, que em toda a parte, em todo o tempo  
 A's Artes, e Sciencias fiz mil damnos;  
 Formando dos seus mais fieis alumnos,  
 Seus mais damnosos, pérfidos Tyrannos.

73

Em premio pois de quanto obrado tenho  
 Para dar cumprimento a teus preceitos,  
 Quero me ajudes, tetrica Deidade,  
 A ferir d'um só golpe muitos peitos.

74

Em fim não posso supportar, que vivo  
 O Principe dos Luzos mais respire:  
 Eu darei por bem pagos meus trabalhos,  
 Quando o sabio Jozé morrendo expire.

75

Como da Furia o rogo por objecto  
 Entre as ruínas tinha a mais distincta:  
 A devorar de Lizia o Rei futuro  
 Das Febres todas manda a mais faminta.

76

Por teu Endymião em vão suspiras..  
 Nós tambem por Jozé em vão gememos..  
 Mas já que em só chorar alivio achamos..  
 Triste Diana, sem cansar choremos.

77

Choremos noite, e dia pelos montes..  
 Com lagrimas reguemos nossos prados..  
 Choremos o maior de quantos males  
 Sobre este globo devem ser chorados.

Per-

78

Perdemos hum bom Principe, Justiça,  
 Industria, Sciencias, e Artes, que os Estados  
 Sabeis enobrecer, dizei se acazo  
 Póde vir maior mal aos povoados.

79

Hum bom Principe, sim de cujo braço  
 Vem os Povos seu bem estar pendente  
 He a perda maior, que fazer póde  
 A já destribuída, culta gente.

80

Quando hum Principe bom occupa o trono  
 Em attenção a elle as Divindades,  
 Tudo prosperão: liberaes repartem  
 Com sua alma das santas qualidades.

81

E quanto os povos vivem convencidos  
 Dos altos bens, que d'um bom Rei se esperão,  
 João Augusto, nos teus Luzos viste  
 Quanto com o teu mal esmorecêrão.

82

Quanto he nosso pezar mais generozo,  
 Inviçta Lusitania, do que o pranto  
 Que Roma derramou por seu Marcelo;  
 Que por Thoas verteo tambem Lepartho.

Seus

83

Seus queixumes .. seus tristes ais queixozos  
 Forão paga dos bens já recebidos,  
 Gemêrão por seus Chefes Bem-feitores  
 A feu valor, e zelo agradecidos.

84

Ao Augusto Jozé .. ao Rei futuro  
 Lizia devia fó zelo constante ..  
 Hum tão sólido amor, tão bem formado,  
 Que o invocava já seu Atlante.

85

Só mortas esperanças lamentamos ..  
 Mas ellas, justos Ceos, valião tanto;  
 Que desde que ha mortaes entre os dois polos,  
 Nenhum mais digno foi de amargo pranto.

86

Ai .. já não posso mais .. ansias, soluços ..  
 Suffocão-me a voz debil na garganta ..  
 Adeos, choroza Lizia .. adeos, ó Ninfas,  
 Ah .. íde-vos, que o Sol já se levanta.

87

Quando he nullo o pranto mais generoso,  
 Invista a natureza do o pranto mais  
 Que Roma demandou por seu Marcelo  
 Que por Thes vertes também se levanta  
 Sora





João Thomas da Fon.<sup>a</sup> inv.

Ventura da S.<sup>a</sup> sc.





*Ter de Bannier.*

*Quinn & Sons Sc.*

## NOITE VII.

1

**C**OMO vem hoje a Noite carregada,  
De tão espessa nevoa revestida,  
Que nem de Syrio penetralla pôde  
A scintillante luz esclarecida.

2

Nictiméne brutal, que por seu crime  
Convertido se vio em ave negra,  
Geme no Cedro, em quanto Filomela,  
Cantando da vingança vil se alegra:

Mi-

3  
 Míзера condição da humana gente..  
 Testemunho fatal da variedade..  
 Prova constante do chorado abuzo,  
 Que o homem faz da grata liberdade.

4  
 De pranto em gotas mil vertendo as mágoas  
 Heráclito lamenta noite, e dia;  
 Em tanto o Abderitáno ás gargalhadas  
 Zombava sem cessar de quanto via.

5  
 Dos homens a acanhada intelligencia,  
 Em nada mais se vê, que na incerteza,  
 Com que cegos discorrem muitas vezes  
 Do mesmo objecto sobre a Natureza.

6  
 Huns a Juliano dão fumantes piras;  
 Vestem-lhe a frente c' o enroscado loiro;  
 Ornão-lhe a bellicosa, forte dextra  
 Co' cravejado, nobre Sceptro d' oiro.

7  
 Outros d'elle formando outras idéias;  
 O despem do imperial, pompozo manto;  
 Huns chamão-lhe infiel, perverso, duro,  
 Outros chamão-lhe justo, humano, santo.

8

A geração de Pyrrha vicioza  
 Em tudo busca desiguaes extremos :  
 Ou a Jove arrancar intenta os raios ,  
 Ou ao velho Charonte os duros remos.

9

As pedras do Thezálío organizadas ,  
 Discordando entre si dois bandos seguem ,  
 Huns d'Ephezo suspirão com o triste ,  
 Os outros com o Trácio a rir profeguem.

10

Do mundo o destruidor , bárbaro abuzo  
 Das Sciencias e Artes bellas o Tyranno ,  
 Sobre a mízera , pobre Humanidade ;  
 Domínio o mais cruel , prática ufano.

11

Os homens são os mesmos , que antes erão :  
 Sempre por não parar nos termos dados  
 Do Abuzo vil , fatal no abyfmo escuro  
 Vão ás tontas cahir precipitados.

12

Todos ao cego Abuzo são propensos ;  
 Todos sem o cuidar no mundo abuzão ;  
 E depois ao pagar tributo ao erro ,  
 Com os acazos tímidos se escuzão.

Té

13

Té Newton dedicou á este Numen  
 Seu Paraphrizeado Apocalypse:  
 Pelo mesmo furor arrebatado  
 Tosca da Lua, e Sol mede o Eclipse.

14

Das mais sagradas, importantes luzes  
 Os homens desleaes abuzão cegos;  
 Da sã Religião o Abuzo em Cusco,  
 Fez com fangue fumar leivas, e regos.

15

Perrault sem se lembrar quanto aos humanos  
 He mais preciza a arte soberana,  
 Que a dezejada vida prolongando  
 As víctimas arranca á Morte infana.

16

De Galéno, e Hyppócrates a Sciencia,  
 Sem ver quanto foi sempre mais precioza,  
 Que de empinar soberbos obeliscos,  
 Essa Arte sempre altiva, e caprichoza.

17

Perrault atraçoando a Humanidade,  
 Em obsequio ao feroz, cruento Abuzo,  
 Abandona de Celso as descobertas,  
 Por traduzir Vitruvius vão, diffuzo.

Oh

18

Oh vós de Musa dignos successores!  
 Vós, Ministros da sabia Natureza!  
 Vós, sobre cujos hombros a existencia  
 Da humana Geração busca firmeza.

19

Certos do curto vão, que hoje medeia,  
 Entre os limites da esfalcada vida,  
 E da extensão immensa da Sciencia  
 Por Esculapio aos homens offrecida.

20

Vendo que de cem annos os instantes  
 Não podem sobejar a quem se entrega,  
 Dos Théalos, Menécratos, Dracónios,  
 A' Sciencia, que a moleza faz mais cega.

21

Da importancia por fim do vosso cargo,  
 Suppóndo-vos hum pouco hoje advertidos:  
 Obrigado das queixas innocentes,  
 Dos orfãos que deixastes desvalidos.

22

Da parte da offendida Natureza,  
 E da esterilizada Humanidade,  
 Vos rogo não façais malvado abuzo,  
 Da Sciencia que estender consegue a idade.

De

23

De Petrárca deixai os doces cantos ;  
 Nem o pincel d' Apélles vos distraia ;  
 Prender-vos não confira Pergolézo ,  
 Nem a vossa attenção Lizípo attraia.

24

De quantas sciencias entretem dos homens  
 A curta reflexão sempre alienada ,  
 Nenhuma deve fer mais feridamente  
 Pelos hábeis humanos estudada.

25

De nenhuma o errar he mais sensível ,  
 Do amante Gabriel arranca aos braços  
 A internecida Esposa , e sem tardança  
 Nelle mesmo da vida solta os laços.

26

Bem fei que o Créador firmou limites  
 A' nossa duração ; mas he coherente :  
 Elle não , mas dos Cráteros a inercia  
 Mata na mocidade a mais da gente.

27

Não queirais por descuido responsaveis  
 Ficar das desventuras lastimozas ,  
 Em que Pylades ficão sem amigos ,  
 Em que ficão Acróncios sem Esposas.

Com

28

Com Lemério, Discórides, e Albino  
Adornai vossos lúcidos talentos:  
Gastai em conversallos toda a vida,  
Da qual sobejos não vereis momentos.

29

Ditoza Arte feliz, Arte Divina,  
Que a vida prolongando os Heroes fórma;  
As Sciencias enriquece, apura as Artes,  
E os fustos em prazeres mil transfórma.

30

Ah não vos admireis de que zelozo  
Hum pouco além passasse da baliza,  
Revoltou-se em meu seio a viva mágoa  
Com a vista d'aquella pedra liza.

31

Debaixo della está!..ah chorai olhos,..  
Meu triste peito geme..geme..geme..  
Estão mortos os pulsos destinados  
Para de Lizia manejar o Leme.

32

Está o Augusto Principe formado..  
Ah Deoses soberanos!. confortai-me..  
Está Jozé..fim..Jozé..Jozé descanfa,  
Negras filhas do abyfmo a voz soltai-me.

Es-

33

Está .. mortos Espectros .. da Virtude,  
 Hoje escudado com a voz suprema,  
 Mando-vos, que o silencio interrompendo,  
 Cad' um por elle furdamente gema.

34

Se os Deoses a Jozé capaz fizerão,  
 De produzir Phenómenos preclaros,  
 A favor dos humanos venturozos,  
 Que ainda por fieis se mostrão raros.

35

Que muito d' hum tal Principe em memoria  
 Hum Phenómeno outorgue á Natureza,  
 Pelo morto Jozé .. mortos humanos,  
 Soltai a voz ha tantos annos preza.

36

Aquelles de entre vós, que entre os viventes  
 Ficaráo sendo Pais reproduzidos:  
 Lamentem mais, que os outros os proveitos,  
 Que lamentão seus filhos por perdidos.

37

Oh cultores das Sciencias, e Artes bellas!  
 Vosso exemplar chorai .. chorai faudozos  
 A morte d' um mancebo infatigavel,  
 N' ambição de fazer-vos mais ditozos.

A'



38

A' importante, e sublime arte sobrana  
De nutrir dos humanos a ventura,  
Foi Jozé pelos Ceos já dedicado,  
Tanto nelle a aptidão brilhava pura.

39

Porém nunca abuzou.. prevendo ás claras,  
Que a ignorancia dos Reis he a tyranna;  
Que nelles á ambição víctimas dando,  
Do povo humilde as esperanças dana.

40

Vendo q̄ aos Reis mais q̄ aos humanos todos.  
Precíza será sempre a immensidade;  
E que ella concedida nunca fora  
A's pobres mãos da pobre Humanidade.

41

Sabendo mais, que os Deozes providentes,  
Para supprirem esta grande falta,  
As Sciencias desde os Ceos nos enviárão,  
Comi que dos homens o valor se exalta.

42

Vendo que de reger os outros homens,  
He das Artes a mais difficultoza;  
E que só das Sciencias a luz clara  
A faz nas mãos d'hum Rei ser proveitoza.

De

43

De noite, e dia sempre diligente  
 Em fazer consumia seus alentos:  
 De ser util a fome o obrigava  
 A enriquecer sem tregoaos seus talentos.

44

Ah! dos homens cad' um dentro em sua arte,  
 Tome do nosso Principe o exemplo;  
 Jozé nunca abuzou, sempre constante,  
 Só na Arte dada aos Reis vos-lo contemplo.

45

E assim como Jozé dos mais Augustos  
 Na turba já se via affinalado:  
 Cad' hum de vós tambem em justo premio  
 Em sua arte virá a ser croado.

46

Meu illustre Mecenas!... que choro  
 Junto a essa lagem fria estás ouvindo  
 Os versos sepulcraes, que entre soluços  
 Do meu cansado peito vão sahindo:

47

Chorar, e rir da gente humana extremos  
 São já desde que dura conhecidos;  
 Porém se Young, e Hervey nada fizerão,  
 Que espero eu fação meus mortaes gemidos.

Ah

48

Ah sensível Humano, nada espero!  
 Os meus queixozos ais não darão fruto!  
 Reconhecido a fer tu me ensinaste,  
 Meu rosto a Gratidão não quer enxuto.

49

A calúmnia offuscar não póde nunca  
 As Virtudes que n' alma recebeste;  
 Nos teus já rubros olhos não se vedá  
 Pranto de Ephestião, pranto de Oreste.

50

Do alto Carvalho herdaste claro Henrique  
 A constante effeição aos Lusitanos:  
 O apego ás Sciencias, ás fecundas Artes  
 O respeito, e amor aos Soberanos.

51

Por isso em attenção ao sacro Trono,  
 Que com pranto de mãe a pia Augusta,  
 Sem cessar humedece faudoza,  
 D'um Filho, que lhe rouba a Sorte injusta.

52

Em attenção ao Trono entristecido,  
 E á perda, que ninguem melhor conhece,  
 Lamentas em Jozé morta a esperança,  
 A que o povo fiêl mil ais offrece.

I

Eu

53

Eu, que desde os primeiros, tenros annos  
Sou alumno feliz dos teus exemplos;  
Eu, que aprendi de ti a amar os homens,  
E a obedecer á voz, que sahe dos Templos.

54

Eu, que gózo a fortuna incomparavel  
De me chamares teu, eu que respiro  
Ao teu lado tão junto, que se choras,  
Chóro; e se gemes, eu tambem suspiro.

55

Aproveito os instantes preciozos,  
Em que possa servir á Humanidade;  
Convencido por ti, de que os talentos  
São crédores da humana utilidade.

56

Sei que o tempo, em que geme triste a gente  
He de todos o mais proporcionado,  
Para dictar-lhe máximas sinceras,  
Que possão melhorar feu triste estado.

57

Tuas lagrimas tristes co'as de Lizia,  
Meu triste coração tanto enlutarão,  
Que a minha Muza ha muito adormentada,  
Com seus ais dolorozos despertarão.

De

58

De tua companhia inseparavel,  
Os teus seguros passos vim seguindo,  
Na companhia de Lizia consternada  
Aqui ficamos nosso mal carpindo.

59

Mas qual foi nosso pasmo, quando vimos  
Da Augusta Marcia, da gentil Esposa,  
Posto ao lado João... o Rei futuro,  
Do seu Irmão chorando a morte iroza.

60

Luiz Treze desde o Trono derribado  
Se vio na sepultura, e com mil vivas,  
Ao solio dirigio seu filho os passos,  
Soltando poucas lagrimas esquivas.

61

A experiencia convence a cada instante,  
Que entre os humanos d' uns as desventuras,  
São mãis fecundas das doiradas fortes,  
Com que outros sobem d' Ancion ás alturas.

62

E vendo que elles ao julgar-se erguidos,  
Se esquecem da desgraça que os levanta,  
Generózo João... teu sentimento  
He tão raro entre os homens, que me espanta.

63

Sim, Rei futuro, pelos Ceos deixado  
 Por columna do Reino Lusitano,  
 No cume erguido do partido monte  
 Te inaugura Mirtylo sobre humano.

64

Da corrompida, humana, triste prole  
 He proprio se esquecer do mal alheio;  
 Tu porém invertendo, oppões-te ao vicio;  
 A desgraça do Irmão fere o teu feio.

65

Ah! permittão os Ceos, os Ceos concedão  
 Que vejamos em nós verificados  
 Os bens, que pelo teu sublime pranto  
 Por teu Povo fiel são esperados.

66

Cheio pois, bom Henrique, da amargura  
 Que inspira dentro d'alma huma desgraça,  
 Que não cinge sómente os luzos Povos,  
 Que a humana prole geralmente abraça.

67

A minha terna Muza ao ver choroza  
 Prompta a inspirar-me sepulcraes conceitos;  
 Com que chorar fizesse enxutos olhos,  
 Com que ais tirasse dos mais duros peitos.

Em

68

Em obzequio leal á Patria Luza,  
 A quem devo agazalho, e favor tanto;  
 Entre os já descarnados esqueletos  
 A enfraquecida voz aos Ceos levanto.

69

Levanto minha voz..oh Humanidade..  
 Em attenção tambem ao teu desgosto:  
 Em Jozé, com quem já te recreavas,  
 Tinhas benigna Mãi teus olhos posto.

70

Tu cheia de prazer á Natureza...  
 Davas os parabens internecida,  
 Por não veres ha muito os loucos homens  
 No enfanguentado chão perder a vida.

71

Hoje porém eu creio estar-te vendo  
 Outra vez desgrenhada com teu pranto  
 As feridas molhar dos miseraveis,  
 Que mata a Guerra, quando a voz levanto.

72

Colhendo que da paz o bem provinha  
 Dos corações dos Reis humanizados,  
 Do Principe applaudindo as qualidades,  
 Querias dar exemplo aos entronados.

73

Vendo que dos bons Reis unicamente  
 Da humana Geração a paz depende,  
 Em Jozé dar modelo dezejavas..  
 Mas a morte voraz a nada attende.

74

A nada attende a Parca inalteravel..  
 Dos preceitos fieis da Natureza  
 Fiel Executora o braço erguendo  
 Mata sem distincção Plebe, e Nobreza.

75

Tu de novo soluças, Lusitania,  
 Do novo mal ferida co' a lembrança;  
 E eu triste de mim tambem contigo,  
 Contra a Parca feroz grito vingança.

76

Mas a luz transparente, que bafeja  
 Sobre o nosso horizonte o claro dia,  
 Dissipando já vai da Noite as sombras,  
 Co' a madrugada vem doce alegria.

77

Meu triste coração prende por ora  
 Os dolorozos ais; os teus gemidos:  
 A' noite os soltarás em liberdade  
 Entre estes frios ossos carcomidos.

NOI-









## NOITE VIII.

I

**F**OGE, Sono, de mim .. busca os ditozos :  
 Que seus Principes gozão inda vivos .  
 Foge .. foge de nós , a quem as Furias  
 Da desgraça cruel querem cativos.

2

Voando vem a Noite luctuoza ,  
 Medonha , triste , feia , e carrancuda ;  
 Todo o nosso horizonte ennegrecendo ,  
 Em negra côr todas as cores muda.

Pe-

3

Pela fria estação já protegida,  
 Muito mais cedo vem aos nossos prados,  
 Onde a defrenar começa o Inverno  
 Os Austros, que do mar vem enfiados.

4

De espaço a espaço das pezadas nuvens  
 Rasgar-se vejo os abrazados seios;  
 E acclararem de forte a nevoa escura,  
 Que até se vem de luz os valles cheios.

5

Para mostrar-nos, que do Averno he filha  
 Do Averno traz a Noite hoje os horrores?  
 Estrondozos trovões retumbão roucos,  
 Soão nas grutas écos rugidores.

6

Que quadro tão pompozo á Natureza  
 Delineando está nos fuscos ares:  
 Como bramão os ventos furiozos,  
 Como as vagas aos ceos lanção os Mares.

7

Não te affustes, humilde, pobre humano,  
 Quando ouvires o horrído estampido  
 Do trovão estalar; esse teu susto  
 N'algum crime te mostra comprehendido.

Apro-

8

Aproveita o teu tempo em saber quanto  
 Nos deixa investigar a Natureza :  
 Folheia bem seu volumozo livro ,  
 E entrarás dos mysterios na inteireza.

9

De Franklin observa as experiencias ,  
 E verás , que o estrondo , que te affusta ,  
 He hum desses phenómenos precizos ,  
 Supposta da Materia a força adusta.

10

Mussebroek estuda , Wals procura . . .  
 E a Garrafa de Leyden observando  
 A vista da geral força do Eléctro  
 Teu pueril temor será mais brando.

11

Não dos trovões ruidozos , mas do crime  
 Vendo o semblante acautelado treme :  
 Estuda , e cede ás Leis tua vontade :  
 Quem tem Virtude , e Sciencia , nada teme.

12

Esse teu futil medo nos convence  
 De que inda quando tremes és soberbo :  
 Como tu nas vinganças és ferino ,  
 Nas vinganças teu Deos julgas acerbo.

Mas

13

Mas olha para ti, e vê se acazo  
 O teu cego amor proprio te ennobrece  
 A ponto de julgares com verdade,  
 Que o Ceo só por punir-te se embravece.

14

Homem degenerado...Ente indomavel,  
 Da tua vaidade olha o extremo..  
 Tal he o precipicio em que te lança,  
 Que vendo-te cahir, tambem eu tremo.

15

Frenético emulando a authoridade  
 Que vês teu Creador goza sem fulto;  
 Intentas seus fazer os teus excessos;  
 Por te justificar chamas-lhe injusto.

16

Invejas tanto do seu ser a gloria,  
 Que esquecendo o respeito, que lhe debes,  
 Sacrilego querendo envilescello  
 Tuas paixões lhe dás, quando o descreves.

17

Se tão franco ao crear-te houvera sido,  
 Como com elle es tu sempre, que o pintas  
 Na especie respiráras dos insectos,  
 Que as forças ao nascer sentem extinctas.

Ah

18

Ah desprezível homem, cego, e louco!  
Pelo teu frenezim arrebatado..

Julgas que ao teu Author tanto entimidás,  
Que de hórridos trovões te busca armado.

19

Que conceito farias da formiga,  
A quem ouvisses proferir ufana;  
Só por me aniquilarem tres Imperios,  
Hoje seguem da guerra a furia infana?

20

Púnhas-te logo a rir do louco insecto:  
E eu me riria então de ti sómente,  
Vendo o mal que medias as distancias  
Do insecto a ti, de ti ao summo Ente.

21

Se da tua locura ver quizeres  
Quão distantes estão os dois extremos,  
Examína-te bem.. dá de barato..  
Ergue os olhos aos Ceos, e contemplemos.

22

O Omnipotente Ser, a quem ingrato,  
Sacrilego disputas a grandeza,  
He o Ente eterno, de quem só depende  
Para as suas funções a Natureza.

A

23

A sua mão direita póde tanto,  
 Que formando esses globos scintillantes,  
 Deo-lhes c'um leve aceno movimentos  
 Com que sempre gyrar hão-de constantes.

24

Argos do que elle tinha menos vista,  
 O futuro, e passado vê presentes;  
 Em fim he Deos Omnipotente, Immenso,  
 A quem devem seu ser todos os Entes.

25

Mede agora, coitado, as tuas forças,  
 A tua comprehensão olha bem, olha:  
 A formar não te atreves hum mosquito;  
 A effencia ignoras da mais simples folha.

26

No ver te excede o mais cansado Lince:  
 No ouvir o Javalí; no tacto a Aranha;  
 O Bugío no gosto; e que no olfacto  
 Te vence, mostra o Cão pela montanha.

27

O incorporado Elefante he mais forçozo,  
 Que hum cento dos antigos atletas;  
 E na industria escurecem mil Philónios  
 As Abelhas, que voão inquietas.

Do



28

Do passado colher podes apenas  
 O pouco, que permite a curta vida;  
 E como Leibnitz vio, e Fontenelle  
 Té isso rouba a idade encanescida.

29

A política ver não póde nada  
 Do futuro, por mais que a vista esfregue:  
 Lord Chatan se acertou, foi hum acazo,  
 Como os mais, com que cega nos alegue.

30

De Raméses Miámo o Obelisco  
 Não concorra a nutrir tua vaidade,  
 De vinte mil escravos foi trabalho  
 Producto de huma bárbara vontade.

31

As Egypcias Pyrámidas se justo  
 Quizeres reflectir, nada concorrem  
 A fomentar a tua vã foberba,  
 Tambem de durar cansão, tambem morrem.

32

De Nino os monstruozos Baluartes:  
 A torre de Babel, que aos Ceos subia;  
 De Semíramis vã os largos muros;  
 O Colóssio, que o Sol ao nascer via.

O

33

O Depósito immenso, em que do Nilo,  
 Meris soube encerrar as aguas claras:  
 O confuzo, e extenso labyrintho,  
 Que em Arfinoe croava emprezas raras.

34

São monumentos, que nos põe aos olhos  
 Não dos homens Divina prepotencia:  
 Os restos, que durar deixa ainda o Tempo,  
 Mostrão dos pobres homens a demencia.

35

O bem maior, que dá a Natureza  
 He hum bom coração; organizado  
 Com docil propensão para a Virtude,  
 Do Vicio contra os golpes sempre armado.

36

Este em Caio corrompe, e adultéra  
 A alteração molesta dos humores;  
 Nelle mostra que póde a enfermidade  
 Voltar em máos os corações melhores.

37

Quanto do coração, e da alma o preço  
 He instantaneo, e fragil, nos convence  
 Hoje o Terceiro Jorge, o Rei amado  
 De fezuda Nação que os mares vence.

Deos

38

Deos tem por duração a eternidade,  
 E a tua, inda a pezar de ser tão curta,  
 Vê-se sujeita a cinco mil molestias,  
 E quantas vezes hum insecto a encurta.

39

Basta huma gota d'agua; a mais pequena  
 Porção d'esse alimento teu conforto,  
 A pezar da Epiglóta introduzido  
 Na Trache-Arteria para ver-te morto.

40

Se os acazos contares infinitos,  
 Porque podes do Erébo ver a filha:  
 Tão fragil acharás da vida o fio,  
 Que terás teu viver por maravilha.

41

Homem! tu não es nada, que mereças  
 A mínima attenção, da extensa terra  
 Hum ponto occupas; para anniquilar-te  
 Teu Author não precisa armar-se em guerra.

42

Quero em fim acclarar tua cegueira  
 Co' as luzes, que derrama a sã Verdade:  
 D'huma vez morra .. morra suffocada  
 Dentro em teu coração tua vaidade.

Lem-

43

Lembrado de que ao mundo já mais torna  
 Aquelle, que huma vez delle sahira;  
 E que não dos já mortos, mas dos vivos  
 A fereza cruel pavor inspira.

44

Destemido encaminha os largos passos  
 Por este tribunal incontestavel:  
 Tudo o que nelle vês são monumentos,  
 Que te mostram quanto és pouco duravel.

45

Vem, e logo prendendo os teus sentidos,  
 Com fezuda attenção, ferias, e madura;  
 Deixando as sepulturas, que nos cercão,  
 Fita os teus olhos nesta sepultura.

46

Aqui supporta o pezo rigorozo  
 Desta lavrada pedra endurecida,  
 Encerrada em espaço estreito, e curto,  
 Sem por lado nenhum achar sahida.

47

A Terra, que ha mui pouco organizada  
 Formava hum gentil corpo, tão perfeito,  
 Que dos mais duros corações obtinha  
 Não só provas d'amor, mas de respeito.

A

48

A vívida materia, que animava  
 O melhor coração, mais bem formado  
 De quantos tem as mãos da Natureza  
 Té o instante, em que eu choro aos homés dado.

49

O já exangue, pálido cadáver,  
 A quem a melhor alma dava alento:  
 De viveza, e sciencia alma tão rica,  
 Que era já dos espíritos portento.

50

Huma alma de potencias tão sublimes,  
 Que em memoria aos Cynéias excedia;  
 Aos Germánicos sãos no entendimento;  
 Mais que Luiz doze, ao bem se dirigia.

51

Jozé.. hum novo Príncipe creado  
 Para fazer feliz o Reino Luzo:  
 Cuja vida tão cedo foi cortada,  
 Que á Parca de cruel chorando accuzo.

52

Do vaidozo Necáo fofó imperante  
 A monstroza, agigantada empreza,  
 Mostra, que quanto mais do mundo á origem,  
 Mais vigor inspirava a Natureza.

K

O

53

O Novo Heroe , que canto , conhecendo  
 Que nascêra n' um tempo , em que cansada  
 A terra de soffrer do arado os córtes  
 Produzia já muito violentada.

54

Vendo dos differentes alimentos ,  
 Que a substancia por muito enfraquecida ,  
 Debilitando o Phyzico nos homens ,  
 Lhes tira a força , lhes encurta a vida.

55

Neste tempo , em que o succo nutritivo  
 Por froxo diminue toda a energia :  
 Invocava da industria o pingue auxilio ,  
 E a influencia da sã economia.

56

E vendo que hum Rei só por si não póde  
 A fortuna fazer dos seus Estados :  
 Que precisa tirar todo o proveito ,  
 De quantos ao seu grito vê prostrados.

57

Da activa Emulação , da Honra , e Brio  
 Se propunha avivar a extincta chama ;  
 A fim de desfazer os vãos espeqes ,  
 Com que edificios vãos sustenta a Fama.

De-

58

Defejava animar os seus vassallos  
 A quererem por si valer no mundo,  
 E não á fombra dos trofeos, e escudos,  
 Cujos donos forveo, o Erébo fundo.

59

Seu cuidado, e estudo nos convence,  
 Que ninguem mais do que elle conhecia  
 Valer mais Rafael com os seus quadros,  
 Que o inerte successor da Fidalguia.

60

Sabía, que a ambição funesta, e louca  
 De não ceder aos annos a victória:  
 De deixar entre os homens successivos  
 Eterna, sempre sólida memoria.

61

Que o dezejo irrizorio, de constante  
 Ficar depois de morto ainda vivendo,  
 Fabricou o Guindaste, a mola activa,  
 Que as Pyrámides foi aos Ceos erguendo.

62

Cavilozas idéias, de que os tempos  
 Os fins pouco sinceros pervertêrão:  
 Das Pyrámides durão as reliquias,  
 Os nomes dos Autores perecêrão.

63

Jozé menos altivo, e mais prudente  
 Não queria passar além do ponto,  
 Que marcar-lhe devia o fim da vida:  
 Do Ceo ás decizões ninguem mais pronto.

64

A' vista da constancia inalteravel,  
 Com que via a Materia obediente,  
 Seguir da Natureza as Leis eternas,  
 Cedia ás Leis tambem do Omnipotente.

65

Ambicionava só gastar o alento  
 Em nutrir dos seus Povos a ventura,  
 Para da Humanidade no aúreo Templo  
 Deixar erguida duração segura.

66

Pois se hum Principe tal obter não pôde  
 Nem por sua figura, nem talentos:  
 Nem pelos rogos de seus tristes povos:  
 Da vida dilatados os momentos:

67

Se o Augusto Jozé obter não pôde  
 O Decreto dos Deoses revogado?  
 Se inda a pezar da mesma Humanidade  
 Jozé neste sepulcro está fechado:

Em



68

Em que fundas, mortal desvanecido,  
Essa aérea grandeza, que levantas?  
Desenvolve tua alma . . abre esses cofres,  
Vejamos esses bens, com que te encantas.

69

Por mais que acautelado, e caviloso  
Todos os teus defeitos escureças;  
Inda que em cima de globozos fumos  
As tuas perfeições nos ennobreças.

70

Se fictares os olhos nos semblantes  
Dos ínclytos, invictos Portuguezes,  
Que aos Deoses por seu Principe offercem  
Quanto póde formar seus interesses;

71

Ao ver nos mesmos olhos dos meninos  
Lágrimas innocentes burbulhando:  
Ao ver os ternos Pais com ais queixozos  
O seu pezar nos filhos inspirando:

72

Ao ver toda a Nação ao Ceo pedindo  
Seu Principe outra vez lhe restitua:  
Ao veres que não há quem suspirando  
A fereza da Morte não argua:

73

Ao ver o mesmo Tejo andar varrendo  
 Com as barbas musgozas, e enfopadas;  
 Na força do pezar as longas praias,  
 Praias co' as nossas lágrimas banhadas.

74

As úteis Artes, respeitaveis Sciencias  
 Desgrenhadas ao ver fahir aos prados,  
 E coroadas de espinhozas silvas,  
 Tornarem outra vez aos povoados:

75

Podes com taes finaes bem convencer-te  
 De não teres huma alma tão subida,  
 Que possa ao menos igualar os dotes  
 Da que deixar-nos quiz por melhor vida.

76

Porque a maiores coizas o chamava  
 Mais liberal com elle, que contigo  
 Tinha sido a prudente Natureza,  
 Entregando-lhe bens, que inda não digo.

77

Tu de noite, e de dia ao ser Supremo  
 Perguntas a razão do que executa,  
 Quando ás eternas Leis obediente  
 Mudo o golpe soffreo da Parca bruta.

Se

78

Se o Augusto Jozé com seus talentos  
 A' soberba dar pareas nunca pode:  
 Homem desvanecido, o vôo suspende,  
 Essa nevoa fatal de ti facode.

79

Se ao Augusto Jozé tantas virtudes  
 Não puderão livrar da injusta morte,  
 Tu que vales do que elle muito menos,  
 Não esperes, mortal, mais feliz forte.

80

Enrola as vélas desse curto barco,  
 Em que sulcas o mar das incertezas;  
 Este porto demanda, lança ferro,  
 Aqui darás valor ao que desprezas.

81

Aqui aprenderás a ser humilde:  
 Da Morte o rosto fúnebre, fanhúdo  
 He o açaimo, que só consegue ás vezes,  
 Que Campanélla os Ceos adore mudo.

82

Estuda nas funéreas, negras folhas  
 Deste livro, que triste te aprezento,  
 A obedecer ás Leis, que do Ceo descem:  
 A amar os homens sem nenhum izento.

Apre-

83

Aprende a ser feliz quanto o permitem  
As fans dispozições da Natureza:  
Té chegar sem trovões a hora, em que o sangue  
Te congele tambem mortal frieza.

84

Já cantão sem pezar as tenras aves;  
Já se vão subtís nevoas desfazendo;  
Já se vestem de luz valles, e montes;  
Já vai o claro Sol resplandescendo.

85

Já vejo, Marcia Augusta, com o dia  
As lágrimas brilharem no teu rosto:  
Quanto, Marcia fiel, tua constancia  
Não concorre a nutrir o meu desgosto.

86

Santa Religião! as brancas azas  
Desprega sobre nós... ah! tu sómente  
Podes como dos Ceos filha Divina  
As mágoas moderar da triste gente.

87

Vamos, ó Lusitania, já he dia,  
Solta o teu luctuozo, escuro manto:  
Vamos seguindo as sombras, que se escondem,  
Suspendamos por ora o nosso pranto.

NOI-

175





J.ão. Thomas inv.

Ventura da S.<sup>a</sup> esc.

L.<sup>o</sup>



*Ter. de Barrasens.*

*G. F. de Gueres f.*

## NOITE IX.

1

**Q**UE pezo o coração me está quebrando..  
Morto Jozé .. ah ! quantos ais me custas  
Ah Deoses! quãtas mágoas dão aos homês  
As vossas decizões, inda que justas!

2

Mas agora que os olhos por acazo  
Ergui aos Ceos, que estão esclarecidos..  
Ah meu Principe!.. sim.. por tua gloria  
Vou aos homens servir inda illudidos.

Quan-

3

Quanto abateo a guerra d'onte os ventos!  
 Quanto as nuvens ficarão fatigadas,  
 Bem se vê no focêgo, com que limpas  
 As estrellas scintillão prateadas.

4

Agora fim, que estão livres de nuvens  
 Aos homens dando huma lição bem clara,  
 D'harmonia, de paz, de obediencia,  
 Ergue, humano, teus olhos, e repara.

5

Vês effes deziguaes, luzentes globos  
 Que o azul, etéreo campo marchetando  
 Da Noite entre as espessas, negras sombras  
 Em desiguaes alturas vão brilhando.

6

Nelles tens hum fiel, vivo modêlo,  
 Que a todos nós d'útil exemplo serve:  
 Elles mostrando estão o facil modo,  
 Por que a ordem no mundo se conserve.

7

Esses erguidos corpos luminosos,  
 De que sempre nos vemos rodeados,  
 Em desiguaes porções distribuidos  
 Arremédão dos homens os estados.

Huns



8

Huns chamão-se entre nós estrellas fixas,  
 De que os Reis vivas cópias fer devião;  
 Tem propria luz, que liberaes derramão,  
 E já mais dos seus tronos se desvião.

9

Cad' hum destes, que Soes chamar devemos,  
 Tem em torno de si número certo  
 D'outros astros escuros, que illuminão  
 A huns de longe, a outros de mais perto.

10

D'estrellas, e Planetas povoado  
 Se vê o immenso vacuo immensuravel:  
 De Vassallos, e Reis compõe-se os Povos,  
 Que povoão nosso astro variavel.

11

As luzentes estrellas desde o centro  
 Dos seus extensos, sólidos systemas,  
 Influindo nos astros, que as rodeião,  
 As distancias acclarão mais extremas.

12

Os Planetas em premio da clareza,  
 E attracção que recebem sem mudança,  
 Cad' um reconhecido o mais que póde  
 Ao feio bem-feitor grato se lança.

Def-

13

Destas duas recíprocas tendências  
 Tão igual, e constante he a harmonia,  
 Que produz o socego, a paz ditoza,  
 Que entre os ástros domina noite, e dia.

14

Agora vós, humanos, conhecendo  
 Que não há bem, que ao bem da Paz exceda,  
 Dos Astros aprendei sobre este globo  
 A nutrir entre vós a paz mais leda.

15

A humana gente, que povoa o mundo  
 Dividida respira em seus estados,  
 Em cujos centros, como em seus systemas,  
 Os escolhidos Reis são adorados.

16

Elles como as estrellas radiantes  
 Sobre os povos humildes, que os rodeião  
 Devem com igual mão derramar sempre  
 A luz, com que os exemplos alumeião.

17

Os Sóes attrahem benignos, carinhosos  
 Seus astros, e sobre elles diffundindo  
 Fétil, vital calor, nova existencia  
 Vão sempre nos seus seios produzindo.

18

Affim os Reis tambem entre os seus povos  
A Industria fomentando, e a Cultura:  
Devião influir, facilitando  
Os meios do prazer, e da ventura.

19

Com alguns dos Planétas as estrellas  
Repartirão da sua autoridade;  
Dos Satélites derão-lhe a regencia,  
Que exercitão com plácida igualdade.

20

Do mesmo modo os Reis dos apartados  
Povos, a quem por si dar luz não podem;  
A regencia entregar devem á aquelles,  
Que c'o as cegas paixões menos se engodem.

21

As estrellas porém com seus Planétas  
A influencia conservão mais estreita;  
Ellas lhes dão a luz, a actividade,  
Que distribue cad' um, tal qual a acceita.

22

Isto mostra aos bons Reis, que persuadidos  
De que os regentes são os seus retratos  
Com tenção de influir sobre elles sempre,  
Devem sempre escolher os mais cordatos.

Nos

23

Nos immensos espaços, em que gyrão  
 Sem nunca descansar globos luzentes,  
 Nunca rodou da vil discordia o pomo;  
 Nunca a intriga espalhou negras sementes.

24

E quereis a razão da paz ditoza,  
 Que entre os Astros constante sempre habita?  
 A' vil, torpe ambição não dão ouvidos,  
 Só em se conservar cad' um medita.

25

Entre as vívidas, lúcidas estrellas  
 Nunca disputas houve em harmonia:  
 Cada qual com a luz no seu systema  
 Derrama com prazer doce alegria.

26

Com seus sete Planêtas progressivos,  
 E com seus dez Satélites contente,  
 E satisfeita brilha a nossa estrella  
 De vassallos não quer número ingente.

27

Por ser de Sírío o mundo mais extenso  
 Nunca Procion se vio menos brilhante:  
 Aldebarán sem mágoas de Canópo  
 Vê a Corte maior, mais scintillante.

Af-

28

Affim, ó Reis, do nosso fertil globo  
 Suffocando a ambição vossos Estados,  
 Podião fer de paz favorecidos,  
 De rizonhos prazeres habitados.

29

E vós, humanos, que os celestes Deoses  
 Nos dominios dos Reis nascer fizeram,  
 Imitai dos Planetas a candura,  
 Com que a paz entre si guardar souberão.

30

Herfchel sua orbita não deixa,  
 Porque Venus mais perto ao Sol circule,  
 Nem Marte se embravece por Mercurio:  
 Não verão que Saturno á algum emúle.

31

Cada qual gyra manso, e socegado  
 Naquelle trilho, em que o firmou a forte;  
 Felizmente assim vão durando sempre  
 Livres de que o seu fio a guerra córte.

32

E se destas estrellas destinadas  
 Para acclarar os astros apagados,  
 Alguma se extinguisse, seus Planetas  
 Ficarião de toda a luz privados.

Apa-

33

Apagai pois, ó Luzos generozos,  
 Nos semblantes as luzes da alegria:  
 Deixai, que as vossas faces escureção  
 As sombras da letál melancolia.

34

A atraçoada Morte rigoroza  
 Apagar confeguiu o Astro luzente,  
 Que os Deoses tinham próvidos creado  
 Para illustrar o nosso Continente.

35

De todos os mortaes, que hoje respirão,  
 Certamente nenhum tinha mais lido  
 Neste importante livro, cujas folhas  
 Tenho por bem dos homens revolvido.

36

Jozé Augusto: Principe dos Luzos,  
 Como para reinar se vio no mundo,  
 De merecer o trono a feliz arte  
 Aprendeo com cuidado o mais profundo.

37

E achou tão importante, e proveitoza  
 A lição, com que os Ceos ao mundo ensinão,  
 Que á sua comprehensão não escapavão  
 Elles globos, que os Orbes illuminão.

Co-

38

Como os Deoses o tinhão produzido  
 Para espalhar no mundo luzes bellas,  
 Só a fim de aclarar os obsecados  
 A brilhar se enfaiaua co' as estrellas.

39

Vio pela reflexão, com que dos Astros  
 Calculava os constantes movimentos,  
 Que d'attracção, e repulsão provinha  
 O equilibrio em que girão luculentos.

40

Destas duas oppostas, vivas forças  
 O admiravel effeito conhecendo:  
 E outra tanta igualdade dos seus povos  
 No cálculo moral apeteendo.

41

Das suas sempre lúcidas idéias  
 Nutridas da lição c'o firme esteio,  
 Com a combinação clara, e sublime,  
 Que entre os mais dotes do alto Ceo lhe veio.

42

Comprehendeo, que o Amor a par do Odio  
 Só do reino moral erão agentes;  
 Que ambos pela razão avassallados,  
 Erão capazes de reger as gentes.

L

Re-

43

Reflectio, que o Amor entre os humanos  
Faz quanto na materia a Affinidade,  
Que une, aquecta, produz, e corrobora,  
E ás moléculas marca identidade:

44

Que o Amor leva o homem sempre a tudo  
Quanto a sua existencia guarda viva:  
E que o Odio o affasta da vereda,  
Que á sua duração fosse nociva.

45

Com estas convicções fortalecido  
De seu povo em si vendo os olhos fitos,  
Vendo-se produzido para exemplo  
De alçar virtudes, de prostrar delitos:

46

Desde os seus tenros annos cuidadozo  
Mostrou ceder tambem ás duas molas,  
Que no reino moral influem tanto,  
Que de temprallas já traçava escolas.

47

Entre as suas acções fizudas sempre  
O seu amor ao bem resplandecia:  
E do seu odio ao mal qualquer que fosse,  
Tambem o feio rosto descubria.

Os



48

Os seus puros costumes bem mostravão,  
Que se estes dous principios nos humanos  
A energia tivessem necessaria  
Para fomentar bens, e evitar danos.

49

Dos Burlama ques, mais dos Pufendorfos  
Guardára as reflexões menos volume,  
E da sã Natureza os sãos direitos  
Os homens zelarião por costume.

50

Infelizes de nós, já que bens tantos  
Da Morte nos roubou a crueldade:  
Do exemplo, que nos deo em quanto vivo,  
Procuremos tirar utilidade.

51

Sobre os montes, e valles inda a Noite  
Em liberdade vagarosa gira:  
Cansados olhos meus.. chorai sem fusto..  
E tu, meu peito.. sem pavor suspira.

52

Perdêmos-te, Jozé.. Principe excelso..  
Vaga sem fusto pérvida Lifonja..  
Tu que absorves dos povos a substancia,  
Como o húmido licor absorve a esponja.

53

Torna a ti dos ataques convulsivos  
 Que as entranhas crueis te devoravão,  
 Ao veres que os teus sórdidos Ministros  
 Indecizos ante elle se ficavão.

54

Mais que Jozé ninguem em tal idade  
 O humano coração conheceo nunca:  
 Nem o Sueco affectado, que do Narva  
 As campinas com Russos mortos junca.

55

Que os homens todos á Ambição tributão,  
 O nosso affavel Principe sabia:  
 E que huns no templo a buscão da memoria,  
 Outros do Potosí na cava fria.

56

Conhecia que a hum Rei indispensavel  
 O tino he sempre quando faz escolha:  
 Para os Océvios distinguir dos Jójces,  
 Quando com attenção para elles olha.

57

Depois de findo este importante estudo,  
 E os homens conhecer pelos semblantes:  
 Depois de neste livro, quasi immenso  
 Ter feito as reflexões mais importantes.

58

O Castigo, e o Premio o convencêrão  
Do alto poder, que nos humanos tinhamo:  
Que os Hélvios esperanças arrastavão,  
E os Duríngs só com penas se continhão.

59

Achou que de pagar nobres excessos  
Não contenta a mesma arte os homens todos:  
Que differindo sempre nas idéias,  
De premiaes ha diversos modos.

60

O' Longa Espada, só de Affonso Henrique  
Se dá por pago com os são louvores:  
E Heliodóro dos Cofres chapeados  
Aspira só aos lúcidos favores.

61

Da Zenóbia do Norte, da Heroína,  
Que dos antigos Scytas valerosos,  
Os robustos, activos descendentes  
Hoje busca fazer povos ditozos:

62

Dos felizes effeitos, que produzem  
Nas gentes, que Rourík tyrannizára;  
E que Pedro por fim depois de sabio  
De sua alma illustrou com a luz clara.

Da

63

Da Varonil Mulher... de Catharina...  
 A's mãos, e ao rosto conheceo devião;  
 Armas, Artes, Sciencias, e Commercio,  
 Os altares, que em Rússia se lhe erguião.

64

Já tambem nosso Principe avizado  
 Com estas reflexões, bem convencido  
 Dos meios todos, que domina o trono,  
 Prudente desejou tirar partido.

65

A' maneira do Sol, que com seus raios  
 Nos entes produzidos vida augmenta,  
 Que os pássaros canoros despertando  
 Da Noite as negras aves affugenta.

66

Do rosto os attractivos judiciozo,  
 E cordato de forte moderava,  
 Que os culpados co' os olhos reprehendia,  
 E os justos com forrizes premiava.

67

Assim o nosso Principe já tinha  
 Nas feições de seu rosto tal concerto,  
 Tão justa economia entre os agrados,  
 E o ar de gravidade real, aberto.

Que

68

Que dirigido já de ler nos homens  
Pela facilidade extraordinaria:  
Senhor das propensões, que a cad'um delles  
Dicta a organização, que os rege varia.

69

Do semblante c'hum leve movimento  
Nos tímidos valor introduzia,  
Os já desesperados animava,  
E as esperanças de cad'um nutria.

70

Dos agrados d'hum Rei sabia tanto,  
Quanta foi, e será a força sempre:  
Conhecia tambem não haver peito,  
Que com favores hum bom Rei não temp're.

71

Com seus ternos affagos carinhosos,  
Do seu bom coração annunciadores,  
Fez-se tanto adorar entre os seus povos,  
Que ao seu sepulcro vem soltar clamores.

72

Enviados por elle erão capazes  
De obrarem mais por mar do que Néarco:  
De se expôrem a mais que Públio Décio,  
De praticarem mais do que eu abarco.

Além

73

Além do facil, importante modo  
De animar os sensíveis com affagos,  
Fraze com que os bons Reis podem mil vezes  
Felizmente evitar cruéis estragos.

74

Sabendo ser maior em toda a parte  
O número dos animos rasteiros,  
Que aspirão mais á Prata, do que ás glorias:  
Mais ao Oiro, que aos bronzes verdadeiros.

75

Inda que a condição destes mais baxa,  
Era por elle affás bem conhecida:  
A possível, maior utilidade  
Ambicionava delles extrahida.

76

Sempre de cada qual fabio estudando  
O modo de pensar já contemplava;  
Em dos genios tirar utilidades,  
Assim a reger homens se ensaiava.

77

Esta série de idéias attendiveis  
Com seus finos anneis encadeadas,  
O forão conduzindo ao vasto Imperio,  
Onde o Oiro dicta aos homens leis doiradas.

He

78

He subterraneo, e fundo o Templo escuro,  
 Em que de torpes, vís ambiciozos  
 Se compõe a cohôrte desprezivel  
 Dos Ministros do Oiro sequiozos.

79

Com medo de perder seu trono antigo  
 Já mais da terra larga o vasto feio:  
 Do nascimento seu no frio leito  
 Rege o mundo, fingindo estar alheio.

80

De todos quantos Reis no mundo imperão  
 Emissarios recebe de contino:  
 Em muitas mil porções distribuido  
 Vai dominallos com rigor ferino.

81

As porções, que de si aos Reis envia  
 Os seus agentes são mais cavilozos,  
 Que Tisaphérno, Aráspe, Ariaméno  
 Nas suas commiões astuciozos.

82

Dos Reis apenas á presença chegão,  
 Com o pezo se mostrão debruçados;  
 Mas em breves instantes muda a forte,  
 Passão nos tronos logo a ser croados.

Com

83

Com o seu resplendor tanto os Reis cegão,  
 Que o filho Prúfias vil lhes sacrifica,  
 Antípatros a Mãe, o Pai Phráates,  
 Philopátor a Esposa, e irmã dedica.

84

E para os convencer da afeição terna,  
 Que ao tyranno do mundo guardão cegos,  
 Os alumnos de Marte põe no campo,  
 Lizandro lhe resgata os mesmos Gregos.

85

Em sacrificio ao Oiro arrebatados  
 Dos Deoses despojar vão os altares  
 Nabucodónozor, Cambízes, Pháylio;  
 Co' roubo se enchem de terror os mares.

86

Attentado não ha..vil; feio crime,  
 Que por meio dos Dóricos doirados,  
 Em honra do metal que o mundo rege  
 Se não tenham já visto entronizados.

87

Ao virtuozo, puro Philopémen  
 Com oiro corromper buscou Sparta:  
 E Dario confegue que Udiaste,  
 Com o sangue do amigo a ambição farta.



88

Jugúrta destemido com o oiro  
Os chefes perverteo da altiva Roma,  
E pérfidos depois comprão a Boco  
O seu genro infeliz com menor soma.

89

Do oiro á infaciavel fede quantas  
Cidades forão já sacrificadas,  
Atila só por oiro o Tibre affusta;  
Syla as gregas muralhas vê prostradas.

90

Do ardente feio de encarnadas chammas  
Por entre erguido fumo espesso, escuro  
Em faíscas desfeita a antiga Sardes  
A's nuvens sóbe sem valer-lhe o muro.

91

Com fangue humano o Oiro as ondas cora  
A' vista da affustada Salamina,  
Tanto, que a espuma, que guarnece as vagas,  
Já fahe vermelha, quando o mar se inclina.

92

Xerxes por oiro vai dos Jónios mares  
Rafgar os hombros com dez centas quilhas,  
E faz com tres milhões de armados Perfas  
De Achelo-o fugir as lindas filhas.

Náo

93

Não he sómente não dos Imperantes  
De quem recebe o Oiro sacrificios:  
Os Pródicos tambem sabem ás vezes  
Seus direitos munir, ser-lhe propicios.

94

Timágoro venal na illustre Athenas,  
De que a virtude só pura consiste,  
No são desinteresse teve exemplos;  
Mas de Artaxerxe ao oiro não resiste.

95

De Sóphoclés os filhos vís, ingratos  
O Pai sacrificar buscão ao Oiro:  
Cerauno o Bemfeitor; Scáuro á Patria;  
Táurion o amigo com brutal desdoiro.

96

A opinião fatal, que os homens liga,  
He quem lhe guarda só o preço inteiro,  
Tanto, que o ferro já Lacedemonia  
Lhe antepóz, sendo muito mais rasteiro.

97

Mas a pezar das raras qualidades,  
Com que o mesmo Estrabão o Oiro exalta:  
A pezar da voraz, acre ferrugem,  
Nunca poder no Oiro induzir falta.

A'

98

A' eterna duração, inda que altivo,  
Sempre intacta descobre a aurea frente:  
Do áccido nitrozo na agua forte  
O effeito inda que em si já mais consente.

99

Ainda que dos géneros preciosos,  
Que formou desvelada a Natureza,  
Seja o loiro metal o mais perfeito,  
O buscado com mais crua avareza.

100

Tanto que o miseravel Píthio avaro  
Por amor do seu oiro não dormia:  
E Perugíno sem seu oiro ao lado  
Já mais de hum sitio ao outro se movia.

101

Inda que já de Pydna á aurea caverna  
Pagar-lhe forão annual tributo  
As pérolas, que o Sol ao nascer cria;  
E do Búcinno antigo o rubro fruto.

102

Com os cinco metaes seus inferiores,  
Inda que a Prata o faça seu Sobrano;  
A adoração fervil da pedra limpa,  
Que Rússia guarda, inda que aceite ufano.

Pos-

103

Posto que do aureo Sol vendo-se filho  
 Seu aureo Sceptro sobre o mundo estenda :  
 Inda que aos Reis da terra , ao Rei d' Olympo  
 Vassallos defraudar cégo pertenda :

104

Affim como dos Lízias , dos Libanios ,  
 Dos Múmios , Scypiões , dos Aristídos  
 Adorações já mais lhe conseguirão  
 Seus Ministros por vís aborrecidos :

105

Affim como vencer não póde nunca  
 Do áccido marino a força activa ,  
 Affim do meu gentil Principe amado  
 A grande alma encontrou avessa , esquiva .

106

A Hidra , o Javali , o Leão fero  
 Não venceo mais robusto Alcides forte ,  
 Que o Principe Jozé venceo do Oiro  
 A intrigante , sagaz , bruta cohorte .

107

Persuadido que dos quatro Imperios  
 Ouvida a historia , unicamente o Oiro  
 Fora como do luxo Pai corrupto  
 Quem os Sceptros quebrou , murchára o loiro .

A'

108

A' vista do horrorozo quadro, aonde  
Os excessos do Oiro vê com pranto  
Mais vivos do que a sorte de Ephigenia  
Com o brando pincel expoz Timanto.

109

Vendo do mundo todo, em todo o clima  
Da Natureza Mái rotos os laços;  
Vendo do pejo, e honra, da decencia  
As miudas cadeias em pedaços.

110

A fim de libertar feu povo amado  
De tão péssima, e dura tyrannia,  
Reduzir conseguiu o invicto monstro  
Ao poder, que a Razão nelle infundia.

111

Já como ao virtuozo fabio Gélias  
A influencia do Oiro avassallava:  
Só para resgatar das mãos do Fado  
Aquelles, que a desgraça subjugava.

112

Com o exemplo de Augusto, conhecendo  
Que sem homens não ha ditozo estado,  
Na educação feliz de homens perfeitos  
O oiro, que era feu, tinha empregado.

Em

## 113

Em attenção ás Artes, e ás Sciencias,  
 Se acazo algum mancebo descubria  
 Capaz de ser Euménio, Théspis, Xanto,  
 Timócraro, ou Silánio, o protegia.

## 114

Co' Oiro a emulação nutria entre elles  
 Como fecunda Mãi, a quem as Artes  
 De Píndaro devião as estrofes,  
 De Pharrázio os trofeos, luz de Descartes.

## 115

Em ferrolhar o Oiro entre os limites  
 Da utilidade pública estudava,  
 Para tello por fim domado, e manso,  
 Quando chegasse a ser o que esperava.

## 116

Do Oiro tinha tanto calculado  
 O dominio geral, que se propunha  
 Com elle a praticar ditozos planos,  
 Que com altas idéias já compunha.

## 117

De Hypéridas no vil procedimento  
 Vio os damnos da sórdida avareza,  
 E assentou em que hum Rei já mais he digno  
 Se em premios repartir não tem grandeza.

Em

118

Em paga de tão sólida constancia  
 Conheceo ser depósito o tezoiro,  
 Onde como no mar a agua se ajunta  
 Dos estados se vai juntar o Oiro.

119

E que affim como a sabia Natureza  
 As aguas de tal forte economiza,  
 Que depois de regar valles, e montes,  
 Os mares outra vez grata indemniza:

120

Affim hum sabio Rei se quer fecundos,  
 E ditozos fazer seus pátrios Lares,  
 Tão franco deve abrir os seus tezoiros,  
 Como francos seu seio abrem os mares.

121

Fazendo circular affim seu sangue  
 Do Estado os membros Bemfeitor anima,  
 E depois de já bem fortalecidos,  
 Grato cad' um taõ bem o reanima.

122

Defta circulação do Oiro lavrado  
 Quanto he precisa a sã economia,  
 Da prodigalidade nos effeitos  
 Com madura attenção prudente via.

M

Via

123

Via que dos Erários a substancia  
 Devia só nutrir utilidades,  
 E não projectos vãos, aéreos planos,  
 Dedicados a vans identidades.

124

Por fim tinha Jozé prudente, e sabio  
 Sujeitado á razão do Oiro o uzo:  
 Tinha podido subjugar o monstro,  
 Que tantos males fez com feu abuzo.

125

A' gloria caminhava, quando a Morte  
 O punhal lhe cravou... ah tristes gentes!  
 Vossos rostos feri.. mandai aos Deoses,  
 Por ver se os abrandais, vozes doentes.

126

Morreo o Bemfeitor.. tão excessivo,  
 Que pode mais vencer, sendo mancebo,  
 Do que Mínos vencêra, quando velho  
 Foi as sombras reger do fundo Erébo.

127

Ah Lizia! triste Lizia... já não vive...  
 Vamo-nos abraçar co' a pedra fria..  
 Vamos chorar sobre ella, em quanto os prados  
 Encher de nova luz o novo dia.

NOI-







João Thomas da Foz. <sup>aa</sup> inv.

Ventura da S.<sup>a</sup> exc.



*Jerônimo do Bary inv.*

*Ventura da 1.<sup>a</sup> est.*

## NOITE X.

I

**V**AMOS, coração meu.. vamos gemendo  
Ver convertido em mar o nosso Tejo:  
Eton, e Flégon já desfalecidos  
Sobre as ondas pouzar seu carro vejo.

2.

O Sol já terminou mais este dia,  
A quem segue de perto Noite escura:  
Esta reproducção de luz, e trévas,  
Mostra de tudo o fim, a pouca dura.

M ii

D<sup>o</sup>

3

D'Austral Zona gelada os moradores,  
 Que de Argos vem os olhos scintillantes,  
 Preparão-se a gozar hum longo dia  
 Coroado de lúcidos instantes.

4

Não vos cegueis porém do Austro, ó viventes,  
 Não vos cegueis do tempo co' a mudança..  
 Olhai, que ha-de roubar-vos Velocino  
 As luzes, que vos deo hoje a Balança.

5

Tambem rizonha a forte aos nossos campos  
 Tinha hum Principe dado, em cujo rosto  
 Brincando mil nutridas esperanças  
 No seio do prazer nos tinhamo posto.

6

Mas a Morte feroz.. a Morte avara  
 Matando-o suffocou nossa alegria..  
 Poz-se o Sol, que alegrava os nossos campos :  
 Fugio de nós o mais sereno dia.

7

Hoje choramos mais amargamente,  
 Que do Septentrião as frias gentes :  
 Assim he que os enluta a escura Noite ;  
 Mas esperão gozar dias luzentes.

Nós

8

Nós porém..de Jozé..já renascidas..  
 Não veremos já mais as esperanças..  
 Chorai..Luzos fieis..soltai gemidos  
 Castas donzellas..arrancai as tranças.

9

Em todas essas terras, que encruzados  
 Abrangem ao redor os dois Coluros;  
 Principe mais chorado inda não virão,  
 Passados annos, nem verão futuros.

10

Mas..ai..Patria adorada..ah Lusitania,  
 Supponho ha pouco tempo aqui chegaste;  
 Transportou-me o pezar, como provarão  
 As vozes, que admirada inda escutaste.

11

Sim..o pezar em mim produz effeitos,  
 Que nunca produzio paixão alguma:  
 Ora me eleva aos desiguaes Cometas,  
 Ora me abate d'Aquerónte á escuma.

12

Que autómato infeliz não he o homem  
 De mil contradicções raro composto:  
 Dando os seus interesses por quimeras,  
 Parece que a si mesmo nasce opposto.

Va-

13

Vario por natureza, por capricho,  
 Por froxa educação, por vil costume:  
 Nunca está satisfeito; sempre geme,  
 Envolto de mil sustos no negrume.

14

Se se vê de Sultão alçado á gloria,  
 Qual Carlos deixa o trono aborrecido..  
 Se desfruta ignorado a liberdade,  
 Qual Xisto busca ver-se aos Ceos erguido.

15

Se passeia do Ménalo nos bosques,  
 Pelos jardins suspira de Corcyro..  
 Se de Páphos se vê entre as rozeiras,  
 Lembrão-lhe os cardos da dezerta Scyro.

16

Da fertil Cerazónta inadvertido  
 Deixa as rubras cerejas saborozas;  
 Pelas bolotas, que no Epyro engordão  
 Da Arcadia as feras, ríspidas, cerdozas.

17

Fecundo Pai de estéreis, vãos dezejos,  
 Que de Saturno co'a brutal fereza  
 Elle mesmo devora, raras vezes  
 Se encoستا do seu bem sobre a certeza.

Trás

18

Trás d' huma gloria vã arrebatado,  
 Cego se lança aos enublados ares:  
 Piza sem precisão ardentes Líbyas,  
 Por capricho se lança aos bravos mares.

19

Feliz confervação, doce socego  
 São os bens de que o homem mais precisa;  
 Porém de Jano, e d' Esculápio os Templos  
 São os que louco menos vezes piza.

20

De si mesmo inimigo ás paixões cegas  
 Larga seu corpo, e alma inteiramente:  
 Sua ruina desde logo forjão,  
 Illudido porém nella consente.

21

Quanta razão não temos de gritarmos  
 Dos humanos mortaes contra a loucura?  
 Quão caro nos sahio o fútil cazo,  
 Que o homem faz da Sciencia a mais madura!

22

Mil vezes vendo a sabia Natureza  
 O desgarrado homem esquecido,  
 Do que mais o interessa, de si mesmo  
 Para as fúteis quimíras distrahido:

Ven-

23

Vendo, que quando só devia attento,  
 Consultalla fiel contra os seus males;  
 Aproveitando os bens, que lhe offerece  
 Nos verdes prados, nos sombrios vales:

24

Vendo, que em consequencia do descuido  
 Morre antes de chegar seu termo dado,  
 Delle compadecida lhe apresenta  
 Hypócrates, que excitem seu cuidado.

25

Mas elle que em errar tem só firmeza,  
 Aproveita o favor subindo aos montes:  
 Sobre elle Tiko-Bráhe perde o seu tempo  
 Em os passos contar dos quatro Ethontes.

26

Errou Ptoleméo; mas logo veio  
 Da Prússia, quem mais sabio o erro emenda:  
 Copérnico rasgou em fim de todo  
 Da ignorancia fatal mais esta venda.

27

Em fim sabemos, que nos leva a Terra  
 Em torno do abrazado Sol brilhante:  
 Elíptico fez Kepler nosso rumo,  
 Newthon delle nos deo prova bastante.

Já



28

Já vemos sem receio o vagarozo  
Astro, que a cauda ante o seu Sol desdobra:  
E o ígneo Meteóro, que da Noite  
Corre entre as sombras qual aceza cobra.

29

Os ângulos reflexos, e incidentes  
Da Luz tem sido tanto combinados,  
Que o Telescópio achou mais hum Planeta  
Nos espaços talvez nunca sonhados.

30

Accrescentando a pequenez estranha  
O Microscópio já fez conhecidos,  
Os Mites té agora imperceptiveis  
Por falta de Drobéles instruidos.

31

Em leves tafetás já reprezado  
O gaz ás nuvens levantando a gente,  
Verifica de Dédalo os desejos,  
E a astúcia de Simão deixa patente.

32

Alegre triunfou o homem soberbo..  
Já trilha os ventos; sobre os soltos ares  
Já firma o seu docel: achando estreitos  
Sua louca ambição os longos mares.

No-

33

Novas combinações, e as infinitas  
Mil modificações, qu' a ágil Materia  
Sem nunca descansar ata, e defata,  
Mais varia, que entre as flores foi Gliceria.

34

Para eterno esplendor da Italia toda  
Maféi o sabio descubrio ás gentes,  
Hum Phenómeno eléctrico ignorado,  
Os inflammados raios ascendentes.

35

O Abbade Chápe, laureado Membro  
Dessa Congregação de homens preclaros:  
Dessa illustre Académia Parisiense,  
Fecunda Mãi de Heroes nas Sciencias raros.

36

O Abbade Chápe, que nos deo Casino  
Por mais recommendar os conductores;  
Eléctrica tambem nos mostra a terra,  
Lançando ás nuvens raios destruidores.

37

Repartidos se vem já nos tres Reinos  
Os trages, que a Materia larga, e tomã:  
N'um existe quanto he informe, e rude,  
Nos dois quanto vegéta, e idéias foma.

Da

38

Da retalhada terra nas entranhas  
 Póde a ambição abrir tão funda mina,  
 Que do affectado luxo os vís altares  
 Já matiza tambem a alva Platina.

39

O aureo filho do Sol, o aureo topazio,  
 A azul zafira, a esmeralda verde,  
 Que produz vagarosa a Natureza  
 A Química em formar já não se perde.

40

O célebre Adanfón expondo ás claras  
 Dos vegetaes a geração pasmoza:  
 Declarando uniféxas as Palmeiras,  
 Hermaphrodíta a Túlipa, e a Roza.

41

Já nos descobre mais este segredo  
 Dos muitos, que em seu feio inda encubria  
 De fingidos absurdos entre as sombras  
 A engenhoza, sagaz Mythología.

42

Já sabemos, que Dáphne no momento,  
 Em que os despídos pés sentio desfeitos  
 Em torcidas raizes, e os dois braços  
 Viçozos ramos de loireiro feitos:

Que

43

Que de Pyramo, e Tysbe o quente fangue,  
 Quando da sua cor deo ás Amoras:  
 Jacinto, e Lotho, Dríope, e Narcizo  
 As forças conservarão productoras.

44

Júfio das Plantas indagando o reino:  
 Bérgman suando na fornalha aceza:  
 E Mónro co' scalpelo enriquecêrão  
 A arte de guardar a vida illeza.

45

As bellas Artes, Artes carinhozas,  
 Que são das Sciencias juvenil ornato,  
 Tambem do nosso século doirado  
 Embelecem o lúcido retrato.

46

Garção, e Kléist, Metaftázio, e Pópe  
 Com tantos frutos, e viçozas flores  
 Das nove Irmans ornarão as grinaldas,  
 Que já se esquecem de anciãos Cantores.

47

Aiden, e Nicolai, Rameau, e Soiza  
 A arte de abrandar os troncos duros  
 Tanto exaltarão, que tambem abrandão  
 Feras, e penhas bronzeados muros.

Da

48

Da creadora, sabia Natureza  
As gentís producções tão variadas  
Em cores, geitos, fórmãs, caracteres,  
Com que todas se mostrão decoradas.

49

Da inimitavel Natureza n' Arte,  
Que os rasgos com pinceis ao vivo imita,  
Distinguirão-se Smit, Arlaud, Vieira,  
E outros, que a Historia com vaidade cita.

50

Esse fecundo Pai das incertezas  
O Acazo Padroeiro dos humanos,  
Inda, que ás cegas sobre os entes lança  
Muitas vezes cruel, súbitos damnos:

51

Por mãos de Finiguerra na Toscana  
Aos homens deo a liberal Gravura,  
Arte, com que os burís em cobre lizo  
Os rasgos multiplicação da Pintura.

52

Nesta Arte delicada, e portentosa  
Tem eternos louvores merecido,  
Bovarlé, e Edelinck, Audran, Carmona  
Silva, e Frois nossa Croa hão guarnecido.

Nes-

53

Nessa de Policléto arte divina,  
 Que de mármore, e bronze alçando vultos,  
 Obteve para Lízipo, e Machado  
 Seus alumnos fieis eternos cultos.

54

Nessa arte que o síncel ou move astuta  
 Tanto, que anima a pedra, se fabrica;  
 Ou lança em receptáculos cavados  
 Metal fundido, que ao depois se explica.

55

De Luiz Quatorze Girandón co' a estatua,  
 E do sabio Jozé, Jozé Primeiro  
 O Colosso tirando d'hum só jacto,  
 Nosso Costa aturdio o mundo inteiro.

56

De São Sulpício os alicerces fundos:  
 São Paulo em Londres templo magestoso:  
 De Mafra o edificio, e de Lisboa  
 O aqueducto magnífico, e pompozo.

57

Esta espaçozza praça deleitavel,  
 A quem deo liberal Commercio o nome:  
 A quem paga tributo o Indo, o Ganges,  
 Temendo, que outra vez o Luzo os dome.

To-

58

Toda esta Cidade, que das cinzas  
Qual outra Fénis renasceo mais linda,  
Erguida por hum Rei, por hum Ministro,  
Que a ter mais tempo a ennobrecêra ainda.

59

Os outros sumptuosos edificios,  
Que este século deo ás Catharinas,  
Aos Carlos, Jorges, Frederícos, Luizes,  
E aos senhores das cinco Luzas Quinas.

60

Essa arte, que até os Ceos torres levanta,  
Quando á soberba caprichoza serve:  
Neste século obteve monumentos,  
Que Saturno voraz jura conserve.

61

Os novos Reis porém já mais prudentes  
Em lugar de Pyrámides erguidas,  
De Obelíscos inúteis, curvos arcos,  
De circos, de muralhas desmedidas.

62

Em lugar de nutrir de seus vassallos  
Co' importante fuor fofa vaidade,  
Abrem fundos canaes, estradas novas,  
E alicerces, que dão á utilidade.

Da

63

Da Natureza o proceder constante  
 Nos seus principios sempre invariaveis:  
 E a coherência, com que ella da materia  
 Os elementos volve inalteraveis.

64

Por effeito da sólida certeza,  
 Com que nas suas leis sempre consente:  
 Em louvor da immutavel consistencia,  
 Com que nunca a si mesma se desmente.

65

A Aguia de Alexandre, do grão Numã  
 A Ninfa, de Sertorio a Corça amada;  
 E do falso Mafoma a Pomba terna  
 Talvez fosse entre nós hoje apupada.

66

Os pobres, perseguidos moradores  
 Dessa a mais infeliz das novas Ilhas;  
 Da rica São Domingos, que medroza  
 A verde frente inda ergue entre as Antilhas:

67

Os povos por Colombo intimidados  
 Com o rosto da Lua escurecido,  
 Da sua desculpavel ignorancia  
 Tirar não deixarião já partido.

In-



68

Inda que hoje eclipsado o Sol fugisse  
 Romanzóf, e o Vizír não tremerião:  
 Como Alyates Lydio, e Ciaxáres,  
 Que armados vendo tal esmorecião.

69

Becaría, Brisót, e de São Pedro  
 O Abbade dos humanos Protectores;  
 A campo destemidos já sahirão,  
 Dos homens arrostar os destruidores.

70

Os Chefes da Nação, á cujas proas  
 Se não querem oppôr com medo as vagas;  
 Que amontoas cruel Sul, quando irado  
 De Jove o trono co' a verde onda alagas.

71

Os Britanos Catões compadecidos  
 A favor dos humanos mais escuros:  
 Já buscão sem temor despedaçar-lhes  
 Da vil escravidão os ferros duros.

72

O habitador dos montes abrazados,  
 Que a ígnea Zona com feu fogo tosta:  
 Tanto que fatigado o turvo Zairo  
 Do quente Congo no areal se encosta.

N

O

73

O inculto Orang-Outano té agora  
 Pela altiva Soberba despedido,  
 Da classe dos humanos reclamado  
 Já por Lineo se vê ao bem perdido.

74

As Górgonas medonhas, os Centauros:  
 Horrorozos Pitões também fingidos:  
 E os mais espectros, com que os seus direitos  
 A Ignorancia alcançou ver protegidos.

75

De Bodíno as idéias monstroozas,  
 Que o Reino da Impostura alçarão tanto,  
 Nem aos que ainda entre as faxas balbucião  
 Ministras pôdem já convulso espanto.

76

De Laudun as manhozas vizonarias  
 Nem Leonor Gangé com os seus fonhos;  
 A pública attenção conseguirião,  
 Não foão já nos templos ais medonhos.

77

Concíno o infeliz, nem Grandiéro  
 Não se verião já sacrificados  
 De absurdos feminís aos desvarios  
 Tão fataes nesses séculos passados.

Theo-

78

Theophrastos , Catões , os Epictetos  
 Hoje tem na Moral atrás deixado ,  
 Os Philósofos sãoz nossos coevos ,  
 Que tem á Humanidade trono alçado.

79

O tempo gastador tem finalmente  
 Despedaçado os vís , os ferros duros ,  
 Com que a torpe Ignorancia aferrolhava  
 O triste humano em seus covis escuros.

80

O bárbaro , cruel , pérfido Engano  
 Larga o sceptro de ferro violento :  
 Das Preoccupações acompanhado  
 Vai no Averno occupar negro apozento.

81

Da Santa Paz seguindo o aureo trilho  
 Da Sciencia a nós chegou a luz preclara :  
 Dissipou da Ignorancia a sombra espeda  
 Como as nevoas do Sol a face clara.

82

O pobre Humano , que gemia atado  
 De fatáes illuzões ao duro cepo ,  
 Já quasi solto lança fogo ao tronco ,  
 Cujas vergontas por seu bem decepo.

83

Em fim chegando vai o feliz tempo  
 De respirar a Illustre Humanidade :  
 Os Deoses queirão cure bem as chagas,  
 Que da oppressão lhe abrio a crueldade.

84

Os homens felizmente já cordatos  
 O mal, só porque he mal, de si alheião :  
 Defabuzados já a Deos só temem,  
 E os Reis, que em nome delle as Leis esteião.

85

Da Moral nos recónditos arcanos  
 Os homens da razão favorecidos,  
 Mil preoccupações tem debellado,  
 E abuzos, que as Sphinges mais temidos.

86

Bouffón, e d'Upfal o avizado Mestre  
 A Química, e Botánica illustrando  
 Da Natureza achárão nos tezoiros  
 Riquezas, com que os Halers vão brilhando.

87

A Fama grita parabens aos Deoses,  
 Os homens já suppõe illuminados ;  
 Cegos co' a falsa luz, té os Lapónios  
 A ignorancia lamentão dos passados.

No

88

No vasto, erguido Templo de Saturno,  
Onde em fundos sepulcros cavernozos,  
Os séculos, que passam vão ficando,  
Da Morte entre os horrores pavorozos.

89

Onde os mortos instantes, mortas horas,  
Onde os mortos cadáveres dos annos,  
Em subterraneos ámbitos escuros  
Participão da sorte dos humanos.

90

Diz a Fama... que as Artes, e as Sciencias  
Hum túmulo soberbo tem formado,  
Para eterna fazer a gloria illustre,  
Que tem o nosso século croado.

91

Embora o Mauzoleo aos Ceos se eleve:  
Peónio os seus rivaes embora dome;  
Tanto, que lá no Templo da Memoria  
Da leal Arthemiza risque o nome.

92

Bem fei o condecorão mais os bustos  
Dos dois Jozés, do grande Frederico:  
De Carvalho, de Pitt, Kaunitz, Vergennes,  
E muitos outros, com que o julgo rico.

Con-

93

Confesso que ha de ser para o futuro  
 Dos séculos o mais ennobrecido ;  
 A's Artes bellas , as profundas Sciencias  
 Poz degráos , com que ao summo as tem subido.

94

Entre os seus setecentos mil volumes ,  
 Que Brúchion não guardava concedamos  
 Tão sãos conhecimentos , como aquelles ,  
 A cuja luz em fim já respiramos.

95

Porém o nosso Principe adoravel ..  
 Neste tempo feliz , e illuminado ..  
 Na flor da sua idade .. ah Ceos .. expira  
 D'Ofmans , e Boheráves rodeado.

96

Amiga Luzitania .. a Noite negra  
 Foge do rosto da gentil Aurora :  
 Os seus membros no carro espreguiçando  
 Desce á Caverna , onde Euridíce chora.

97

Vai o dia acclarando os nossos campos ;  
 Mas nossos corações já nada acclara ,  
 Tanto , que a ter mais boccas mais gemera ;  
 E a ter mais olhos , muito mais chorára.

NOI-

XLVIII





João Thomas da Foz. inv.

God. sc. Lr.





*J. de Barros inv.*

*J. F. de Guirões sculp.*

## NOITE XI.

I

**H**OJE mais cedo vim do que devia  
 A' longa praia, que inda está com gente:  
 Onde me escónderei? .. mas todo o mûdo  
 He dezerto, ao que vive descontente.

2

Que agradável painel para os ditozos,  
 Que de magoas tiverem a alma izenta..  
 Com que doçura encrespa o vento as agoas..  
 Com que doçura o mar brando rebenta.

Co-

3  
 Como as boiantes Náos prezas aos ferros  
 Estão sobre a corrente descanfando..  
 Como cheias de Zéfros as vélas,  
 Os barcos devagar se vem chegando.

4  
 O doirado reflexo do Occidente,  
 Que vista offrece aos olhos bem enxutos:  
 Meu triste coração, não te distraias;  
 Não involvas prazer em negros lutos.

5  
 Phebo ao Escorpião já deo seus raios,  
 E os merecidos ais medrozos voão..  
 Ah quanto cresce, ó Ceos, minha amargura  
 Ao ver que o mundo as prevenções povoão.

6  
 Depois dos elementos homogéneos,  
 E heterogéneos pôr em movimento:  
 Depois de dar acção ás limpas aguas,  
 Luz ao espesso ar, azas ao vento:

7  
 Depois do elementar calor interno  
 Dar aos montes de ramos verde grenha:  
 Depois de ornar com flores as campinas,  
 E os valles revestir de espessa brenha:

De-

8

Depois de povoar a Atmosphera  
 De matizadas, voadoras aves,  
 Que harmoniozas vozes espalhando,  
 Fazião resoar éccos suaves:

9

Quando já despontava as frescas ervas  
 A feu sabor entregue o manso gado:  
 Quando as doiradas nuvens salpicava  
 O Golfinho soprando o mar salgado:

10

Quando os flóridos ramos se dobravão  
 Com o pezo dos pomos laborozos;  
 E os rudes animaes livres corrião  
 Pelos prados, e valles deleitozos:

11

Deo a tudo o creado a Natureza  
 Hum Rei, que no feu Orbe dominasse:  
 Vio-se o homem no trono collocado  
 Dos Entes superior a qualquer classe.

12

Logo desde o principio as creaturas  
 A's superiores Leis obedientes,  
 Pagárão-lhe rendidas vassallagem,  
 Como ao Ente maior entre os mais Entes.



O

13

O soberbo Leão humilde, e mánfo  
 Ledo açoitando com a cauda as ancas;  
 E o mosqueado Tigre carinhosozos,  
 Vierão-lhe lamber logo as mãos brancas.

14

O seu triunfo as Aves com doçura  
 Nos ares, e nos bosques festejarão;  
 E por dar-lhe prazer em torno d'elle,  
 Os Zéfiroz alegres fufurrarão.

15

Qual povo agricultor, que a vez primeira  
 Em tropel se apresenta ao Rei, que o rege,  
 Do qual hum só não ha que impaciente,  
 Ser entre os mais fitado não dezeje:

16

Affim cada huma das viçozas flores  
 Dezejava pelo homem fer colhida:  
 Das frutas cada qual ambicionava  
 Entre todas as mais ver-se escolhida.

17

Eis-aqui como o homem desde logo  
 Prostrado a seus pés vio todo o Universo;  
 A formar seu prazer concorreo tudo,  
 Nada achou repugnante, nada adverso.

Po-



18

Porém este feliz, ditozo estado  
 Em breve terminou sua loucura,  
 Abuzando da doce liberdade,  
 Sua forte ampliar cego procura.

19

Destes vís, desleaes, fúteis dezejos,  
 No coração humano concebidos,  
 Nascêrão as paixões, nasceo o Capricho,  
 E outros monstros fataes aborrecidos.

20

Da pérfida Ambição logo esta prole  
 Fermentou dos humanos a desgraça;  
 Elegêrão por Chefe o vil Capricho,  
 Que fero a perdição dos homens traça.

21

Enlaçando principios, fez systema,  
 Cujó cruel objecto só consiste;  
 Em converter hum Ente venturozo,  
 De entre todos os Entes no mais triste.

22

No espírito, que livre já domina,  
 Do bem real apaga toda a idéia:  
 E á vista dos seus já impuros olhos,  
 O livro das Quimeras só folheia.

E

23

E para o indispôr co' a Natureza,  
Grita-lhe, que com elle foi mesquinha;  
Que aos outros Entes dera armas, e forças,  
Que unicamente ao homem dar convinha.

24

Que o fizera pizar a dura terra,  
Deixando ás aves remontar-se aos ares;  
Que entre estreitas balizas o encerrára,  
Sonegando-lhe avara os longos mares.

25

Cahio infelizmente o homem cego  
Nestas de vil Capricho, vís ciladas,  
E cheio de si mesmo furiozo,  
Rompeo da Natureza as Leis sagradas.

26

Traidor, qual foi depois na Azia Artabano,  
Levantar-se intentou co' o Imperio alheio:  
Quiz nadar... quiz voar... quiz em Deosar-se,  
E acabou por morrer de mágoas cheio.

27

Nasceo livre, e depois correndo o tempo,  
Elle mesmo prendeo seus pés em ferros:  
Nasceo puro, innocente, nasceo justo;  
Mas perverteo-se em fim cedendo aos erros.

Co-

28

Coarctou sua doce liberdade

A ponto de encubrir tudo o que sente;  
No principio a Verdade lhe inspirava,  
Hoje he louco chamado, se não mente.

29

Em fim por cume da cruel desgraça,  
Que elle por suas mãos proprias forjára,  
Se víctima não quer fer da franqueza,  
Do peito sentimentos não declara.

30

Seu círculo he possível, que pudesse  
O homem reduzir a tão estreito,  
Que não possa explicar d'alma as idéias,  
Sem da Verdade víctima fer feito?

31

Ente o mais infeliz por tua culpa,  
De quantos fez viver a Natureza;  
Deixa-te confundir, pensando hum pouco  
Do teu presente estado na estreiteza.

32

Clara Verdade! a quem os Deoses justos  
Inspirar-me talvez hoje mandarão..  
Ah! diçtame a favor dos cegos homens  
Versos, que n'outro tempo os illustrarão.

D'

33

D'hum Príncipe fiel, que de Congfuzio  
 Já tinha a rectidão na mocidade:  
 A lembrança me encheo de altas idéias.  
 Ah! dicta-me verdades, sã Verdade.

34

A dor he de Ariadna o certo fio,  
 Que me guia no escuro labyrintho,  
 Tanto da sã Moral, como no estreito  
 Atalho da razão, que hoje vos pinto.

35

O destino cruel roubou-nos fero  
 Hum Príncipe entre os mais tão excellente,  
 Que a lembrança das suas qualidades  
 De Phebo excita em mim a chamma ardente.

36

A pura Gratidão faz que interpréte  
 Do Príncipe melhor os sentimentos,  
 De sua alma fiel as fans idéias,  
 Do terno coração os movimentos.

37

Sendo pois minha Guia hum fabio Augusto,  
 Que de aos homens fer útil, foi morrendo  
 Entre os fieis dezejos, nada admira,  
 Que eu lhes queira fer útil escrevendo.

Def-



38

Desde que os homens açaimar quizerão  
 Suas bocças, e ás mãos lançar algemas;  
 E das rans ao exemplo, Reis pedirão  
 Do Ceo ás Divindades mais supremas:

39

Desde que elles se virão obrigados  
 A pedirem aos Ceos Pompílios justos,  
 Que defendendo as Leis á sua sombra  
 Os deixassem dormir livres de sustos:

40

Desde que para o bem das Sociedades  
 Entre os homens ha Reis, cujo cuidado  
 Sciencia, zelo, e valor á seu proveito  
 Se veja unicamente destinado:

41

Desde que o Mundo Principes obteve,  
 Nenhum com tantos rogos foi pedido:  
 Dos Antíochos, Cyros, nem Seléucos  
 Nenhum foi por seu povo tão seguido.

42

De quantos no áureo Templo da Memoria  
 Vem cercados de luz seus limpos bustos  
 Em premio do cuidado, que empregarão  
 Pelo nome alcançar de bons Augustos.

Dos

43

Dos bens, que póde dar a Natureza,  
 Mais ornado nenhum ao mundo veio;  
 Trouxe do grande Avô as qualidades,  
 Benigna a Mãi lhas deo dentro em seu seio.

44

O Primeiro Jozé, o forte Alcides,  
 Que Lizia te livrou de crus abuzos,  
 De vís superstições, brutos costumes,  
 De vans inclinações, bárbaros uzos:

45

O amigo dos Solões, dos Philostratos;  
 O Protector das Sciencias, e Artes bellas:  
 Que em terra fez temer teus estandartes;  
 E respeitar no mar as tuas vélas.

46

Por hum seu Fenelón fabio, e sezudo  
 O coração pulio do lindo Neto:  
 Das puras mãos deste avizado Mestre  
 Sahe Jozé instruido, serio, e reto.

47

A cuidadoza Mãi, que vigilante  
 Nelle hum completo Rei formar dezeja,  
 Mais a hum novo Aristóteles o entrega,  
 Que da sua instrucção os passos reja.

El-

48

Estes dois fabios Mestres cuidadosos  
 Tanto por nosso bem se desvelarão,  
 Que em quatro Lustros inda não inteiros  
 Dois Principes perfeitos nos formarão.

49

Hum o vivo João, que o Ceo nos guarde:  
 Outro o morto Jozé.. que em vão choramos,  
 Por quem.. tristes de nós.. em vão gememos,  
 Por quem.. em vão as tranças arrancamos.

50

Trinta vezes o Sol não tinha entrado  
 Do redondo Zodíaco nas cazas,  
 Desde que por Jozé nascer aos Luzos  
 Vio ternos Vivas facudir as azas.

51

Já tinha de Sabíno as justas luzes,  
 A arte de Pergéo rival do engano:  
 D' Artémon as idéias engenhozas,  
 E o tezoiro immortal de Pédiano.

52

Entre os alumnos do fatal Mavorte,  
 Mas necessario por fatal desgraça:  
 Era fabio Turéna, Címon justo,  
 E até já de Proxénes tinha a graça.

O

Eis

53

Eis huma copia breve do vivente,  
 Que no tempo mais crítico o destino  
 Nos roubou a pezar dos tristes gritos,  
 Com que aos Ceos nos queixamos de continuo.

54

Ah! triste condição da pobre gente,  
 Variedade fatal nas creaturas!  
 O Principe ao nascer troufe alegrias,  
 O Principe ao morrer deixa amarguras.

55

Os gostos, e afflicções encadeados  
 Enchem dos pobres homens sempre a vida;  
 D' uns n' outros vai saltando involuntario,  
 Té o instante chegar seu homicida.

56

Nos braços tenros d' huma terna espoza,  
 Croão a Carlos mil gentis Amores,  
 Na praça de Whitchal seu regio fangue  
 Sem pejo vertem rábidos traidores.

57

Da humilde Cunerisdorf nos arrabaldes  
 Frederico.. Victoria.. ás tropas grita..  
 Eis chega Láudon, que lhe arranca a palma,  
 E o põe na confuzão do triste Arsita.

Híe-

58

Hieron troca pelo arado o sceptro,  
 Pelo alto folio deixa o campo Numa:  
 Vio-se Icaro em escuma convertido,  
 E Ericina nasceo da mole escuma.

59

Este certo cahir do summo ao nada,  
 O possivel voar do nada ao summo:  
 A passagem da dôr ás alegrias,  
 O ver o gosto convertido em fumo.

60

A alternada mudança necessaria,  
 Se quizermos suppôr do homem o estado,  
 Faz com que o variar, tendo por uzo,  
 Voluvel nunca firma o seu cuidado.

61

Distrahido mortal, tu que insensato  
 Tua constituição cego examinas:  
 Tu que em chão plano a medo os passos moves,  
 Tu, que outras sem pensar te determinas.

62

Tu, que sabio te julgas, e infallivel  
 Sobre os outros viventes esparzidos,  
 Olha que sem sentidos não és nada,  
 E que elles já te excedem nos sentidos.

63

O alto estado te expuz , em que estiveſte ;  
 Pintei-te o precipicio em que cahiſte ;  
 Quero pois conduzir-te enternecido  
 Com os chorozos ais , que eſpalhas trifte.

64

Da tua ſituação tira partido ,  
 Faze nella por ſer o mais ditozo ,  
 Que as várias circumſtancias permittirem ,  
 Forceja por viver menos queixozo.

65

Quando a louca Fortuna entre forrizos  
 Derramar ſobre ti os ſeus tezoiros :  
 Se as pedras do Oriente em ti luzirem ,  
 Quando te coroarem creſpos loiros.

66

Não te deixes cegar pelos reflexos  
 Das luzes , que ao redor de ti brilharem :  
 Nem illudir tambem pelos louvores ,  
 Com que os falſos Filócles te incenſarem.

67

Olha que a Sorte vária he mais conſtante  
 Em Cézares proſtrar nos Capitólios :  
 Do que pobres Ventídios ignorados  
 Aos cómmodos erguer dos altos fólios.

Quan-

68

Quando erguido te vires, treme, treme,  
 A quasi certa quéda já prevendo:  
 Olha, que o homem louco fez-se estranho  
 A tudo o que não he viver gemendo.

69

Do que mais te convem persuadido,  
 Busca a fantá Virtude carinhoza;  
 Nos seus braços te deita sem receio,  
 Nella a mãi acharás mais extremoza.

70

Ella moderará tua inconstancia,  
 Nutrirá tua paz, o teu focego;  
 Contra as cegas paixões ha de escudar-te,  
 Ha de vingar-te do Capricho cego.

71

Ella te ensinará a ser benigno  
 Com aquelles, que vires abatidos;  
 Sezudo, ferviçal, e verdadeiro  
 Com os outros, que aos Ceos vires erguidos.

72

Ella mesma a teus olhos dará pranto  
 Na falta dos Varões assinalados:  
 Lágrimas te fará verter sem susto,  
 Por quantos merecerem ser chorados.

El-

73

Ella te animará a dar gemidos  
 Dos Atalos, e Joães ás tristes mortes;  
 Só dos Neros, e Phálares nas vidas  
 Se não devem fentir da Fúria os cortes.

74

Homens, chorai em fim para mostrardes  
 Que não estais de todo pervertidos:  
 Que inda nos corações guardais apego  
 Aos bens da alta Virtude esclarecidos.

75

Quanto he vario o Destino! quão volúvel  
 Dos homens distribue as varias fortes!  
 A huns castiga com eternos loiros,  
 Premeia a outros com infaustas mortes.

76

Do segundo Jozé, que a Fama eleva  
 A vida confervou, vida importante,  
 Para ver a seus pés hoje lançado  
 D'Osman Baxá o marciál turbante.

77

O alento lhe guardou, para que alegre  
 Nas triunfantes mãos de Láudon serio  
 Visse reverdecer de novo a palma,  
 Com que Eugénio illustrou Aguias do Imperio.  
 Pre-



78

Previendo a gloria, com que herbicamente  
De premiar exemplo aos Reis daria  
Croando a frente impávida, que em breve  
O plano de vencer formar devia.

79

Permittio que Jozé, Jozé Segundo  
Fosse vendo croados os seus planos:  
Porém do nosso Heroe cortando a vida  
Que altos bens não roubou aos Luzitanos.

80

Chorai .. chorai .. afflicto, noite, e dia  
A falta d'um mancebo virtuozo:  
Lamentai de Jozé a auzencia dura.  
Ah! faze-o reviver .. oh Ceo piedozo.

81

Ah Lizia! .. vem comigo, e abraçada ..  
Verás co' a fria campa endurecida  
Por seguir da Virtude os documentos,  
A Conforte do Principe querida.

82

Verás cubrir com as madeixas soltas,  
E humedecer com pranto a lagem dura,  
A Esposa mais fiel, que Amores virão  
Desde que de Hymineo arde a luz pura.

Ma-

83

Maria Benedicção, tão ornada  
 De raras perfeições, de qualidades,  
 Que do amor de Jozé a acharão digna  
 Do Olimpo as justas, celestiaes Deidades.

84

Maria Benedicção, oh Luzitanos...  
 A vossa amiga, cândida Princeza...  
 Aquella, que em seus braços apertava  
 O Objecto digno de immortal tristeza.

85

Maria Benedicção inconsolável,  
 Em quem lugar não tem pueris mudanças,  
 Sobre o negro sepulcro está chorando  
 Suas, e as nossas mortas esperanças.

86

Tristes soluços.. lúgubres gemidos..  
 Da enlutada Maria em torno voão:  
 E por entre o vapor, que a Morte exhala,  
 Os ais batendo as negras azas soão.

87

Com a Esposa adoravel chorar vamos..  
 Vamos unir aos seus nossos queixumes..  
 Vamos, que já do Sol a face clara  
 Vai da Noite apagando os claros lumes.

NOI-





*Jer. de Barroy inv*

*Caspar Froy sculp*



*Ter. a. Barna inv. esc.*

*Lichten.*

## NOITE XII.

I

**S**AUDOS do Sol, que fatigado  
No regaço de Thétis escumozo  
Reclinar-se já vai: os brandos ventos  
Revoão pelo valle, e prado ervozo.

2

Do Sol vendo-se auzente o velho Tejo;  
Se encoستا adormecido sobre a Urna,  
E da grenha enfopada a agua, que escorre  
Entre os juncos se estende taciturna.  
Com

3  
 Com a falta da luz, do Sol distantes  
 As vernizadas frutas, mais as flores  
 Cubrindo-se de lânguida tristeza,  
 Perdem as engraçadas, várias cores.

4  
 As rezes innocentes, que animadas  
 Com o calor do Sol contentes pastão,  
 Da Noite intimidadas com a vista  
 Das longas várzeas já tristes se affastão.

5  
 Os ribeiros azues, os frescos rios,  
 Que c'os raios do Sol trémulos brilhão,  
 Já cubertos de sombras tenebrozas  
 As miudas areias manfos trilhão.

6  
 As aves, que entre os ramos prazenteiras  
 Na presença do Sol humas cantavão;  
 Outras as brandas penas sobrepostas  
 Com os bicos sonoros concertavão:

7  
 Ausentes d'elle, e dos seus vivos raios  
 No mais espesso, e fundo do arvoredó:  
 Saudozas se escondem, sem da Noite  
 Perturbarem o fúnebre segredo.

8

Porém agora, que do Sol na auzencia  
Magoados os Entes produzidos;  
Com o pezo das pálidas faudades  
Espalhados estão adormecidos.

9

Nós, que perdemos muito mais do que elles,  
Pois perdemos tambem as esperanças,  
Comecemos de novo, Lizia amada,  
A lamentar da Morte as esquivaças.

10

Choremos por Jozé.. fim, lamentemos  
A morte de quem tanto nos amava;  
A morte d'um mancebo generozo,  
Que em fazer-nos ditozos só pensava.

11

Ah! quero consolar-te, afflicta Lizia,  
Se tanto confeguir acazo póde  
Hum triste coração, que magoado  
As rubras azas já mortal facode.

12

De minha dor entregue ao vário impulso,  
Querida Luzitania, me esquecia  
Referir-te as noticias, que o teu Genio  
Trouse dos campos, onde mora o dia.

Ho-

13

Hoje estava gemendo, quando o vejo  
Arrebatado vir abrindo os ares  
Em busca do sepulcro luctuozo  
Com rosto limpo de fataes pezares.

14

Logo que me avistou, com voz alegre  
Gritou.. Ah meu Mirtylo amargurado!  
Alvícaras, ..o Principe, que choras  
Respira nos Elízeos coroados.

15

Eu já sentia o coração tão cheio  
De mágoas, ansias, afflicções, e dores,  
Que o prazer forcejou por entrar nelle  
Impedido c' os férvidos clamores.

16

Mas com tudo, a certeza indubitavel  
Do feu eterno estado venturozo,  
Algun tanto prendeo o meu tormento,  
Consegui meu pezar menos iroso.

17

Depois de descansar alguns instantes;  
(Continuou o Genio brandamente)  
Venho pasmado ao ver por bagatelas  
Os grandes bens, que perde a humana gente.

Lo-



18

Logo que por teus rogos obrigado  
Outra vez revolvi os ares soltos  
Em procura do Principe, que os Luzos  
Chorão da Morte no vapor envoltos.

19

Encontrei por acazo hum Genio amigo,  
Que chorando tambem triste voava:  
Perguntei-lhe tremendo o feu desgosto,  
Inda mais c' o a pergunta soluçava.

20

Instei com elle, encaminhando sempre  
Meu vôo a par do feu, e com ternura  
Me disse: Eu vou aos campos deleitosos,  
Onde o doce prazer constante dura.

21

Vou ver se encontro huma alma esclarecida  
Ao lado de Jozé Principe Luzo:  
De ouvir ais, e gemidos, brados, gritos  
Venho soltando o vôo quasi confuzo.

22

Do Principe, que morto chora Lizia  
A carinhoza Irmã já não respira:  
Abraçado com ella o meigo Esposo  
Sobre a face mortal em vão suspira.

Em

23

Em vão os Van-swietens são chamados  
 Com Armânia não forão mais ditozos,  
 Que o forão com Jozé.. Principe digno  
 De eternos monumentos gloriozos.

24

Accrescentei então, tambem ligeiro  
 Impaciente já venho buscando  
 O sitio, onde os ditozos são aceitos  
 O meu Principe amavel procurando.

25

Para consolação da amargurada  
 Rainha Luzitana, vou em busca  
 Dos campos do prazer contar ao filho  
 Quanto o nosso horizonte a dor offusca.

26

Em torno de Maria soberana  
 Tres lustros ha, que a Morte irada vóa:  
 Matou-lhe o grande Pai.. Pai dos seus povos  
 O Primeiro Jozé, que ergueo Lisboa.

27

Roubou-lhe a illustre Mãi, e de étre os braços  
 O Principe João sendo menino:  
 E duas filhas mais, á quem da infancia  
 A innocencia não deo melhor destino.

Suf-

28

Suffocou-lhe do Espozo o vivo alento ;  
 E depois mais que nunca embravecida,  
 A fim de ennobrecer mais seus furores,  
 Ao Principe Jozé tirou a vida.

29

Vida a mais precioza sobre todas,  
 Quantas cortar o seu furor podia ;  
 Vida , que da alma Ceres c'o as espigas  
 Já as frentes dos Luzos guarnecia.

30

Vida , que hoje aos Ulízeos , nobres Povos,  
 Mais lagrimas amargas tem custado,  
 Do que por Nikarágua virtuozo  
 A América infeliz tem derramado.

31

E inda não faciada de ruinas  
 Com o gume , em que tépido fumava  
 Do Principe gentil o puro fangue,  
 Matou a Armánia, quando o Irmão chorava.

32

Arrancando porém a illustre palma  
 A's mãos da alta Rainha dos Romanos,  
 Excedendo-a invencivel na constancia  
 De supportar mortaes, téttricos danos.

Qual

33

Qual sólido penedo incontrastavel,  
 Contra quem furiozo em vão se lança  
 O embravecido mar; assim Maria  
 Do Ceo nas decizões sabias descança.

34

Vendo tinha acabado o meu discurso  
 De novo o Genio a suspirar entrava;  
 E puchando do seu cansado peito  
 Novos gemidos, com que o ar toldava.

35

Exclamou..Inda mal, que semelhantes  
 São tanto as nossas commiões violentas,  
 Tu por Armânia, e eu pelo Irmão caro  
 Voamos entre nuvens macilentas.

36

Isto dito observei que, muito ao alto  
 Remontava seu vôo meu triste Guia;  
 A cauza examinei, e vi-me erguido  
 Sobre o valle, em que o Cérbero latia.

37

Tremendo a voz ergui.. vamos errados..  
 Esse valle, a que estamos sobranceiros,  
 He o valle horrorozo, onde em vão gemem  
 Tántalo com seus filhos carniceiros.

Por

38

Por isso... me tornou, ergui ao cimo  
 O meu rápido vôo: aos bens celestes  
 Não se póde chegar, sem se calcarem  
 Feros Atreos, pérfidos Thyestes.

39

Julgo disposição alta dos Deoses  
 Dos justos começar logo a ventura,  
 Por saberem o mal, de que os livrára  
 A sujeição ás Leis, que Astreia apura.

40

Não tardou muito tempo que não visse  
 O valle para traz ir-se ficando;  
 E em lugar dos escuros nevoeiros,  
 Doiradas nuvens clara luz soltando.

41

Livres já de perigo pouco a pouco  
 Sobre a terra feliz fomos descendo:  
 E alguns Favónios de pintadas plumas  
 Vierão para nós o ar fendendo.

42

Huma corda de montes, que formava  
 Em círculo dobrada huma ária immensa,  
 Continha dentro em si o Elízeo campo,  
 Onde a afeição ao bem se recompensa.

P

O

43

O monte circular n'hum sitio roto  
 Dava rizonha entrada ao reino eterno;  
 Onde as flores gentís da Primavera  
 Já mais desfolha desabrido Inverno.

44

Por mais que em torno os olhos espalhava,  
 Descubrir não podia senão flores,  
 Com que a felpuda relva matizada  
 Avivava em feu verde outras mil cores.

45

Os mesmos iguaes montes, que abraçados  
 Servindo estavam de muralha erguida,  
 Guarneção Sicómoros, e Murtas,  
 A roxa Olaia, a Alféna encanecida.

46

Dois corpulentos Loiros enlaçando  
 No cimo os seus viçozos, verdes ramos,  
 Em final de triumpho ennobrecião  
 A magestoza entrada, a que chegamos.

47

Por ambos irmos totalmente alheios  
 Do humilde, do terreno trage humano:  
 Entrámos cheios de prazer inteiro  
 Pelo reino feliz do desengano.

Dif-

48

Dispensa-me, Myrtilo, que te conte  
 O que observei no instante em que fui dentro;  
 Não tenho termos, expressões não acho,  
 Com que te eu pinte da Ventura o centro.

49

Livres da monotóna symmetria,  
 Vi por entre os corados Medronheiros,  
 Cheias de fruta; e flor diversas ramas,  
 Salpicava a Giesta os Azereiros.

50

A terra, que ao pizar-se era suave,  
 Forravão ervas mil todas cheirozas,  
 O Tomilho, Serpão, a Mangerona,  
 Entre as quaes rebentavão frescas Rozas.

51

Os Junquillos, as alvas Campainhas,  
 Açucenas, Rainúnculos, e os Lyrios,  
 As ervas matizavão: sobre os troncos  
 Os Jasmins se enlaçavão c'os Martyrios.

52

O cheirozo, o esquivo Alegra-Campo,  
 E a branda Madre-Silva de mãos dadas  
 Com os mais altos ramos se misturão  
 Das Pereiras c'os frutos carregadas.

53

Por entre as folhas, em que mais luzia  
 O verniz, quanto estavam mais viçosas,  
 Soltavão sem canfar vozes suaves,  
 Diverfas, lindas aves sonorozas.

54

Progne, sem se lembrar de antigos males,  
 Respondia á mimoza Philomela;  
 Cujos cantos alli são tão alegres,  
 Que fazem qualquer flor nascer mais bela.

55

Vi lagos mais formozos, que os de Hyría,  
 Cujas ferenas aguas crySTALLINAS  
 Erão mais claras do que as do Choaspe,  
 Correndo sobre margens de Boninas.

56

As focegadas aguas revolvía,  
 Enroscando o seu colo magestoso  
 O branco Cyfne, sem já ter lembrança  
 Da imprudencia de Phílio rigoroso.

57

Dos lagos ao redor havia assentos,  
 Não desses, que a arte faz c' o ferro duro;  
 Erão soltos pedaços de Oiro em bruto,  
 Que mostrava em luzir quanto era puro.



58

A riqueza das penhas augmentavão  
Os vermelhos Rubins, os Diamantes,  
Que de mistura c' o metal doirado  
Lascados scintillavão faiscantes.

59

Vi outras coizas mais, cuja belleza  
Explicar-se não póde sem engano:  
Este o sitio por onde livremente  
Passeia em fim sem susto o erguido humano.

60

Este o Reino da candida igualdade,  
Onde ao homem fiel faz venturozo  
A certeza em que vive, de que nunca  
Póde já contra o bem ser criminozo.

61

Só ás paixões attribuir-se deve  
Dos homens neste mundo o prejuizo;  
Mas como lá paixões não tem entrada,  
Dos justos a morada he Paraizo.

62

Achei entre humas altas Larangeiras  
O grande Dom Diniz com ledo rosto,  
C' o amavel Sydnei de braços dados,  
Tratando objecto, que lhes dava gosto.

Vi

63

Vi n' outro lado o nobre Cazimiro  
 A' sombra d' uns mui flóridos arbustos  
 Conversando c' o Aristo, a quem severo  
 Inda chamão por cá os varões justos.

64

Vi Trajano embebido com o nosso  
 Illustre Gil-hianes virtuozo,  
 Que attendeo de Pacheco mais aos feitos,  
 Que o Rei, a quem servíra valerozo.

65

Tambem nosso immortal João o Segundo  
 Com o incorrupto Tello consultando,  
 De espaço a espaço erguia as mãos ao alto,  
 Como algum cazo triste lamentando.

66

Vi Buzurge Mehír, Fernando, Alfredo,  
 Luiz Doze, e com feu Nuno João Primeiro;  
 De todas classes vi os homens justos,  
 Que o coração guardárão sempre inteiro.

67

Vi com satisfação, cheios de gloria,  
 Inteiramente em fim recompensados,  
 Todos quantos servindo á Humanidade  
 Forão por fazer bem assinalados.

E

68

E como lá da gloria a maior parte  
 Consiste do bem feito na lembrança;  
 Aquelle, que mais útil foi no mundo,  
 Nos Elízeos tambem mais gloria alcança.

69

Volvia impaciente a hum, e outro lado  
 Os olhos para achar quem procurava,  
 Quando ao longe applicando os meus sentidos,  
 Do Principe julguei a voz soava.

70

Tanto corri, que em fim achei a dita  
 De o ver entre alegrias encoestado  
 Ao tronco d'uma verde, alta Palmeira,  
 De outros Principes justos rodeado.

71

Explicar-te porém, ó meu Myrtilo,  
 Não posso a magestade graciosa,  
 Que espalhava entre quantos o cercavão  
 Do Principe a presença generosa.

72

Hum decizivo ar tinha entre todos;  
 Todos c'o a attenção, com que o ouvião,  
 Mostravão que das luzes, e talentos  
 A superioridade conhecião.

In-

73

Inda nos poucos annos, que o formárão  
De Jove arremedava a autoridade,  
Quando dos outros Deoses no conselho  
Expõe em grave tom sua vontade.

74

Por acazo João Principe egregio,  
Filho do Rei Catholico Fernando,  
A cabeça voltou, e logo a vista  
Por algum tempo sobre mim firmando:

75

Soltou em alta voz.. aquelle Genio  
Julgo, que de entre nós algum procura...  
Logo o Principe meu, seu rosto volta,  
E disse ao descubrir-me com ternura:

76

Chega-te para nós, Genio agradavel,  
De minha terna Lízia mensageiro;  
A seu Principe chega destemido,  
Abraça o Neto de Jozé Primeiro.

77

Graças vos dou, ó Deozes, por quererdes  
Que eu recebesse de meus Luzos novas:  
Quanto Genio feliz com tua vista  
Minha grata afeição hoje renovas.

Em

78

Em recompensa da paixão constante,  
 Que obtiverão de mim meus Luzitanos,  
 Chorarão mais João, que em tuá morte  
 Pelos campos de Hespéria os teus Hispanos.

79

Cada lágrima solta, que largarão,  
 Tinha sido por mim bem merecida:  
 Não houve inda Nação, que venturoza  
 Por seu Principe fosse mais querida.

80

O meu descanso, e paz, a vida mesma  
 Sempre menos amei, que a gente minha:  
 Só de ver os meus póvos illustrados,  
 Dentro em meu coração dezejos tinha.

81

Sim, meus Luzos fieis, vosso futuro,  
 E agradecido Rei já conhecia,  
 Da regencia de gentes tão illustres,  
 Quanto era precioza a alta valia.

82

E tanto o conheci, que não me accuza  
 Aqui mesmo a razão ter desprezado,  
 Para vir a ser útil aos meus póvos,  
 Por custozo que fosse algum cuidado.

Por

83

Por elles folheava noite , e dia  
 O Código da sábia Natureza:  
 Nelle aprendi primeiro a conhecer-me,  
 Para nos homens ler com mais certeza.

84

D' Euclides , com os sólidos preceitos,  
 Costumei-me ao amor da sã verdade,  
 Tanto , que dos Cretenses dera o sceptro,  
 Só por lhes não soffrer a falsidade.

85

De Plínio , e de Linéo com as fadigas  
 Da Matéria aprendi a força activa,  
 A fim de promover entre os meus póvos  
 A cultura em acção constante, e viva.

86

De Newton , e Leibnitz as descobertas  
 Nas luzidias azas me elevárão  
 Dos astros observar os movimentos,  
 E as Leis , que sempre firmes observárão.

87

D' Heródoto , Tucídides , Plutarco ,  
 De Lívio , e Jaques Thou a Historia lendo,  
 Creei apego aos bens da alta Virtude,  
 E infaciavel odio ao vicio horrendo.

Só

88

Só esta imparcial, severa Mestra  
 Convencer-me alcançou da seriedade  
 Do cargo, á que o Destino me guiava  
 Desde a minha primeira, tenra idade.

89

Ella me persuadio, de que os Estados  
 São inteiras familias numerozas,  
 De que os Reis são os Chefes obrigados  
 A fazellas durar sempre ditozas.

90

Que assim como hum bom pai sómente cuida  
 Em buscar de seus filhos a fortuna;  
 Em libertallos de crueis pezares;  
 Em tecer laços firmes, com que os una:

91

Assim hum justo Rei deve sómente  
 Na educação cuidar dos seus vassallos,  
 Propondo-se com penas reprimillos,  
 E com úteis affagos animallos.

92

A Historia me ensinou, que dos Procustos  
 O livre proceder ás gentes mostra  
 A dívida a que fica responsavel,  
 Quem os crimes punindo, o mal não prostra.  
 Apre-

93

Aprendi, que os Augustos imperantes  
 Vivem a toda a hora tão sujeitos  
 A tirarem dos povos, que governão  
 Do seu público em bem novos proveitos;

94

Que qualquer dos vassallos, que o seu tempo  
 Consome da inacção no mole feio,  
 E cad'um dos mendigos, que obrigado  
 Pede o pão, que lucrou suor alheio.

95

São outros tantos documentos vivos,  
 Que depõe contra o Pai do estado todo,  
 O qual deve partir seus bens de sorte,  
 Que de lucrалlos offereça o modo.

96

Hum Reino secundario, diminuto  
 Nunca aos Ceos levantar póde a cabeça;  
 Quando de dar acção geral aos povos,  
 Cravando o ferro em si cego se esqueça.

97

As antigas Repúblicas durarão,  
 Porque a todos, o Todo protegia:  
 E porque ao Todo todos reunidos  
 Servião ao depois com alegria.

Os



98

Os ociozos sempre dos Estados  
 Fermentando vão mudos a desgraça,  
 Pouco a pouco a substancia lhes consomem,  
 Qual ferrugem voraz, ávida traça.

99

A vil ociozidade he hum dos monstros,  
 Que deve pelos Reis ser debellado:  
 As fabrís Artes bellas dem-lhe auxilio,  
 E para as conservar o pínque arado.

100

De séculos em séculos correndo  
 O vão immenso, que descreve a Historia,  
 Separando as acções, que anima o erro,  
 Daquellas, que o feu vôo erguem á gloria.

101

Conclui d' huma vez, que a Independencia,  
 E a Força são as que erguem os Estados:  
 Que d' huma, fertil mãi, foi sempre a Industria,  
 Nutrem a outra Martes reforçados.

102

De Memphis, Babylonia, Sparta, Athenas  
 Vi a perturbação lançar as artes;  
 E fallando em geral, vi a Ignorancia  
 Ser dos homens tyranna em todas partes.

De

103

De Luiz Sétimo, e Nono as vans emprezas  
 Sempre desapprovei como danozas:  
 Dos Mários, e Alarícos conhecendo  
 As palmas por fanguíneas, vergonhozas.

104

A antiga, fabuloza idade d'Oiro,  
 Se era possível, procurei attento;  
 E vendo que das mãos dos Reis pendia,  
 Já dar-lhe me propunha cumprimento.

105

Disposto estava, meus queridos Luzos,  
 A mesma vida a prodigar contente,  
 Por cumprir o dezejo, em que eu ardia  
 De ver-me Rei d'huma ditoza gente.

106

Vendo, que de Anaxágoras á sciencia  
 Pericles feu saber todo devêra:  
 E do fabio Platão, luzes tão claras  
 O applicado Aristóteles houvera:

107

Vendo em Plutarco os fazonados frutos,  
 Que produzirão as lições de Aumonio;  
 Meus Mestres respeitei, quanto Graciano  
 Amou, e respeitou seu Mestre Ausonio.

Tan-

108

Tanto era de fazer feliz meu povo  
Sincero, e verdadeiro o meu dezejo,  
Que ver nunca podia hum desgraçado,  
Sem mostrar no meu rosto hum triste pejo.

109

Porém os Deoses, cuja sã vontade,  
Sem obstáculo algum dispõe de tudo;  
Já decretado tinha, que da Morte  
Cedesse antes de tempo ao ferro agudo.

110

Mas, ó sciencia Divina, que devemos  
Todos reconhecer obedientes:  
Para encher meu lugar, os Deoses rectos  
O meu Irmão crearão providentes.

111

Dêrão-lhe hum coração tão bem disposto,  
E ao que já me animava tão conforme,  
Que certo das funestas consequencias,  
Tambem aborrecia o crime enorme.

112

Ao meu lado constante a toda a hora  
Tambem comigo o tempo aproveitava;  
Com hum puro dezejo de ajudar-me,  
As artes de ser util decorava.

Quan-

113

Em premio de estudar a Natureza  
 Taõ bem chegou a ver, que ella sómente  
 Desfruta o privilegio de entre os homens  
 Produzir generosa, nobre gente.

114

Sabia, que os humanos respeitaveis  
 São aquelles, que a sabia Natureza  
 Enriquece com lúcidos talentos,  
 E não os que a paixão ás cegas preza.

115

Conheceo, que dos homens o mais nobre  
 He aquelle, que aos outros he mais útil;  
 Já sabia antepor merecimentos,  
 Da Descendencia vá á arvore inutil.

116

Por isso de entre os homens desprezava  
 Só os que via indignos de alta gloria,  
 Esses, que a Natureza produzira,  
 Como qualquer metal produz a escoria.

117

Quantas vezes as suas qualidades  
 Erguer aos limpos Coos me não fizeram  
 As mãos agradecendo-lhes rendido,  
 Porque benignos tanto o enriquecêrão.

El-

118

Elle era meu fiel , meu terno Acates ,  
 Com quem eu repartia os sentimentos :  
 Sempre minhas chamei suas idéias ,  
 E sempre feus chamou os meus intentos.

119

Nem os filhos de Atreo , nem Tito , e Lucio  
 Da fraternal , recíproca amizade  
 Tanto apertar puderão nunca o laço ,  
 Que de duas fizesse huma vontade.

120

E em prova de que nós o conseguimos ,  
 Nutríamos dezejos tão acordes ,  
 Que animar parecia huma só alma  
 Nossos dois corações sempre concordes.

121

Em premio do cuidado com que a nossa  
 Augusta Mãi , e Régia Soberana ,  
 D' ambos a educação auxiliando ,  
 Vigilante imitou Acia Romana.

122

De Cléobis , e Bíton c' o a ternura  
 No dezejo viviamos unidos  
 De ajudalla a fuster do sceptro o pezo ,  
 Vivendo ao seu querer sempre rendidos.

Q

Obe-

123

Obedecer da Mãi á sã vontade:

Os póvos dezejar aproveitados,  
 Erão sómente os nossos interesses,  
 Erão os nossos sempre iguaes cuidados.

124

Prendeo hum pouco a voz.. mas tornou logo  
 Vai-te, Genio leal, vai sem tardança  
 Contar como observaste os bens eternos,  
 Que o homem bem-feitor no Elízeo alcança.

125

A' minha terna Mãi corre primeiro;  
 E beijando-lhe a mão reconhecido,  
 Tu por mim lhe agradece a alta ventura,  
 A que por feu amor me vejo erguido.

126

Dos seus conselhos são, dos seus exemplos  
 Alegre desfrutar vim o proveito;  
 Sou nos campos Elízeos venturozo  
 Do seu zelo, e carinho este o effeito.

127

Busca a minha querida, doce Esposa,  
 E jura-lhe, que em premio da amargura,  
 Que o terno coração lhe vai gastando,  
 Do seu fiel Amor na auzencia dura:

A

128

A constante afeição, viva, suave,  
 Que ella mesma nutrir soube em meu seio,  
 Ao ameno, feliz, eterno campo  
 Dentro em meu coração intacta veio.

129

Que se ella de Cleónide, e Pantheia  
 Por mim geme no mundo co' a firmeza,  
 Eu excedo a Nicócles... que não choro,  
 Porque neste lugar não ha tristeza.

130

A meu prudête Irmão, que aos Deoses Santos  
 Quanto podia fer, tem sido grata  
 A sua exemplar dor, mais o carinho,  
 Com que a minha fiel Espoza trata.

131

Que em prova de que as suas qualidades  
 Dignas do excelso trono eu conhecia,  
 Condescendente mais, que Patezitho,  
 A croa lhe larguei com alegria.

132

Depois busca o sepulcro, onde o meu corpo  
 Entre lavrados mármores descança;  
 E diz á afflicta Lizia, que constante  
 Inutil pranto de seus olhos lança:

Que

133

Que do muito, que a amei, lhe peço em paga  
 Suas queixas suspenda, mais não chore;  
 Que affague a meu Irmão, pois lho merece,  
 Que sirva a minha Mãi, e os Ceos adore.

134

Os braços me estendeo por despedida,  
 Beijeilhe a mão benigna, e saudozo  
 Tornei por onde tinha antes passado  
 De deixar hum tal sitio pezarozo.

135

C'o a vista examinava os bens celestes,  
 De que já sem querer m'ia affastando;  
 Quando sobre a felpuda, amena relva  
 Vi quatro Varões sérios passeando.

136

Fiz nelles reflexão, e facilmente  
 O Pai reconheci dos Luzitanos  
 Jozé Primeiro, com o Quarto Henrique,  
 Carvalho, e mais Sully com seus Sobranos.

137

Dos nossos mais alguns Principes dignos  
 Juntos não muito longe conversavão,  
 E contentes tambem, vendo-se justos,  
 As eternas delicias desfrutavão.

Não



138

Não quiz interrompellos, vagarozo  
 Da lúcida morada vim sahindo:  
 De deixar tanto bem no peito sempre  
 Hum triste desprazer em vão sentindo.

139

Em fim.. aqui me tens, brando Myrtilo,  
 Completei felizmente o teu dezejo;  
 Chorar me deixa agora em liberdade  
 Sobre o corpo, já que a alma aqui não vejo.

140

Quem tiver coração sincero, e puro,  
 Póde suppôr o meu qual ficaria  
 No fim de narração tão extremoza,  
 Que as mesmas penhas suspirar faria.

141

Esta prova de novo indubitavel,  
 Do carinhozo amor, que nos conserva:  
 Da estranha vigilancia, do cuidado,  
 Com que do mesmo Elízeo nos observa.

142

No meu seio crescer fez tanto as mágoas,  
 De que minha saudade he mãe fecunda,  
 Que de novo os gemidos me suffocão,  
 De novo o pranto minha face inunda.

O

143

O meu pezar levou-me a hum tal extremo,  
 Que explicar já não posso quanto sinto:  
 Faltão-me as expressões .. o alento falta,  
 Só com ais minha dor .. ai .. triste pinto.

144

Principe virtuozo, amavel, fabio,  
 Do teu Myrtilo aceita os ais sentidos:  
 E os enlutados versos, que chorozos  
 Soltou meu coração entre gemidos.

145

De Amarilis gentil, quando os amores  
 Cantei, fiz jura aos Ceos, jurei á gente  
 Ao som de eburnea Lyra, em cordas d'ouiro  
 Algum dia cantar de ti sómente.

146

Porém o avesso Fado inexoravel,  
 O destino fatal, pérfido, esquivo,  
 Arrancando-te a vida precioza,  
 Tirou-me o gosto de cantar-te vivo.

147

Apenas expiraste em Lyra triste  
 De Ebano, do que a Noite mais escuro:  
 Ao som de dissonantes, ferreas cordas,  
 Que o meu pranto ao soar largavão puro.

Con-

148

Convidando a gemer os Ceos luzentes  
Os tronços, penhas, mar, o furdo vento,  
Com versos, que o pezar pode inspirar-me,  
Chorando-te cumpri meu juramento.

149

Engraçadas, mimosas, Ninfas ternas,  
Cujos versos iguaes o Tejo escuta,  
Rodeado de Zéfiros suaves  
Dentro da sua fresca, húmida gruta.

150

E vós, sonoros Vates Luzitanos,  
Que dos Gregos herdastes a doçura:  
Por cujos versos o Danúbio, o Tibre  
Suas frentes guarnecem de verdura.

151

Com loiros coroi os Pátrios Lares,  
Livres de sustos, afinai as Liras;  
E do travessão Amor ora deixando  
Os duvidozos bens, as certas iras.

152

Do Principe Jozé cantai vós quanto  
Não puderão colher meus versos rudes:  
Veja o mundo, que só foi dado ás Muzas  
O dom de eternizar altas virtudes.

Pru-

153

Prudente, e sábio, magoado Henrique,  
 Que á minha grata Lyra dás alento,  
 Venceo a minha dor, já mais não posso,  
 Calado imitarei teu sentimento.

154

Entristecida Lizia!.. ó invictos póvos!  
 Cahe-me a lyra das mãos, entre ansias fico..  
 Aceitai estes versos luctuozos,  
 Que sobre a fria lagem vos dedico.



*Jornal de Barros Fr. inv. sculp.*

F I M.

*Le.*



Dai ao voso Betas  
 tristes prantos  
 Tio, Mendego,  
 Devo e Guabiana  
 O Ludo e Ganga  
 dai she la outros  
 tanto.  
 Err.

L. R. Soyó inv. del. primo.....

Sculp. Lx.º



*Poezias já impressas de Luiz Rafael Soyé, que se vendem nas lojas de Francisco Tavares Nogueira, debaixo da arcada; na de Bertrand ao pé da Igreja dos Martyres; e na de Reycead ao Calhariz.*

**S**onho Erotico Poema Pastoril. 8.<sup>a</sup> rima. 6 Cantos. 1. vol. 8.<sup>o</sup> com estampas finas, e vinhetas. preço 600. encadernado.

Cartas Pastoris de Myrtillo escritas á sua Lyra na ausencia da Pastora Anarda, quadras octosyllabas. 1.<sup>o</sup> tom. em 8.<sup>o</sup> preço 480.

Dythirambos, Poezias Báquicas. 1. vol. em 8.<sup>o</sup> 480.

Noites Jozephinas á infausta morte do Serenissimo Senhor D. Jozé Principe do Brazil; 12. Noites, quartetos endecasyllabos. 1. volume com estampas finas. 8.<sup>o</sup> preço 1200. em papel.

*Poezias do mesmo Author promptas para o prélo.*

O 2.<sup>o</sup> Tomo das Cartas Pastoris.

Os Idylios, Canções, e Elegias. 1. vol. em 8.<sup>o</sup>

R

O

O primeiro Tomo do seu Theatro , que se compõe d'uma Comedia Original, *O Pai honrado* , em que o público vendo nella o vicio corrigido, e coroada a virtude, se convencerá mais evidentemente do sincero desejo que seu Author tem, e terá sempre de buscar o util por todos os modos que se lhe possibilitão.

Traducção em verso endecasyllabo folto da *Phedra* , chéfe de obra das tragedias do delicado Racine.

Dous Dramas.

Traducção literal em verso dos Salmos de David. 1. vol. 8.º

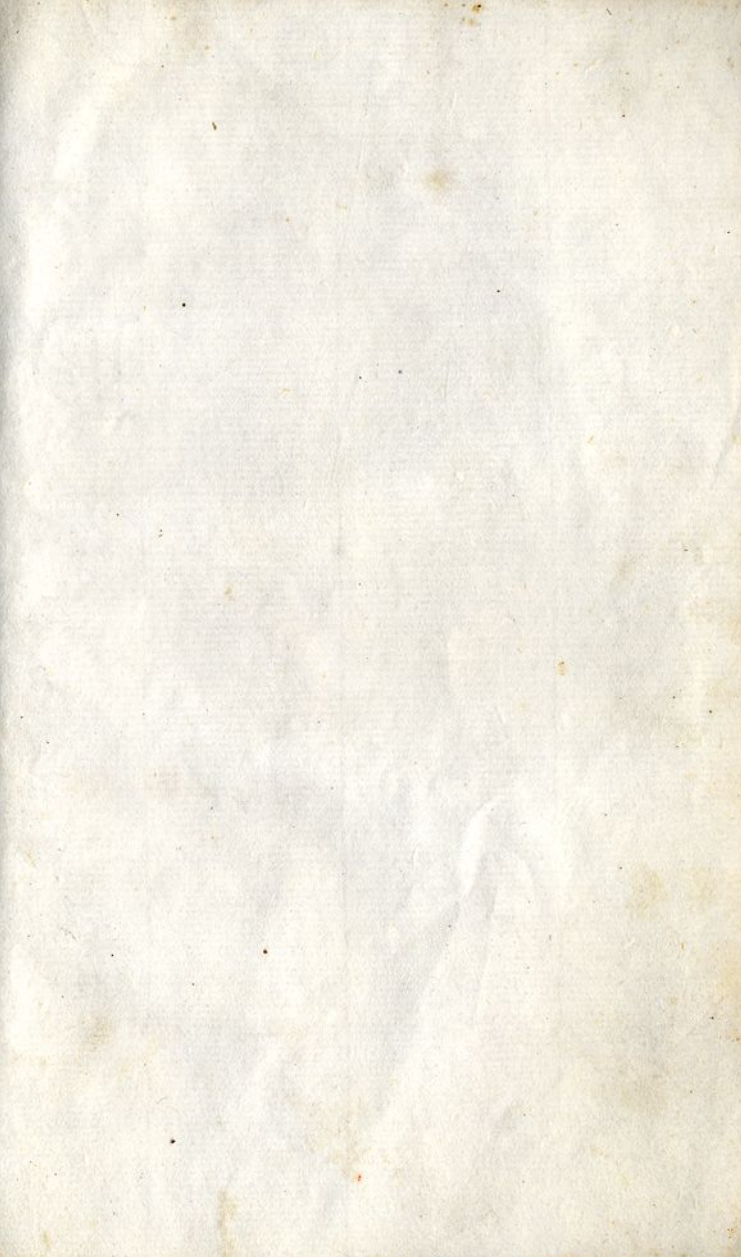
---

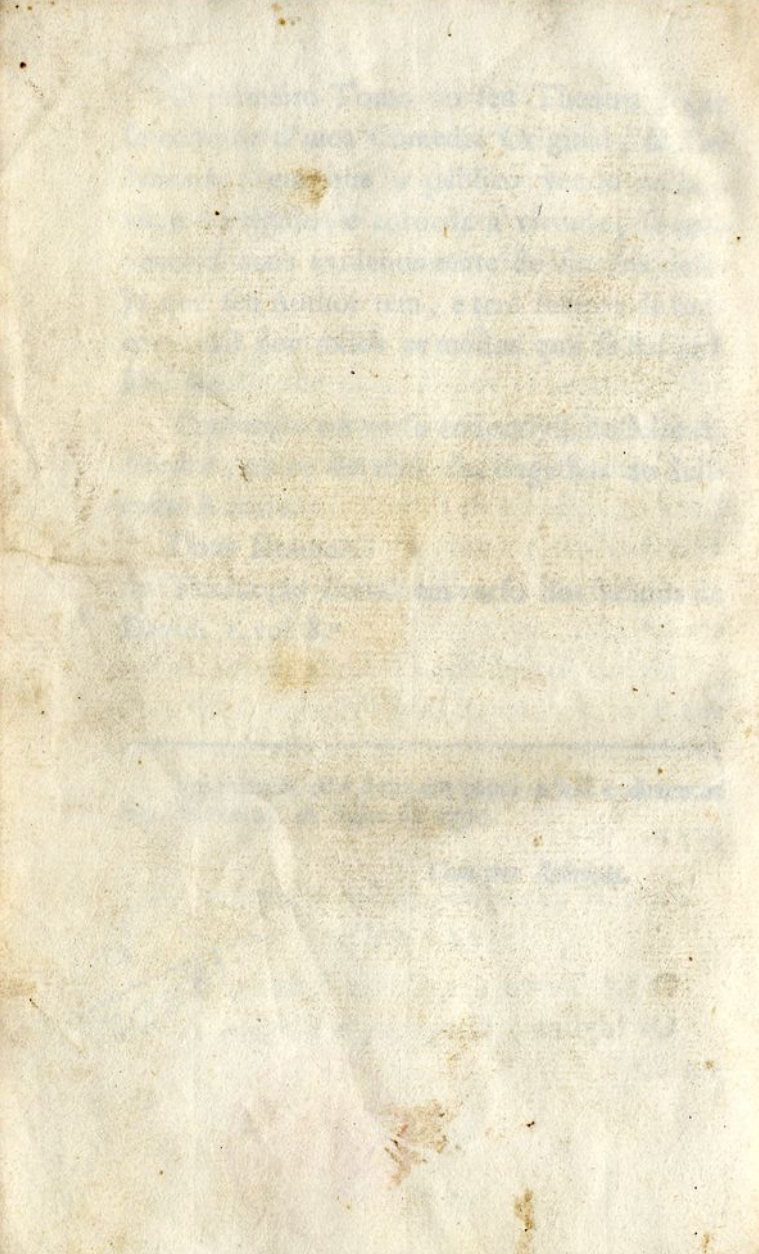
Foi taixado este livro em papel a mil e duzentos reis. Meza 23. de Julho de 1790.

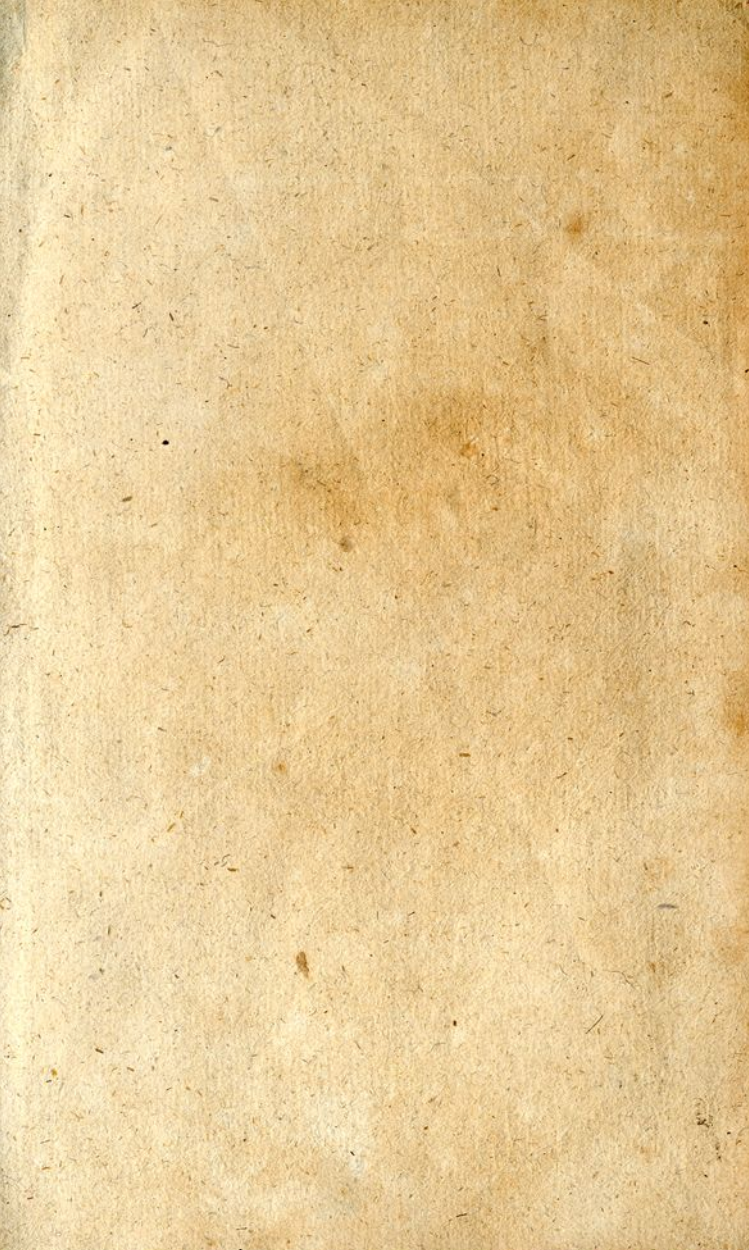
*Com tres Rubricas.*











Wm. Jones  
1860

